



**PPGEDUC**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão

**“NEM LÁ, NEM CÁ”: EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS NA JUVENTUDE E OS DESAFIOS DO RETORNO**

NELSON CÉSAR MARTINS



**UFG**

UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE GOIÁS

CATALÃO

2019

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR  
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES  
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico:     Dissertação     Tese

**2. Identificação da Tese ou Dissertação:**

Nome completo do autor: Nelson César Martins

Título do trabalho: "NEM LÁ, NEM CÁ": EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS NA JUVENTUDE E OS DESAFIOS DO RETORNO

**3. Informações de acesso ao documento:**

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

Assinatura do(a) autor(a)<sup>2</sup>

Ciente e de acordo:

Assinatura do(a) orientador(a)<sup>2</sup>

Data: 17 / 01 / 2020

<sup>1</sup> Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

<sup>2</sup> A assinatura deve ser escaneada.

NELSON CÉSAR MARTINS

**“NEM LÁ, NEM CÁ”:**

**Experiências migratórias na juventude e os desafios do retorno**

Dissertação apresentada à banca de defesa do Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Educação da Universidade Federal de Goiás Regional Catalão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação

Linha de Pesquisa: Leitura, Educação e Ensino de Língua Materna e Ciências da Natureza.

Orientadora: Professora Doutora Maria Zenaide Alves

CATALÃO

2019

## FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Martins, Nelson César

"NEM LÁ, NEM CÁ": EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS NA JUVENTUDE E OS DESAFIOS DO RETORNO [manuscrito] / Nelson César Martins. - 2019.

cl, 150 f.

Orientador: Prof. Dr. Maria Zenaide Alves.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Educação, Catalão, Programa de Pós-Graduação em Educação, Catalão, 2019.

Bibliografia.

Inclui siglas, abreviaturas, tabelas, lista de tabelas.

1. Migração de Retorno. 2. Juventude. 3. Experiência. 4. Terceira Cultura. 5. Projeto Resgate Brasil. I. Alves, Maria Zenaide, orient. II. Título.

CDU 37

# ATA DA SESSÃO DE JULGAMENTO DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO




UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
REGIONAL CATALÃO  
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
Av. Lamartine P. Avelar, 1.120. Setor Universitário, Bloco H, Sala 1A – Catalão (GO)  
CEP 75704-020 - Fone: (64) 3441-5366  
Coordenação: E-mail: ppgeduc.ufg@gmail.com  
Secretaria: E-mail: secretariappgeduc@gmail.com

## ATA DA 111ª SESSÃO PÚBLICA DE JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE NELSON CÉSAR MARTINS

ATA DA COMISSÃO EXAMINADORA DESIGNADA PELA COORDENADORIA DO PPGEDUC PARA JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado em Educação de NELSON CÉSAR MARTINS.

Em 18/12/2019, às 2:00:00 PM, na SALA 01, BLOCO H DA UFG/REGIONAL CATALÃO, da UFG/Regional Catalão, teve lugar a 111ª Sessão Pública de Defesa de Dissertação do Mestrado em Educação da UFG/Regional Catalão, de NELSON CÉSAR MARTINS, (matrícula nº 2018101158), intitulada: " "NEM LÁ, NEM CÁ": EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS NA JUVENTUDE E OS DESAFIOS DO RETORNO ". A Banca Examinadora foi composta, pelos seguintes professores: MARIA ZENAIDE ALVES (PPGEDUC, UFG/Regional Catalão – Orientação e Presidente da Banca), SELMA MARTINES PERES (PPGEDUC, UFG/Regional Catalão – Membro Interno) e SUELI SIQUEIRA (UNIVALE - Universidade Vale do Rio Doce). Os examinadores, na ordem citada, arguíram o mestrando(a) sobre a dissertação apresentada, tendo o(a) mesmo(a) explicado e/ou rebatido às críticas formuladas pelos arguidores. Após a conclusão da defesa foi suspensa a Sessão Pública e, em Sessão Secreta, os arguidores atribuíram seus conceitos. Reaberta a Sessão Pública foi anunciado o resultado final: **DEFESA APROVADA**, fazendo jus, portanto, ao **título de Mestre em Educação**, de acordo com o artigo 57 do Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Educação/Regional Catalão. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos Membros da Comissão Examinadora. Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG/Regional Catalão, em 18/12/2019.



MARIA ZENAIDE ALVES

PPGEDUC, UFG/Regional Catalão



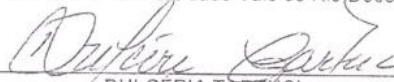
SELMA MARTINES PERES

PPGEDUC, UFG/Regional Catalão



SUELI SIQUEIRA

UNIVALE - Universidade Vale do Rio Doce



DULCÉRIA TARTÚCI

Coordenação do PPGEDUC

Obs: Em anexo as recomendações da Comissão Examinadora. O (a) aluno (a) deverá encaminhar, no prazo de 30 dias, a contar da data da Defesa, os exemplares definitivos da Dissertação, para arquivamento, conforme as normas definidas pelo PPGEDUC/RC/UFG.

## **DEDICATÓRIA**

**Dedico este trabalho**

Ao centro de tudo que sou e tenho - **Deus**

Aos meus Pais (aos dois pais e duas mães que recebi na vida),

Ao meu mentor, **Marco Aurélio de Sousa,**

Ao meu mestre em culturas, **Profº Drº Bill Bacheller**

À minha Esposa, **Profª Patricia D. Noro da S. Martins,**

Ao meu filho, **Kalel Veríssimo Noro Martins,**

Aos meus sogros, **Profº Drº Wilson e Profª Elisabeth Noro**

Com todo meu amor, gratidão e reconhecimento de todo meu coração!

## AGRADECIMENTOS

Toda longa jornada começa com um primeiro passo, os primeiros passos deste trabalho foram dados muito antes do que se pode alocar num recorte temporal. Esta jornada de gratidão começa com minhas duas famílias (biológica e adotiva), agradeço por cuidarem de um menino de saúde debilitada e dentro do que podiam e criam me deram suporte para chegar até os dias de hoje, também agradeço a minha família do coração (amigos que se tornaram família, irmãos de fé e amigos), pois da minha juventude até os dias atuais vocês sempre foram os maiores incentivadores para que eu seguisse estudando.

À 2ª Igreja Cristã Evangélica de Catalão, minha casa longe de casa e minha família que me cuidou e apoiou em todo processo de estudos e pesquisas.

A minha esposa, Prof.<sup>a</sup> Patrícia, meu amor e companheira de vida, seu apoio como mulher, amiga, esposa, mãe do Kalel e como professora ao me convencer de que eu poderia passar na seleção deste mestrado, mais do que isso terminá-lo bem. Você e nosso filho sempre foram meus maiores incentivadores, obrigado pela paciência, ao meu pequeno Kalel, meu filho tão amado, perdoe o papai pelas ausências, obrigado pelos seus beijinhos a cada manhã, mas seu sorriso foi minha injeção de ânimo diária, amo vocês dois com todas as minhas forças! Aos meus sogros “Seu Wilson e Dona Beth” obrigado pelo apoio em todo percurso dessa dissertação e na vida, obrigado por virem e cuidarem da Paty e do Kalel quando eu precisava estudar. Aos meus cunhados amados Viviane, Marcelo, Victor, Lilian, obrigado.

Aos professores de toda minha vida, incluindo os do programa de pós-graduação em educação desta instituição, homens e mulheres que mais que mestres foram, amigos e inspiradores, que me ajudaram a perceber que potencial precisa ser posto em prática, senão é apenas o “vir a ser” e nunca o realizar, obrigado com todo amor. Meu agradecimento à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Selma Martines Peres, que ajudou a colocar meu potencial em movimento e agora não quero parar, obrigado pelo carinho, ao Prof.<sup>o</sup> Dr. <sup>o</sup> Wender Faleiro, sempre disposto a auxiliar e motivar nos dias difíceis, obrigado, à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Aparecida Lopes Rossi, que me ensinou que o saber é precioso e deve ser entesourado, mas que a humanidade quando se ensina não tem preço, obrigado, à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aparecida Maria Almeida de Barros, por me lembrar que somos síntese de diversas concepções em nossas vidas, dentre elas a razão e fé, obrigado. A Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Altina Abadia da Silva por aprofundar meu conhecimento em filosofia e sociologia na história da educação e me ajudar a dialogar com estas áreas de forma humana e sensível, obrigado, à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Juliana Pereira de Araújo que ensinou arte e beleza através

das técnicas de pesquisa acadêmicas, obrigado, ao Prof.º Dr.º Wolney Honório filho por incentivo em tempos difíceis, obrigado, à Prof.ª Dr.ª Sueli Siqueira, uma gratíssima surpresa nas minhas pesquisas e depois em minha banca, descobrir essa gigante dos estudos da migração só acrescentou a minha vida acadêmica e pessoal, obrigado!

Agradeço a quem com seu misto de força e sensibilidade, firmeza e compreensão está ajudando na construção desse pesquisador, alguém que me ensinou tanto nesses dois últimos anos, Profª Drª Maria Zenaide Alves, minha orientadora, obrigado por ser a bússola nessa jornada de aprendizagem e pesquisa, fostes não apenas a bússola, mas muitas vezes o vento nas velas do barco, e por que não dizer o aríete a quebrar barreiras, as ferramentas de reconstrução de valores e a ponte entre novos conhecimentos e vida, suas palavras sempre medidas e pesadas antes de serem verbalizadas. Palavras preciosas para este aprendiz que se apropriou delas para ir mais longe do que ele mesmo cria. Agora com a motivação de começar novas jornadas, entre elas em breve o doutorado. Minha gratidão sempre.

Agradeço à Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão em transição para Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Acredito na universidade pública, acredito na educação, acredito que um futuro fantástico espera essa casa de ensino e compartilhar de saberes e que este futuro é construído hoje, obrigado pelo acolhimento e pelo privilégio de ajudar nessa construção.

A todas e todos os colegas do programa de mestrado em educação, companheiros de jornada, de lágrimas e de sorrisos, obrigado pelo apoio em todo tempo!

Aos três migrantes (Lily, Ian e Lauren) do retorno que abriram suas vidas e compartilharam suas experiências nas entrevistas desta investigação, quem vocês são e o que vocês dividiram conosco acredito que vai ajudar muitos outros retornados, desejamos o melhor à suas vidas (no retorno ou na reemigração).

Ao Projeto Resgate Brasil, pelo apoio nas pesquisas, muitíssimo obrigado.

A todos aqueles que na juventude emigraram e retornaram, aos jovens da terceira cultura que nos ajudam a compreender melhor os jovens retornados de forma geral.

A Deus por estar em cada momento de minha existência, de meus estudos e ser o cuidador de minha mente e o defensor de meu coração, a Ele, glória!

## RESUMO

Esta dissertação objetivou analisar a experiência migratória e os desafios do retorno à sociedade brasileira e ao sistema escolar de três migrantes brasileiros que viveram na Irlanda do Norte e no Reino Unido. Os participantes são retornados que experienciaram a migração internacional durante a juventude e retornaram ao Brasil entre os anos de 2012 - 2015, com suporte da Organização Não Governamental (ONG) - Projeto Resgate Brasil e seus parceiros. A análise tomou como referência os conceitos de juventude, experiência e terceira cultura, e está ancorada em: Benjamin (1993), Larossa (2000), Bondia (2002), Sayad (2000), Dayrel (2003), Augusto (2005), Laraia (2006), Melucci (2007), Valente (2008), Siqueira (2009), Achotegui (2009), Fazito (2010), Alves (2013) Brandes (2014), Pollock, Reken e Pollock (2017). A metodologia utilizada neste estudo foi pautada na abordagem qualitativa, a partir de consulta inicial aos documentos da ONG - Projeto Resgate Brasil e seus parceiros, com a finalidade de identificar os sujeitos da pesquisa e os programas a eles oferecidos; entrevistas semiestruturadas realizadas por meio de vídeo chamadas e gravadas em áudio; seguidas de análise de conteúdo. Para isso, utilizou-se como referência Bardin (1977), Lüdke e André (1986), Goldenberg (1997), Duarte (2004) e Franco (2008). Com base nas entrevistas realizadas e no aporte teórico, a investigação conclui que, para os jovens participantes do estudo, o retorno foi complexo e mais difícil do que a emigração, no entanto, esta experiência foi fundamental para a construção das identidades desses sujeitos. Diante das dificuldades do retorno, eles lançaram mão de estratégias de adaptação e utilizaram como ferramenta os aspectos da terceira cultura, em especial a superação da crise de pertença e do viver entre culturas. No retorno ao contexto escolar, enfrentaram um ambiente de reconfiguração do ser, de pertencer e de realização de projetos de vida, embora evidenciassem que as instituições de ensino para as quais retornaram desconheciam completamente seus históricos migratórios e os potenciais dessas experiências. Por fim, apesar de se mostrarem adaptados, sinalizaram com a possibilidade (ou o desejo) de reemigrar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Migração de Retorno; Juventude; Experiência; Terceira Cultura; Projeto Resgate Brasil.

## ABSTRACT

This dissertation aimed to analyze the migratory experience and the challenges of returning to Brazilian society and the school system as well of three Brazilian migrants who lived in Northern Ireland and the United Kingdom. Participants are returnees who experienced international migration during their youth then returned to Brazil from 2012 to 2015, supported by the Non-Governmental Organization (NGO) Projeto Resgate Brasil and its partners. The analysis used as reference the concepts of youth, experience and third culture, and it is anchored in: Benjamin (1993), Larossa (2000), Bondia (2002), Sayad (2000), Dayrel (2003), Augusto (2005), Laraia (2006), Melucci (2007), Valente (2008), Siqueira (2009), Achotegui (2009), Fazito (2010), Alves (2013), Brandes (2014), Pollock, Reken e Pollock (2017). The methodology was based on a qualitative approach, based on initial consultation on documents from the NGO Projeto Resgate Brasil and its partners, in order to identify the research subjects and the programs offered to them; semi-structured interviews, performed by video call and audio recorded; and content analysis. For this we use as reference Bardin (1977), Lüdke e André (1986), Goldenberg (1997), Duarte (2004) and Franco (2008). Based on the interviews and theoretical support, the research concludes that for these young people, the return was complex and more difficult than emigration, however, this experience was fundamental for the construction of the identity of these subjects. Faced with the difficulties of return, they resorted to adaptation strategies and used as a tool aspect of the third culture, especially overcoming the crisis of belonging and living between cultures. In the return to the school context, which is a return within the return process, they faced an environment of reconfiguration of being, belonging and realization of life projects, although they show that educational institutions were unaware of their migratory history. and the potential of these experiences. Finally, although they are adapted, they signal the possibility (or desire) of re-emigration.

**KEYWORDS:** Return Migration; Youth; Experience; Third Culture; Project Rescue Brazil.

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**ACNUR** - Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

**ART** - Artigo

**CF** - Constituição Federal

**CONATRAP** - Comitê Nacional de Enfrentamento ao Tráfico Humano

**GO** - Goiás

**PL** - Projeto de Lei

**Nº** - Número

**PIB** - Produto interno bruto

**PR** - Paraná

**RNE** - Registro Nacional do Estrangeiro

**RNM** - Registro Nacional Migratório

**SP** - São Paulo

**OAB** - Ordem dos advogados do Brasil

**OIM** – Organização Internacional de Migração

**ONG** - Organização Não-Governamental

**ONU** - Organização das Nações Unidas

**PROUNI** - Programa Universidade Para Todos

**PRVAFC** - Programa de Retorno Voluntário Assistido para Famílias e Crianças

**PRVAM** - Programa de Retorno Voluntário Assistido para Migrantes

**PRVAR** - Programa de Retorno Voluntário Assistido e de Reintegração

**SENAI** - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

**TCKs** - Crianças da terceira cultura

## LISTA DE SÍMBOLOS

**1º** - Primeiro

**2º** - Segundo

**3º** - Terceiro

**I** - Um ou Primeiro

**II** - Dois ou Segundo

**III** - Três ou Terceiro

**IV** - Quatro ou Quarto

**V** - Cinco ou Quinto

**VI** - Seis ou Sexto

**VII** - Sete ou Sétimo

**VIII**- Oito ou Oitavo

**IX** - Nove ou Nono

**X** - Dez ou Décimo

**XI** - Onze ou décimo primeiro

**XIII** - Treze

€ - Euros

£- Libra Esterlina

§ - Inciso

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1.</b> Perfil temporal, estudantil do local do país receptor. Dados sobre os entrevistados.....	31
<b>TABELA 2.</b> Identidade Cultural em Relação à Cultura ao seu Redor.....	56
<b>TABELA 3.</b> Parceiros, retornados e informantes (2012-2015).....	82
<b>TABELA 4.</b> Serviços oferecidos pelas ONGs e parceiros da ONG – Projeto Resgate Brasil (2012-2015).....	84
<b>TABELA 5.</b> Perfil dos participantes do estudo.....	97

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
Apresentação do tema e justificativa.....	17
A opção pela abordagem qualitativa.....	27
Localizando os sujeitos da investigação.....	30
<b>CAPÍTULO I – O LÁ, O CÁ E O ENTRE - UM DIÁLOGO DE TEORÍAS</b> .....	34
1.1 Lá e cá: algumas considerações sobre o fenômeno das migrações.....	34
1.2 Considerações sobre o conceito de juventude .....	45
1.3 Os jovens e a experiência .....	48
1.4 Cultura ou Culturas? A noção da terceira cultura.....	51
1.5 A criança da terceira cultura e o jovem da terceira cultura.....	55
<b>CAPÍTULO II – DE VOLTA AO MEU ACONHEGO? POLÍTICAS DE ACOLHIMENTO AO MIGRANTE RETORNADO</b> .....	61
2.1 Um olhar para as políticas, programas e ações de acolhimento aos retornados.....	61
2.2 O Decreto-Lei nº 406/38.....	61
2.3 A Lei nº 6.815/80 - O Estatuto do Estrangeiro .....	63
2.4 A Lei nº 6.964/81 – Mudanças no Estatuto do Estrangeiro, mas não muitas.....	64
2.5 A educação de migrantes e retornados na Constituição de 1988: Ausências e presenças.....	64
2.6 Aprovação da Lei de Migração em 2017.....	66
2.7 Algumas mudanças advindas da Lei nº 13.445/17. ....	69
2.8 Os migrantes brasileiros e retornados.....	70
2.9 O Pacto Global Para Migração de 2018.....	78
<b>CAPÍTULO III – CONTA COMIGO! A ONG PROJETO RESGATE BRASIL E OS PARCEIROS PARA RETORNO VOLUNTÁRIO</b> .....	80
3.1 Breve Histórico da ONG Projeto Resgate Brasil.....	80
3.2 Os Parceiros .....	83
3.2.1 O Parceiro P1 .....	85
3.2.2 O Parceiro P2 .....	87

3.2.3 O Parceiro P3 .....	90
3.2.4 O Parceiro P4 .....	91
3.2.5 O Parceiro P5 .....	92
3.2.6 O Parceiro P6 .....	92
3.2.7 O Parceiro P7 .....	92
3.2.8 O Parceiro P8 .....	93
3.2.9 O Parceiro P9 .....	93
3.3 Impressões finais desta seção .....	93

**CAPÍTULO IV – FINALMENTE EM CASA? A EXPERIÊNCIA DE CHEGADA DOS JOVENS RETORNADOS .....** 95

4.1 Conhecendo com quem caminhamos .....	95
4.1.1 Participante 01 – Lily.....	97
4.1.2 Participante 02 – Ian.....	98
4.1.3 Participante 03 – Lauren.....	98
4.2 A Voz dos Retornados .....	100
4.2.1 O momento da Chegada.....	100
4.2.2 Quem sou eu e quem são eles? .....	115
4.2.3 Vida lá, vida cá e vidas que se cruzam .....	120
4.2.4 Estratégias de Adaptação .....	128
4.2.5 Refazer a vida, ou refazer as malas?.....	135

**CONSIDERAÇÕES FINAIS.....** 139

**REFERÊNCIAS .....** 145

## INTRODUÇÃO

### Apresentação do tema e justificativa

*“...O mar que me trouxe até aqui  
 O porto em que haverei de zarpar  
 Um dia pensando em voltar  
 Um dia voltando a escapar  
 Um dia qualquer eu me irei  
 Deixando sua lágrima atrás  
 O pesar que me faz partir  
 É o mesmo que me fará regressar...”*  
**Montevideo - Jorge Drexler - Tradução nossa**

Assim, como nesta canção de Jorge Drexler, o pesar que faz partir é o mesmo que gera a saudade e o desejo do regresso. Este é o sentimento de quem migra. O ser humano-andorinha que não faz verão sozinho e se vê migrando para longe de suas diárias e que pega impulso nos bandos de outros migrantes tendo dentro de si diversas razões para migrar.

Não por acaso a andorinha, aquele pequeno e resiliente pássaro, é o ícone mais usado para simbolizar o ser humano migrante. Aquele partir para um dia, quem sabe, regressar, ainda que não seja o regresso para onde e quando se gostaria. Afinal, “nunca nos banhamos no mesmo rio duas vezes” já dizia Heráclito, pensador pré-socrático. Tal afirmação se pode aplicar a vida do migrante e de forma mais precisa e assertiva a condição da migração de retorno. Mas, como é que se dá esse processo de migrar e retornar? Como podemos entender aqueles que vão e que voltam? Que interesse pode-se ter nas vidas dessas pessoas?

No meu caso, meu interesse sobre o tema da migração foi despertado durante o período em que trabalhei como tradutor (de documentos), intérprete (traduzindo as conversas em reuniões e atendimentos a retornados) e *caseworker*<sup>1</sup> em uma Organização Não-Governamental (ONG) que atuava viabilizando o processo de retorno voluntário de famílias migrantes e de vítimas de tráfico humano. O *caseworker* na ONG em que trabalhei era um profissional que tem como função acompanhar os retornados dando suporte de aconselhamento, atendimento e logística em suas necessidades pessoais no processo de reintegração de retorno, ou seja, é o responsável pelo suporte burocrático e em alguns caos

---

<sup>1</sup> Traduzido do inglês - No trabalho social, um assistente social é um assistente social empregado por uma agência governamental, organização sem fins lucrativos ou outro grupo para atender os casos de indivíduos e fornecer-lhes advocacia, informações e soluções. Eles são obrigados por lei a ter uma licença em quase todos os estados (WIKIPÉDIA, 2019).

pelos aspectos prático (dependendo da singularidade de cada caso) do processo de retorno e reintegração no Brasil.

O Projeto Resgate Brasil, é uma ONG brasileira, cuja sede fica em Zurique na Suíça, com escritórios nas cidades de Goiânia no Estado de Goiás (GO), em Indaiatuba no Estado de São Paulo (SP) e em Madri na Espanha. Tendo parcerias com outras ONGs em 12 países da Europa. Os escritórios dos parceiros da ONG – Projeto Resgate Brasil, na Europa entram com acordos, recursos financeiros e expertise em migração de retorno, enquanto a ONG - Projeto Resgate Brasil entra com o suporte para a reintegração dos migrantes retornados ao Brasil, atuando em áreas diversas do processo de reintegração.

Entre os anos 2012-2015, atuei prestando serviços à ONG - Projeto Resgate Brasil na cidade de Goiânia – GO. ONG está que dá suporte (apoio e reintegração) a migrantes vítimas de tráfico humano que aderem a projetos de retornos voluntários ao Brasil.

Meu papel na ONG – Projeto Resgate Brasil era o de profissional da tradução e minha posição era similar a de um *caseworker*. Atuação essa que muitas vezes era confundida com a de um assistente social ou secretário devido ao fato de eu tratar os migrantes sob um olhar bastante familiar, especialmente em virtude das minhas experiências migratórias pessoais que vivi ao longo dos anos. O lugar entre lugares e entre culturas é onde me sinto mais confortável, talvez por isso, o conceito da terceira cultura de Pollock, Reken e Pollock (2017), tenha provocado em mim uma grande identificação pessoal.

Em decorrência das minhas experiências migratórias pessoais talvez a melhor definição para mim neste contexto, seja: “Um retornando, cuidando de retornados, um migrante cuidando de migrantes, ou melhor, um ser humano cuidando de outros seres humanos em mobilidade!”. Talvez, porque tivesse alguma noção das implicações do retorno, dos estranhamentos e desafios desse processo. De retornar e ter que se relacionar novamente com sua família sem que eles tivessem conhecimento ou ideia do que é a migração internacional. Sentir falta de acolhimento e solidão em meio a um grupo social antes tão “familiar”.

Durante os três anos que trabalhei na ONG - Projeto Resgate Brasil, pude acompanhar vários grupos de jovens migrantes retornarem ao Brasil. Vi homens e mulheres que retornaram, alguns com famílias de até sete pessoas de diferentes faixas etárias (de bebê de colo à idosos). Conheci pessoas que realizaram seus planos de migração e acharam que já era hora de retornar ao Brasil, e outras cujo retorno ao Brasil era sua única opção, por diferentes motivos e razões.

Tive que aprender como funcionava o sistema de migração e emigração brasileiro e de outros 12 países. Descobri como entrar em contato com embaixadas, consulados, políticas

públicas e programas de migração e emigração. Tive que aprender câmbios e valores distintos que os retornados passaram a vida toda aprendendo a lidar e que agora havia chegado a hora de voltar a lidar com as questões simples e complexas de seus lugares de origem.

Em algumas situações para que os retornados pudessem ter acesso ao que precisavam para retornar suas vidas no Brasil, tínhamos (eu e outros colegas de trabalho) que negociar com outras ONGs, explicar o quão é complicado no Brasil, conseguir encontrar e alugar uma casa mobiliada, em uma cidade grande e o quão complicado é, senão praticamente impossível encontrar e alugar uma casa mobiliada em cidades do interior do país.

Tive ainda, que ajudar ONGs parceiras, governos, consulados, embaixadas e representações, a compreender o migrante brasileiro como uma pessoa com necessidades e demandas específicas e não apenas um número de identificação<sup>2</sup>.

Mas, como explicar que nosso sistema de ensino demanda traduções juramentadas? e apostilamentos de documentos, históricos escolares, conversas com secretarias de educação? Que muitas vezes é necessário contratar tutores particulares para ensinar a crianças e/ou jovens nascidos no exterior durante a migração a língua materna de seus pais, uma vez que estes retornaram com seus familiares ao Brasil? e que embora essas crianças e/ou adolescentes sejam considerados brasileiros natos segundo a legislação vigente eles podem ainda não se identificar como brasileiros? e será que um dia iram se identificar? Como explicar a um pai que retornou e que está com tantas decisões para tomar que, seu filho que nasceu no exterior, que não foi registrado no consulado brasileiro, tem 90 dias para fazer isso senão o país onde ele nasceu pode reivindicá-lo? Como explicar para uma mãe que seu filho que nasceu com necessidades especiais vai precisar passar por um processo burocrático para ter acesso ao leite em pó específico para sua sobrevivência, que antes era gratuito e que agora uma lata de 400 gramas, pode custar cerca R\$400,00 reais e durar, devido ao consumo até quatro dias.

Durante o período que trabalhei na ONG - Projeto Resgate Brasil, houve períodos de grandes alegrias, como os dias que presenciei jovens que ao retornarem ao Brasil, voltaram a estudar, se adaptaram muito bem ao sistema brasileiro de ensino e usaram suas experiências migratórias e de vida para alcançarem seus sonhos. Pude também, acompanhar um pai de família que andava de bicicleta e levava suas ferramentas nela e, em um ano conseguiu ter sua empresa e gerar outros empregos. Vi retornados que se tornaram professores, empreendedores, donos de restaurantes, de salões de beleza, mergulhadores e pescadores profissionais. Vi outros, fazendo suas escolhas, passando pelo luto do retorno e se adaptando.

---

<sup>2</sup> Algumas ONGs ou programas se referem aos retornados por números e não nomes, por exemplo, o senhor ou senhora n.º 004 ou o caso n.º128.

E outros que não se adaptaram que precisaram de ajuda psicológica, que reemigraram, e hoje estão novamente mundo afora.

Presenciei o reconhecimento da ONG – Projeto Resgate Brasil, vela sendo procurada por governos e indica na “boca a boca” entre os retornados como um braço de suporte confiável para quem desejava retornar ao Brasil.

Longe da perfeição estava nosso trabalho na ONG - Projeto Resgate Brasil, erros foram cometidos, erros que nos fizeram compreender as reais necessidades dos retornados. Para alguns migrantes os programas de retorno ofertados foram ótimos, para outros não correspondeu às suas expectativas.

Ao longo dos anos de trabalho na ONG - Projeto Resgate Brasil, algo que me chamou atenção foi que a grande maioria dos filhos das famílias retornadas em idade escolar não falarem à língua portuguesa ou não serem fluentes no idioma português. Alguns apresentam pouca leitura no idioma, outros falavam apenas algumas palavras. O que por sua vez, fez com que na época houvesse a necessidade de contratação de tutores, extraclasse, para a língua portuguesa e outras matérias do contexto brasileiro.

Perguntava-me: quando e como estes jovens seriam recebidos nas escolas brasileiras que fossem matriculados? Além, da curiosidade investigativa e das inferências pessoais, pensava a respeito de quais seriam os desconfortos e desafios que se fariam presentes na vida destes. E se estes desconfortos se fariam presentes apenas na área linguística ou se iriam se manifestar também em outras áreas de suas vidas.

Chamava-me atenção também, o fato de que nem todos os programas de apoio realizados pelas ONGs parceiras da ONG - Projeto Resgate Brasil para o retorno de migrantes ofertavam serviços de tutoria. Consequentemente, não eram todos os retornados que eram beneficiados nesta vertente de cuidado e acolhidos - nem mesmo tinham acesso para que seu currículo escolar fosse traduzido de forma gratuita para que fosse entregue à secretaria de educação de sua cidade de retorno para análise e posteriormente definida sua série de ingresso na escola brasileira. Algo que me inquietava é como eles vivenciavam este retorno à escola brasileira?

Repatriados se assim os podemos nomear, porém em alguns casos o termo ligado ao retorno à pátria, nem poderia ser aplicado visto que alguns não nasceram no Brasil e outros foram ainda muito pequenos para outra cultura e tiveram pouco ou nenhum contato com à cultura de origem de seus pais.

Para fins de referência faz-se a seguir a distinção entre deportação e repatriação a partir do ministério da justiça e segurança pública do Brasil:

A **deportação** será aplicada nas hipóteses de entrada ou estada irregular de estrangeiros no território nacional. É de competência do **Departamento de Polícia Federal** e consiste na retirada do estrangeiro que desatender à notificação prévia de deixar o País. A deportação não impede o retorno do estrangeiro no território nacional, desde que o Tesouro Nacional seja ressarcido das despesas efetuadas com a medida, satisfeita, ainda, o recolhimento de eventual multa imposta. A **repatriação** ocorre a expensas da transportadora ou da pessoa responsável pelo transporte do estrangeiro para o Brasil. É repatriado o estrangeiro indocumentado ou que não possui visto para ingressar no País ou aquele que apresenta visto divergente da finalidade para a qual veio ao Brasil. **IMPORTANTE:** Nos procedimentos de Deportação e Repatriação, deve ser preservado o direito de solicitação de REFÚGIO ao estrangeiro que chegar ao território nacional, conforme artigo 7º da Lei nº 9.474/97, que estabelece: “estrangeiro que chegar ao território nacional poderá expressar sua vontade de solicitar reconhecimento como refugiado a qualquer autoridade migratória que se encontre na fronteira, a qual proporcionará as informações necessárias quanto ao procedimento formal cabível” (BRASIL, 2014, p.1).

No mestrado, a partir das orientações e compartilhamentos com os colegas de curso e os professores, comecei a refletir sobre algumas questões relativas ao tema da migração internacional e nela a migração de retorno. Tendo como referência a minha experiência pessoal e tomando como foco a juventude migrante, percebi que pela experiência diária que vivenciei na ONG - Projeto Resgate Brasil, as famílias migrantes podiam ser caracterizadas, quanto a sua mobilidade da seguinte forma:

- 1º- Famílias brasileiras migram e na nova cultura se estabelecem, criam ou tem filhos.
- 2º- Famílias brasileiras se tornam famílias de duas, três ou mais culturas, por casamento, vivência e nascimentos de filhos.
- 3º- Famílias brasileiras retornam ao Brasil trazendo em si as culturas vivenciadas e experimentadas, por consequência, se apropriaram destas, de uma maneira ou de outra, basicamente pelo tempo que permaneceram em contato com elas.

Como consequência da realidade da mobilidade entre culturas, um questionamento importante se fazia presente entre o grupo de migrantes retornados, e em especial dos jovens. Este questionamento era: Onde é meu lar? Além desse, outros questionamentos se faziam presentes como, por exemplo: o que poderia resultar caso os retornados não se reconhecessem como brasileiros parcial ou totalmente? A que grupo social pertenceriam?

Durante os três anos que trabalhei na ONG - Projeto Resgate Brasil, ficou claro para mim nas falas dos retornados que pude acompanhar e prestar assistência, que tanto para eles como para suas famílias havia a presença de certa estranheza com relação a cultura brasileira,

ocasionando assim, desafios de readaptação à essa cultura e até mesmo a cultura regional da sua origem migratória para a qual acabaram de retornar.

No contexto do retorno, os migrantes davam indícios de que não se apropriavam totalmente de sua cultura de origem e nem da cultura do país receptor. De fato, muitos não haviam se apropriado apenas de uma das culturas, ao qual foram expostos, mas de aspectos culturais específicos das diversas culturas com as quais tiveram contato durante o período de migração.

Durante o meu período de trabalho na ONG - Projeto Resgate Brasil, observei que os sentidos de ser, estar e socializar-se dado pelos retornados em seus nos relatos e nas reações demonstradas no dia a dia do período de readaptação, evidenciavam que eles viviam entre estas culturas e não apenas em uma ou outra. O desejo pela compreensão de como os jovens retornados vivenciavam isto em suas vidas se intensificou e, mais que isso, despertou o interesse de entender como eles vivenciavam suas chegadas ao contexto escolar brasileiro.

Foi dessa vivência que o tema escolhido para a abordagem desta dissertação de mestrado acabou tornando-se não tão familiar quanto desafiador e, conseqüentemente, instigando a minha natureza de pesquisador. Tema que, inicialmente, causou estranheza transformou-se em familiar com o passar do tempo. Essa naturalidade veio principalmente nas conversas regulares com os retornados. Tais diálogos, formais ou não, ocorridos em diversos momentos do processo de retorno (do aconselhamento prévio ao regresso, na tomada de decisão, nos preparativos para a viagem de retorno, sobre como seria a recepção no aeroporto no Brasil) foram cruciais e seguramente se intensificaram no tempo de suporte de auxílio de reconstrução de suas vidas no Brasil, aproximando ainda mais nossas histórias.

O papel da ONG - Projeto Resgate Brasil, era o de prover o suporte para o retorno (encontrar moradia, trabalho, cursos preparatórios para empreendedorismo e inserção ou reinserção no sistema educacional de ensino vigente, entre outros aspectos).

Nesse processo, foram emergindo outras perspectivas decorrentes do regresso e que se explicará ao longo do texto desta dissertação.

Vidas e histórias foram o que esta dissertação se tornou, vivências a serem compartilhadas com o propósito de contribuir para a compreensão dos migrantes que retornam aos seus países de origem e que aceitaram voluntariamente em participar das entrevistas que contribuíram para a elaboração desta dissertação.

Ao longo do texto é possível constatar que buscou-se com esta dissertação entender como se deu a experiência de chegada dos jovens retornados ao contexto escolar brasileiro. Ao se refletir, instigar e intrigar sobre o tema a fim de compreender de que forma a vivência

pessoal do retorno influencia suas vidas e quais sentidos são dados por esses à experiência de retorno. E quais seriam as teias que amarram estas vidas, criadas por estes mesmos indivíduos e que os ataram a si mesmas, chega-se à visão de cultura de Geertz (1989, p.15) que explica:

[...], que o homem é um animal amarrado a teias de significado que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo estas teias e sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação o que eu procuro ao construir expressões enigmáticas na sua superfície.

O ser humano está emaranhado por teias de significados culturais que não apenas se ligam, mas que agem e interferem em todas as áreas de sua existência. Sendo assim, evocamos aqui, o conceito de cultura desenvolvido pela antropologia, entendendo a cultura centrada no homem como aquela que é não somente capaz de produzir cultura, mas também de modificá-la segundo sua vontade, contexto e necessidade. É algo que nos difere dos outros animais. Consequentemente, nosso olhar é sócio antropológico para este grupo social sobre o qual nos lançamos com a intenção de compreender sua experiência de retorno. Uma vez, dialogando com cultura e contexto escolar e os sentidos dados pelos jovens participantes do estudo à experiência da migração, nos é pertinente uma perspectiva desde o olhar da juventude, pois quem melhor para criar, resistir, romper e ressignificar teias de significado do que a natureza forte, fresca e tenaz dos jovens.

Quanto à juventude ela nos chama a atenção, pois, não é apenas um período de vida, mas a força de mudança e de estabelecimento de várias questões na vida humana, e as consequências da cultura, da migração e de como estes jovens vão se estabelecer na sociedade em que estão e mesmo transformá-la, no caso deste estudo na sociedade de retorno, após uma migração.

Neste contexto, Merlucci (1997, p.5) argumenta que, “na sociedade contemporânea, de fato, a juventude não é mais somente uma condição biológica, mas uma definição cultural”. Subentendo-se, portanto, que a condição juvenil está ligada não apenas ao espaço geográfico, mas também ao espaço social e às experiências através das quais os jovens buscam constituir o seu ser. Ser humano, ser jovem, ser migrante, ser quem se é, ou quem se quer ser.

A história que cada um traz dentro de si, o lembrar de como migraram e como voltaram para suas origens. Suas histórias pessoais que se fundem com a história e concepções das migrações é algo que também precisa ser levado em conta.

Observando, as razões para migração, sua história, enfoques analíticos e fazendo um recorte para a migração internacional, percebemos a importância deste objeto de estudo para nossa sociedade, afinal como nos mostra Sayad (1988, p.15):

é um deslocamento de pessoas no espaço e, antes de mais nada, no espaço físico [...]. Mas o espaço de deslocamento não é apenas um espaço físico, ele é também um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente [...].

Observar esse movimento para muito além do espaço físico é fundamental para uma melhor compreensão destes jovens em mobilidade, seus anseios, esperanças e desafios é parte deste entendimento.

Ademais, no fenômeno da migração de retorno, que se mostra dentro da migração internacional desses jovens se faz necessário compreender que “é de fundamental importância saber quem retorna, quando e por quê; e por qual razão alguns retornados aparecem como atores de mudança” (BAPTISTA; CAMPOS; RIGOTTI, 2017, p. 22).

Quem são estes jovens e suas histórias de vida? Essa compreensão do retorno em seu interior e exterior, sentimentos e ações para consigo e com a sociedade ao seu redor é uma riqueza imensurável para a sociedade.

Após observar tal realidade durante minha experiência laboral na ONG – Projeto Resgate Brasil, propus à pesquisa que deu origem a esta dissertação a motivação de compreender as experiências migratórias e os desafios de chegada de jovens da terceira cultura ao contexto brasileiro.

Assim, nesta dissertação toma-se como base o conceito de experiência apresentado por Bondia (2002, p. 21): “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.”. O que passa, perpassa e toca esses jovens e os transforma em diversos níveis? Portanto, nosso interesse é compreender de forma geral como se dá a experiência destes jovens na migração e no retorno ao seu país, como de terceira cultura.

Retomando então à concepção de pertencentes à terceira cultura, tomou-se como pertencentes a este grupo social: crianças, jovens e adultos que, depois de migrarem para outros países ou mesmo de nascerem nos países receptores, enfrentam o desafio de não se identificarem com a cultura de seus pais, e nem mesmo com a cultura de onde cresceram e se desenvolveram e que então retornaram com seus pais para o país de origem destes - retorno familiar. A ideia central a priori foi, portanto, a de identificar que experiências foram estas,

com foco na experiência de chegada desses jovens da terceira cultura ao Brasil por meio da realização e análise de entrevistas semiestruturadas.

O conceito da terceira cultura foi cunhado pelos sociólogos Ruth e John Useem, no final da década de 1950, em uma viagem de pesquisa à Índia:

Durante sua estadia na Índia, os Useems identificaram três subgrupos (culturas), aos quais estas famílias pertenciam. A primeira cultura era a dos pais, a segunda era a do país receptor onde eles estavam baseados; e a terceira cultura era um estilo de vida compartilhado pelos outros expatriados e famílias internacionalmente em mobilidade” (POLLOCK; REKEN; POLLOCK, 2017 p.26).

Anos depois esta definição toma uma concepção mais clara em Pollock; Reken e Pollock (2017, p.26):

Por definição, TCKs (Crianças de Terceira Cultura) são indivíduos que tendo passado uma significativa porção de seus anos de desenvolvimento em uma cultura outra que não a cultura materna de seus pais, desenvolvem um senso de relacionamento para com todas estas culturas, porém, ao mesmo tempo não tendo apropriação total de nenhuma delas. Eles incorporam em suas experiências de vida elementos de cada cultura que eles fizeram parte, e seu senso de pertencimento está em seu relacionamento com outros com experiências similares.

Encontramos então em Pollock, Reken e Pollock (2017) a concepção de terceira cultura que nos ajuda a compreender estes jovens migrantes, que após o retorno com suas famílias ao Brasil, encontram-se neste limbo multicultural, não pertencendo na sua totalidade a uma única cultura, mas se utilizando de aspectos culturais de duas, três ou várias culturas. Utilizando-se assim destas culturas não apenas para ser e existir, porém, ainda para atuar e pertencer naquela sociedade que o recebe e para interagir com outros grupos, como argumenta Sahlins (1997, p.64, grifo nosso):

Mas, como observou Durkheim, uma ciência do futuro não tem objeto. Enquanto isso, enquanto os parâmetros, temporais e outros, do fenômeno permanecerem desconhecidos, o *developman*, em todas as suas formas, viáveis ou não, abre todo um novo campo para a descoberta antropológica. Tudo que se pode hoje concluir a respeito disso é que não conhecemos *a priori*, e evidentemente não devemos subestimar, o poder que os povos indígenas têm de integrar culturalmente as forças irresistíveis do Sistema Mundial.

Este ser humano em desenvolvimento, no caso do texto, os indígenas que utilizavam as ferramentas culturais para integrar e refazerem seus mundos, ordem sociais para o aumento de produtividade, se servido de ferramentas que a eles lhes pareciam mais uteis e modificando sua cultura, assim também estes jovens migrantes retornados se utilizam das ferramentas culturais que julgam uteis para produzir seu próprio modo de vida.

Este estudo se justifica, dentre outros motivos, pela potencialidade de contribuir com aqueles que se identificam como sujeitos da migração de retorno ou ainda em processo de aconselhamento e/ou de decisão de retornar ou não. Também para escolas, universidades e organizações que lidam com o retorno, seja ele (o retorno) voluntário, mandatário, permanente ou temporário, recebendo crianças, jovens e adultos que retornam ao país.

Mas crê-se, sobretudo, que para quem trabalha e vive em contato direto com essas pessoas que é de grande relevância conhecer suas realidades. Ou, quem sabe, ainda instigar aquelas que podem criar políticas públicas, se sensibilizarem com a realidade vivenciada por essas pessoas, e instigá-los de alguma maneira, a pensar, compreender e gerar ações/políticas públicas mais eficazes e eficientes de acolhimento destes retornados.

Além disso, enumera-se as seguintes justificativas para a realização da pesquisa que deu origem a esta dissertação:

- O fenômeno de migração internacional cada dia mais presente e atual no nosso lidar diário como sociedade;
- A migração de retorno, como influenciadora em nossas estruturas sociais;
- Os jovens de terceira cultura, este grupo de jovens que está chegando a nossas escolas é pouco conhecido nas pesquisas acadêmicas;
- A experiência de chegada dos jovens da terceira cultura na escola brasileira que pode contribuir muito no sentido de nos transformar em melhores educadores, gestores e sociedade;
- A possibilidade de instigar algumas reflexões, ações e políticas que podem ser geradas a partir do entendimento dessa experiência com os jovens da terceira cultura.

Busca-se ao longo do texto desta dissertação, também identificar, analisar, registrar e compartilhar as características percebidas nas experiências dos jovens voluntários participantes deste estudo, retornados ao Brasil de países Europeus, que tenham características da terceira cultura e, a partir de seu ponto de vista, verificar que vivências se apresentam na

chegada à escola brasileira. Nesse cenário, a pergunta que esta pesquisa se propõe responder é: Como se constituíram as experiências migratórias e de retorno de jovens retornados da Europa e quais os desafios enfrentados no retorno ao Brasil, em especial, ao contexto escolar brasileiro?

Assim, o objetivo principal do presente estudo é o de analisar a experiência migratória e os desafios enfrentados no processo de retorno (processo que se inicia fora do país e se consolida depois de algum tempo da chegada) de jovens brasileiros migrantes, assim como os desafios enfrentados por esses durante todo o processo de regresso.

Como objetivos específicos o presente estudo têm-se: conhecer políticas públicas, ações e redes de apoio e acolhimentos aos sujeitos do processo migratório que desejam retornar ao Brasil; analisar, a partir das falas dos jovens da “terceira cultura”, os desafios enfrentados na chegada ao Brasil, em especial ao contexto escolar; compreender de quais experiências culturais os retornados se servem para apropriarem-se de sua nova realidade cultural.

#### A opção pela abordagem qualitativa

Muitas são as possibilidades teóricas e os caminhos metodológicos que poderia ser útil durante a realização do presente estudo, no entanto quanto a sua metodologia veremos adiante os caminhos que foram tomados por nós e que nos guiaram ao resultado.

Quanto à metodologia de pesquisa utilizada, a nossa proposta para a realização da investigação que deu origem a este estudo foi a de uma abordagem qualitativa, com um olhar de dentro para fora, a partir das experiências vividas pelos jovens retornados e quais sentidos estes jovens retornados dão a essas experiências.

Sobre a abordagem qualitativa escolhida para a realização do estudo Goldenberg (1997, p.34) pontua que:

Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa.

Ainda de acordo com o autor anteriormente citado este modelo se opõe ao modelo positivista de pesquisa no sentido em que neste contexto a ideia não é apenas categorizar, quantificar e olhar do todo para o indivíduo e cumprir sua análise, mas do indivíduo para o todo a fim de gerar compreensão. Assim, na abordagem qualitativa o pesquisador é também, de certa forma participante da pesquisa, não há a inocência de que de alguma maneira o pesquisador não se envolva com os participantes de sua pesquisa. Esta abordagem apresenta suas próprias especificidades com um olhar sobre o fenômeno e seus participantes, uma abordagem própria das ciências sociais.

Pesquisas que utilizam a abordagem qualitativa evidenciam uma “preocupação com o processo é muito maior do que com o produto” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 12). Logo, a natureza do processo de pesquisa e a maneira como a pesquisa se dá tem muita importância e não apenas seu resultado, mas toda a jornada de sua construção. Estamos cientes das críticas feitas às pesquisas qualitativas, críticas prioritariamente advindas da abordagem positivista de pesquisa e mesmo do conceito de experiência também defendida pela abordagem positivista científica. No entanto, uma pesquisa qualitativa feita com todo o rigor científico requerido pode trazer dados de uma riqueza incontestável, nas linhas e entrelinhas, das falas dos participantes como nos traz brilhantemente Romanelli (*apud* ROMANELLI; ALVES, 1998, p.128):

A subjetividade, elemento constitutivo da alteridade presente na relação entre sujeitos, não pode ser expulsa, nem evitada, mas deve ser admitida e explicitada e, assim, controlada pelos recursos teóricos e metodológicos do pesquisador, vale dizer, da experiência que ele, lentamente, vai adquirindo no trabalho de campo.

A abordagem qualitativa é o método científico que mais se enquadra nesta pesquisa proposta, pois, “ao estudar os fenômenos que ocorrem naturalmente, os pesquisadores qualitativos tentam interpretar ou ter uma noção do significado que as pessoas atribuem às suas experiências ou a um determinado fenômeno subjacente” (MAYAN, 2009 p.11). Inferir nas falas dos participantes é a tarefa do pesquisador, construir a pesquisa conforme ela vai se dando a conhecer, ainda que haja previsões e hipóteses geradas no pesquisador elas poderão se confirmar ou se desfazer como castelos de areia levados pelas ondas da beira do mar.

Na pesquisa qualitativa, o pesquisador precisa estar atento ao que os participantes trazem em suas falas, e fazer o exercício de prever que categorias e eixos analíticos poderão

surgir, e isto é claro se o pesquisador tiver conhecimento prévio do campo a ser pesquisado. Na prática as categorias irão surgir a partir das falas dos participantes. Neste sentido, o pesquisador deverá ser o guia de tais reflexões no sentido não de forçar as falas, mas de ordená-las nestas categorias, criando um ambiente propício para o compartilhamento de tais experiências. Por fim, acredita-se que essa abordagem propicia que os sujeitos da investigação tragam os sentidos atribuídos às suas experiências.

Diante das possibilidades de ferramentas metodológicas para a pesquisa qualitativa optou-se pela entrevista, como a que mais demonstra utilidade neste caso, uma vez que é bastante eficiente quando estamos tratando dos participantes, suas experiências, vivências, memórias, visões de si e do mundo a seu redor. Porém, a pesquisa qualitativa não necessariamente está presa ao instrumento da entrevista como argumenta Duarte (2004, p.214):

Podemos fazer observações de campo e tomar nossos registros como fonte; podemos recorrer a documentos (escritos, registrados em áudio ou vídeo, pictóricos etc.); podemos fazer fotografias ou videogravações de situações significativas; podemos trabalhar com *check lists*, grupos focais, questionários, entre outras possibilidades.

Ainda que houvesse outras opções para uma pesquisa qualitativa ser aplicada neste estudo, entende-se que a entrevista semiestruturada foi a melhor ferramenta para que os dados fossem construídos. Embora, ela seja balizada por um roteiro pré-estabelecido e haja a previsão de categorias, verdadeiramente os dados se mostraram a partir das falas dos participantes e conseqüentemente os caminhos analíticos foram construídos conforme as entrevistas se deram.

A intenção inicial durante a realização deste estudo foi a de realizar uma entrevista presencial, contudo, com o decorrer do desenvolvimento do estudo a entrevista presencial mostrou-se inviável. Sendo o principal motivo para esta inviabilidade o fato dos voluntários selecionados para participarem do estudo (que correspondiam aos critérios de inclusão e exclusão conforme) estavam geograficamente longe de onde o pesquisador tinha como base da pesquisa<sup>3</sup>. Assim, as entrevistas aconteceram por vídeo chamada e áudio. Reconhece-se

---

<sup>3</sup> Os pesquisadores estavam baseados em Catalão - GO e os três voluntários participantes do estudo em Curitiba-PR.

que há limitações quando fazemos entrevistas nestas circunstâncias, mas diante das condições de realização da pesquisa foi o possível neste momento.

Sabe-se que quando a entrevista se faz no ambiente do participante (pode-se perceber, por exemplo, aspectos de sua vida pessoal,) ou em um ambiente previamente preparado para a tarefa (controlado até certo ponto), é possível perceber de forma mais orgânica as ações e reações dos entrevistados, tais como gestos, tom de voz e poder inferir além da fala, mas também nos valermos do gestual e da linguagem corporal. É importante a observação gestual e possíveis reações corporais, acrescentadas às falas das entrevistas como forma de melhor compreensão da experiência e que poderiam ser registradas em um diário de campo por exemplo.

Importante mencionar, no entanto, que ainda que fossem entrevistas feitas por vídeo chamadas e gravadas seus áudios houve o intento de transpor essa dificuldade e registrar a parte gestual e de reações conforme se deram as entrevistas, na tentativa de manter o rigor científico da entrevista e evidenciar o potencial deste tipo de entrevista.

De acordo com Duarte (2009) uma boa entrevista precisa ter objetivos bem definidos e assimilados internamente pelo pesquisador e não apenas uma lista ou um roteiro a ser seguido e este foi nosso exercício. A autora sugere que o pesquisador conheça com alguma profundidade o contexto de sua pesquisa, através de leituras, e ainda que faça uma entrevista não válida como “ensaio”. Para que então ele possa observar como ela ocorre. Isto, foi feito no presente estudo, para nos certificarmos que as perguntas a serem realizadas estariam em consonância com os objetivos da investigação.

Por fim, a autora supracitada, incentiva certo nível de formalidade, afinal, é uma entrevista de cunho científico e não apenas um bate papo, ainda que seja uma entrevista aberta, mas que tenha suas diretrizes.

#### Localizando os sujeitos da investigação

Para localizar os sujeitos participantes da pesquisa foi feita uma consulta inicial aos documentos da ONG - Projeto Resgate Brasil, sem a pretensão de ser uma análise documental, pois tal demandaria uma fundamentação, contudo este não é nosso caminho. Nesta fase, a leitura dos acordos, contratos e documentos de forma geral da ONG tomaram

lugar e diante destas leituras fomos capazes não apenas de identificar os possíveis participantes embasados nos critérios que já citamos antes, mas também de entender melhor a dinâmica de relacionamento entre os participantes, ONG brasileira e os parceiros da ONG para que se realizasse o retorno destes jovens. Uma vez que, os possíveis participantes identificados, foram contatados trinta possíveis participantes. Inicialmente houve uma tentativa de contato via e-mail, um e-mail padrão de apresentação dos pesquisadores, da pesquisa e do convite para que os possíveis participantes tomassem parte na pesquisa foram enviados e aqueles que possuíam redes sociais também receberam o mesmo texto padrão via comunicação privada (*inbox*).

Apenas dez possíveis participantes responderam a esta primeira chamada e destes apenas um jovem assentiu em participar, tornando-se o participante número um. Houve uma segunda tentativa agora por via telefônica e após tentar contato com os vinte restantes, que não haviam respondido ao contato via e-mail e/ou redes sociais. Nesta tentativa, dois concordaram em participar da pesquisa concedendo entrevistas, e se tornaram participantes números dois e três. Diante desse assentimento, chegamos àqueles que efetivamente participaram de modo voluntário do estudo como informantes da pesquisa, conforme apresentados na Tabela 1, definidos aqui por nomes fictícios.

**TABELA 1.** Perfil temporal, estudantil do local do país receptor.

<b>Retornados</b>	<b>Ano em que migrou</b>	<b>Escolaridade quando migrou</b>	<b>Estudou no país receptor</b>	<b>Falava a língua do país receptor</b>	<b>Ano de retorno</b>	<b>País receptor</b>
Lily	2008	Ensino Médio	Sim	Não	2012	Inglaterra
Ian	2006	Ensino Médio	Sim	Não	2012	Irlanda do Norte
Lauren	2004	Ensino Médio	Sim	Não	2012	Irlanda do Norte

Uma vez identificados os participantes, estes foram contatados e depois do assentimento dos mesmos as entrevistas aconteceram. As entrevistas foram realizadas por chamada de vídeo e gravados os áudios como já mencionado e posteriormente foram transcritas e analisadas. Para isso, foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada. As entrevistas foram marcadas com antecedência, com consentimento prévio dos voluntários participantes do estudo, priorizando a disponibilidade e a vontade deles, de forma a deixá-los confortáveis e seguros para compartilhar suas experiências.

Após isso, partimos para a categorização e posteriormente a análise das categorias, tanto previstas no aporte teórico daquelas que surgiram ao longo das entrevistas.

Quanto à análise dos conteúdos das entrevistas, utilizou-se como base o dizer de Chizzotti (1991, p. 82) que relata que a descrição dos conteúdos das entrevistas, deve ser “minudente, cuidadosa e atilada [...]”. A fim de captar o universo das percepções, emoções e interpretações dos entrevistados. Desta maneira permite-se que subjetividade e o rigor científico caminhem de mãos dadas formando uma rica perspectiva acerca da investigação dos conteúdos.

No que diz respeito ao conteúdo das falas dos entrevistados, Franco (2008, p. 12) refere que esses podem ser de natureza: “verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa.” E “não apenas componentes racionais, mas também ideológicos afetivos e emocionais” (FRANCO, 2008, p. 43). Estar alerta a cada ação e reação durante as entrevistas, olhar nas entrelinhas para dentro e além das falas em si, quais valores, o tom de voz, as pausas ou euforias, as visões de mundo, lágrimas, lamentos, sentidos e sentimentos, percebendo a cada ato como os participantes lidaram com sua experiência e situações vivenciadas. Franco (2008, p.52) relata que como pesquisadores também se faz necessário que nos deixemos “invadir por impressões, representações, emoções, conhecimentos e expectativas”. Por fim, torna-se importante salientar que este processo de seleção dos participantes foi árduo devido ao grande volume de casos atendidos pelo Projeto Resgate Brasil e o fato de que estes sujeitos nem sempre mantêm suas informações atualizadas. Para ilustrar, no recorte temporal proposto nesta investigação foram cerca de 600 casos de atendimento de retornados de toda a Europa<sup>4</sup>.

Quanto às questões éticas, os participantes foram comunicados antes de seu aceite na pesquisa que poderiam se sentir à vontade para recusar-se a responder questionamentos que lhe causassem constrangimento durante os encontros.

Também foi assegurada aos participantes do estudo a garantia de riscos mínimos, a qual por sua vez, encontrava-se descrita e detalhadamente assim como outras informações cabíveis no Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) do participante da Pesquisa. Termo este que os voluntários ao aceitarem participar da pesquisa deveriam assinar para ter a sua participação na pesquisa validade. O TLCE, portanto, tornou um documento de permissão para a participação na pesquisa, bem como assentimento que aparece de forma oral, nos áudios das entrevistas que foram posteriormente transcritos. Todas as informações obtidas eram sigilosas. O material com seus conteúdos (gravações de áudio) foram transcritos e não

---

<sup>4</sup> Informação dada ao pesquisador Nelson César Martins via telefonema por Marco Aurélio de Sousa, secretário executivo da ONG - Projeto Resgate Brasil em 13 de março de 2019.

houve uso de voz dos participantes na pesquisa. Asseveramos que todos os procedimentos éticos previstos para realização de pesquisa com seres humanos foram seguidos, incluso a aprovação da pesquisa que deu origem a este estudo por um Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> sob a identificação: CAAE: 4 01326318.3.0000.8409.

## **CAPÍTULO I - O LÁ, O CÁ E O ENTRE - UM DIÁLOGO DE TEORÍAS**

Neste capítulo, apresentar-se-á os referenciais teóricos que embasaram a pesquisa que deu origem a esta dissertação. Ao longo do caminhar investigativo e durante a busca por autores que pudessem ajudar na fundamentação teórica, houve encontros, permanências, retiradas e talvez ausências no que tange aos autores que participaram e contribuíram para a construção do presente estudo. Alguns reforçaram sua presença e contribuições ao longo do texto, outros, após nos auxiliarem na compreensão de algumas concepções e diálogos teóricos não aparecem diretamente, embora tenham deixado enormes contribuições.

Assim, a princípio, foram estes que trouxeram aporte teórico para a ancoragem da pesquisa e suas possíveis reverberações. Estes autores foram trazidos conforme as concepções se mostraram necessárias. São, portanto, estes os autores que em nossa pesquisa nos deram aporte de referencial teórico e metodológico para a ancoragem da pesquisa e suas possibilidades. Alguns contribuíram para os passos iniciais e outros nos acompanharam por todo o percurso da investigação.

### **1.1 Lá e cá: algumas considerações sobre o fenômeno das migrações**

A decisão de quando e para onde migrar, as motivações internas e externas, a diversidade de “por quês”, as incertezas de partir, de se estabelecer, de permanecer e de retornar. As expectativas, as relações familiares e relacionamentos amorosos e sociais deixados, as incertezas quanto aos novos relacionamentos que se construiram o sucesso ou a frustração dos planos imaginados e, finalmente, o desejo de quem sabe um dia regressar. Não é um caminho fácil muito menos simples. Estes fatores citados anteriormente e outros tantos invariáveis que a vida traz são fatores que interferem com força maior ou menor na migração. Migração é um processo complexo, um fenômeno social completo e complexo.

Conforme Fazito (2010) a migração pode sim ser entendida como um fenômeno social e demográfico complexo, pois ao mesmo tempo em que um fluxo migratório possui características universais e estruturalmente semelhantes a outros fluxos, ele desenvolve histórica e socialmente sua singularidade.

Como compreender a migração, desde o processo de tomada de decisão, migração, estabelecimento e retorno com suas regularidades e suas singularidades? Mas antes mesmo de tentar responder a essa indagação outra nos vem à mente: Quem pode migrar?

No ano de 2012, o então ministro britânico de imigração Damian Green fez a seguinte declaração, publicada em matéria do *Jornal The Guardian* em dois de fevereiro de 2012: “Vamos acabar com a suposição de que *a chegada estabelecimento e permanência*<sup>6</sup> é uma opção para todos que veem para trabalhar. Ao invés disto, nós concordaremos que (*a chegada estabelecimento e permanência*) é para os *melhores e aos mais brilhantes (imigrantes)*.” (GREEN, 2012, p.1). Já em janeiro de 2017, Theresa May, primeira ministra britânica, reverbera o discurso com a seguinte declaração reproduzida pelo *Jornal Ipswich Star* e aqui transcrita: “Nós iremos continuar a dar as boas-vindas aos melhores, *aos mais brilhantes (imigrantes)*” (DICKSON, 2017, p.1).

Estas duas declarações ditas em dois períodos diferentes e por distintos líderes britânicos tem o intuito de demonstrar como as políticas de imigração europeias estão sendo apresentadas, tomando este recorte do Reino Unido, para pontuar o que elas podem significar no sentido de dificultar a migração. Mesmo em 2012, quando o primeiro ministro britânico era David Cameron, que já não era acolhedor aos imigrantes e deixava claro sua posição de dificultar o processo migratório, o que se percebe nestas falas é uma continuidade progressiva de acirramento destas políticas no governo de Theresa May (DICKSON, 2017).

Como definir quem são os “melhores” e os “mais brilhantes”? Seria o aspecto econômico o determinante sobre quem deve ou não migrar? Alguém que detém uma fortuna é melhor que alguém que não possui? Como determinar o brilhantismo de alguém? E ainda sim seriam estes os fatores que determinam quem deve, ou pode migrar seja para onde for? Quais fatores dão o aval para que alguém migre? Uma vez mais a pergunta ecoa: quem pode migrar?

A fala da agora então primeira ministra britânica Theresa May revela a intenção de políticas de cerceamento das populações pobres, ou seja, as políticas de imigração que visam acirrar as barreiras nos países ricos são voltadas tem como alvo medidas para restringir grupos específicos: e nestes grupos específicos e o que lhes é comum é que são pobres. Essas políticas desconsideram que migrar é um direito, como assegura a Declaração Universal dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU), que garante o direito a migração, em especial isso fica claro no artigo XIII onde ela diz: “Todo ser humano tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio, e a este regressar” (UNESCO, 1948, p. 8).

---

<sup>6</sup> Tradução livre para Settlement na língua inglesa.

O ser humano em sua história migrou desde os primórdios como nômade no início migrou, pois ainda não dominava o plantar, a colheita, o domesticar dos animais, este era coletor e coletava para sua sobrevivência.

Segundo Carlos Brandão: “A primeira consequência do domínio do homem sobre o grão e o cereal foi à transformação de pequenos bandos errantes em tribos maiores e mais estáveis” (BRANDÃO, 1985 p.12).

Se no início o desafio era dominar a natureza e se estabelecer sobre ela, ou seja, deixar de migrar e fincar suas raízes, o que temos percebido nos dias atuais é um movimento de migração massivo nos últimos anos chegando, segundo números recentes da ONU, a 248 milhões de migrantes internacionais (ONU, 2019).

Segundo dados da Organização Internacional para as Migrações (OIM, 2018) do mês de janeiro de 2018 a estimativa é de que aproximadamente 258 milhões de pessoas residam em um país diferente daquele em que nasceram. Em diferentes épocas e contextos as razões para migrar foram e ainda são diversas.

Segundo Walteros (2010), dentre estas razões é possível apontar razões de ordem econômicas, políticas, demográficas, etnológicas, geográficas, históricas, sociológicas, culturais, médicas, educativas, entre outras. Para o autor, motivados por diversas as razões, também existem diferentes abordagens para tratar o tema, apresentando algumas das principais escolas e enfoques que explicam a migração.

Da escola clássica os principais representantes segundo Walteros (2010) tem-se Adam Smith, Thomas R. Malthus, Karl Marx. Da escola austríaca Ludwig Von Mises, Friedrich August Von Hayek. Da neoclássica, aparece Arthur W. Lewis, Michael J. Piore.

Dentre os representantes supracitados, a teoria das redes de migração é a que acredito que melhor trata do fenômeno específico que investigo neste estudo. Esta teoria explica a migração como um conjunto de relações interpessoais, entre os que emigram e os que estão no país receptor, formando assim uma rede de cooperação entre os que desejam migrar e os que já migraram, ou seja, entre os locais de origem e destino.

As redes de migração são um conjunto de relações interpessoais que se dão entre emigrantes e os que retornam a seu país de origem com familiares, compatriotas e amigos que ainda residam no país receptor de migração. Os emigrantes com experiência e raiz transmitem informação, proporcionam ajuda econômica, alojamento, comida, provisão, conseguem os primeiros trabalhos e oferecem apoio de distintas maneiras” (WALTEROS, 2010, p.96).

As redes, seja na emigração como na imigração, são chaves para atuar e influenciar desde a decisão de deixar o país de origem e ir para o país receptor como também a manutenção em sua chegada, primeiros empregos, auxílio na estabelecimento no novo local, escola para os filhos, da mesma maneira acontece na migração de retorno, para onde retornar, nem sempre os migrantes retornam para seus lugares de partida, a rede neste caso tem muito influência nessa decisão também.

Migração é o deslocamento de indivíduos dentro de um espaço geográfico (físico), de forma temporária ou permanente. Este deslocamento pode se dar por razões diversas tais como: motivações econômicas, religiosas, guerras, tragédias naturais e causadas pelo homem, laços afetivos, familiares etc., como já demonstrado por Walteros (2010). Podendo ser permanente ou temporário. Contudo, como argumenta Sayad (1988, p.15):

É um deslocamento de pessoas no espaço, e antes de mais nada, no espaço físico [...]. Mas o espaço de deslocamento não é apenas um espaço físico, ele é também um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente [...].

Este entendimento nos leva a crer que quem migra não migra apenas fisicamente num espaço, mas migra para outra sociedade, economia, política, língua, culinária, cultura enfim um descolamento muito além do geográfico e não é um processo solitário.

Há a migração interna e a migração internacional assim, o migrante interno é o que migra dentro de seu território de origem, exemplo: o migrante rural para a cidade, da cidade para a zona rural, entre cidades, entre cidades vizinhas e metrópoles, entre regiões como por exemplo: a migração norte-sul ou interior-litoral etc.

A migração que se adota neste estudo, a migração internacional, este fenômeno gera no migrante duas faces da mesma moeda, o emigrante e o imigrante. O emigrante é aquele que individualmente ou em grupo deixa seu país de origem para se estabelecer em outro, porém ele emigra a partir do olhar de seus compatriotas, ou seja, dos mesmos habitantes de seu país.

Emigrar, em outras palavras, é gerar uma ausência em seu território de origem, independentemente de sua motivação, e gerar uma presença no país de destino. Já o imigrante é percebido a partir do ponto de vista do país que o recebeu pelos cidadãos daquela nação receptora, ou seja, o país de destino, sua presença se dá no processo de estabelecimento nesta

nova sociedade e espaço físico, conforme Sayad (2000, p.11) e Fazito (2005, p.90) afirmam que a noção de retorno:

[...] está intrinsecamente circunscrita à denominação e à ideia de emigração e imigração. Não existe imigração em um lugar sem que tenha havido emigração a partir de outro lugar; não existe presença em qualquer lugar que não tenha a contrapartida de uma ausência alhures.

Assim, pode-se dizer que o emigrante e o imigrante também são igualmente migrantes, visto que ambos são duas distintas faces da mesma moeda.

Pela perspectiva da Lei de Migração Brasileira de 24 de maio de 2017 ela traz a concepção de imigrante: “pessoa nacional de outro país ou apátrida que trabalha ou reside e se estabelece temporária ou definitivamente no Brasil” (art. 1º, § I, II) e emigrante “brasileiro que se estabelece temporária ou definitivamente no exterior” (artigo 1º, § I, III) (OIM, 2019).

Em outras palavras, o que determina é o ponto de vista, o que define um migrante é o olhar sobre a pessoa que está em mobilidade e não dos países que fazem parte do processo de migração. Para a OIM, as migrações internacionais são: “Movimentos de pessoas que deixam os seus países de origem ou de residência habitual para se fixarem, permanente ou temporariamente, noutro país. Consequentemente, implica a transposição de fronteiras internacionais” (OIM, 2010).

No que concerne à migração internacional, conforme Patarra (2006, p.19) pode ser definida como “o entendimento dos processos sociais envolvidos nos fluxos de pessoas entre países, regiões e continentes passa pelo reconhecimento de que sob a rubrica migração internacional está envolvidos fenômenos distintos, com grupos sociais e implicações diversas”.

Tal entendimento dos processos sociais nos ajuda a compreender não somente como se dá a migração internacional, como também os aspectos que motivam esses movimentos migratórios. Começando pela decisão de migrar até o enfrentamento das consequências desta migração, seja este processo o tanto planejar quanto ao executar, que é quando o migrante realiza concretamente o ato de migrar, bem como os efeitos para a sociedade de origem e receptora e para os direta ou indiretamente envolvidos.

“A migração internacional deve tornar-se parte integrante de estratégias nacionais, regionais e globais de crescimento econômico, tanto nos países desenvolvidos como nos países em desenvolvimento” (PATARRA, 2006 p.19).

A migração internacional deve ser vista como um fomento ao crescimento dos países e não um peso como o discurso anti-imigração e de ódio tem tomado conta das mídias nos últimos anos.

Na presente dissertação, aborda-se a migração internacional do ponto de vista do movimento migração de retorno.

Ser migrante é ser migrante de retorno, uma vez que é ter o retorno como parte de sua constituição de ser social migrante, é fazer um balanço entre os ciclos de vida aos quais ele passa na sua experiência de migração internacional, por isso:

Na migração, a unidade e a coerência entre os eventos do ciclo de vida e os significados percebidos e atribuídos ao longo de sua experiência (de indivíduos e grupos sociais) devem-se àquilo que Sayad (2000) chamou de “retorno”, o elemento constitutivo da condição do migrante (FAZITO, 2010, p. 90).

A concepção supracitada demonstra bem alguns aspectos do que é ser um migrante internacional de retorno, o regressar está em todos os atos sociais, mais ainda está na sua identidade, expressa como dito acima na relação entre sua “unidade” e “coerência”. Siqueira (2009, p.93), pontua que alguns imigrantes “ficam presos ao mito do retorno, mesmo depois de se estabelecerem, formar família [...] [...] Nunca deixam de falar ou sonhar com ele”.

Nesta perspectiva, tão importante quanto verificar as causas e motivações de saída do país de origem (emigração), é igualmente importante verificar as consequências da migração para o país receptor, e também entender o processo de retorno ao país de origem, já que a migração é um fenômeno social completo.

No retorno há aspectos que não podem ser ignorados. Dentre estes aspectos pode-se citar alguns que são pontuados por Sayad (2000), Fazito (2009), Siqueira (2009):

- As redes de suporte para esta migração, permanência no país receptor e retorno ao país de origem;
- O tempo que o migrante passou fora de seu país de origem;
- Sua adaptação na cultura receptora;
- Seu sucesso ou falha financeira;
- A participação dos membros da família na migração;

- Os descendentes que migraram junto, os que ficaram no país de origem e os que nasceram no país receptor, que também sofrem os efeitos desta migração;
- Os fatores que motivaram o retorno.

Compreender a migração de retorno e seus atores sociais é chave para conhecer quem, como e por que esses migrantes retornam aos seus países de origem?

Conforme, Baptista, Campos e Rigotti (2017, p. 22) “é de fundamental importância saber quem retorna, quando e por quê?”. Sendo assim, perguntar quem retorna? e/ou em quais condições retorna? bem como questionar a identidade do migrante internacional em seu processo de retorno, fazem emergir algumas questões para discussão a respeito sobre a migração de retorno, como as apresentadas a seguir:

- Quem volta é o mesmo migrante que emigrou? Ele volta da mesma maneira que migrou?
- O retorno se dá para a mesma região geográfica da emigração? Sua família volta da mesma maneira que migrou? Como sua família que ficou vai receber este migrante?
- O migrante que retorna está verdadeiramente retornando por sua vontade ou por que houve um motivo ou situação maior que o fez regressar?
- Aliás, é possível um retorno real?

É importante salientar que o fator econômico não é necessariamente um motivador do retorno, assim com as relações familiares: “Para esses retornados, as vantagens sociais e culturais sobrepõem-se às vantagens econômicas encontradas fora e aos custos e por vezes o declínio do poder de consumo adquirido durante o período de emigração” (DEBIAGGI, 2004, p.144).

Com este intuito lança-se mão de Fazito (2010) que argumenta sobre a migração de retorno, como um ato virtual, mas não consumadamente real, isto é, o autor afirma que nem é possível retornar o mesmo migrante, nem retornar para o mesmo lugar, visto que a ausência do emigrante gera a presença do imigrante dando origem a essa lacuna espaço temporal na vida de quem migra e na sociedade e espaço de onde migra:

O retorno não é apenas um retorno ao espaço físico, mas essencialmente o retorno ao espaço social transfigurado por eventos vitais e, conseqüentemente, uma

impossibilidade concreta, pois não se retorna àquela mesma estrutura de coisas e eventos que se vivia no passado e depois se “abandonou”(FAZITO, 2010, p. 90).

Diante dessa reflexão sobre como o retorno se dá e como é sentido pelos seus atores, nosso olhar é atraído para os jovens, no sentido de pensar como lidam, processam e reagem ao retorno. O espaço social para onde se retorna não é o mesmo de onde se parte o que segundo Fazito (2010), toma como impossível este retorno, uma vez que a vida seguiu, o tempo passou, as pessoas mudaram, o espaço mudou e sofreu modificações transformando o retorno efetivo em mito.

Para Hall (*apud* Hall, 2003, p.27), esta questão de tempo e retorno pode ser vista dessa maneira: “[...] como se os elos naturais e espontâneos que antes possuíam tivessem sido interrompidos por suas experiências diaspóricas”. Antes aquele se sentia como parte do ambiente, que chamava aquele povo de seu e aquele espaço de “seu chão”, agora não se sente mais inteiramente pertencente aquele espaço social que antes lhe era tão familiar.

Deslocado e não conseguindo em sua totalidade pertencer novamente, além disso, quando tenta explicar como se sente de verdade naquele “entre lugares e entre tempos” se vê incompreendido e solitário, devido a sua experiência de migração e do retorno que criou uma nova versão de si mesmo, um outro “eu” que, como vimos em Fazito (2010), não irá plenamente retornar. Neste sentido, aquele que migra nunca mais regressa, pois não regressa para o mesmo lugar. E o lugar que ele deixou não o pode mais acolher, pois seu espaço social foi modificando pela agir do tempo, das relações familiares humanas, sociais, econômicas, mudanças materiais e imateriais, conforme demonstra Sayad (2000).

O migrante mudou seu espaço-social também mudou e não há então retorno real, mas um novo encontro e um novo construir de relações sociais com seu lugar e sociedade de origem. Assim, é correto afirmar que todas as mudanças são reais (internas e externas) no migrante e no seu lugar de origem. E a maioria delas, senão em todas aquelas histórias de vida, se formam nessas a partir de presenças e ausências.

Em virtude de como o processo de migração de retorno pode se dar, apontamos pelo menos duas naturezas, percebidas nos teóricos estudados e no lidar diário na ONG, a saber, o retorno voluntário e o retorno forçado (OIM, 2010):

- **Voluntária:** quando o migrante decide por vontade própria e mediante diversas razões pessoais; sejam elas familiares, documentais, governamentais, econômicas e tantos outros motivadores o migrante decide retornar ao seu país de origem.

- Forçada: quando de maneira obrigatória, nesta situação o migrante é extraditado, ou seja, por razão fora sua vontade e dentro das leis do país receptor seu retorno se faz mandatário.

Pereira e Siqueira (2013, p.119) argumentam que os projetos de retorno podem mudar:

No entanto, durante a migração novas experiências são vividas e o projeto inicial muitas vezes é reelaborado, o retorno adiado ou abandonado. Noutros casos, pode até ser antecipado ou mesmo ‘forçado’ - por exemplo, por deportação nos casos mais extremos - quando o projeto migratório falha ou se verifica uma alteração nas circunstâncias do migrante (questões familiares ou problemas de saúde). O nível de agência que é exercido pelos emigrantes na formulação do seu projeto de retorno e na tomada de decisão é, assim, variável.

O retorno, como dito anteriormente, pode ter uma pluralidade de motivações e dependendo das mudanças internas ou externas com o migrante, sua ação para formular esse projeto de retorno e demandar variáveis imensas deste migrante.

O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR, 2016) afirma em sua página oficial na internet que: “Migração é comumente compreendida implicando um processo voluntário” e o termo “migração forçada” é trazido para definir uma migração ocasionada por diversas forças.

A mesma agência, neste mesmo documento, afirma que “*Migração forçada* não é um conceito legal, e similar ao conceito de “migração”, não existe uma definição universalmente aceita” (CELESTINE, 2018).

Ainda que migração forçada não seja um conceito legal, conforme argumentado anteriormente, é um conceito real em casos de deportação. Ocasionalmente em casos de problemas familiares nos quais o migrante se vê forçado e voltar contra sua vontade para resolver alguma situação, por problemas de saúde, financeiros, ou como consequência de insucesso profissional no país receptor por exemplo.

Tomando tais concepções como referência é possível aplicá-las igualmente ao retorno no sentido de apresentar pelo menos dois aspectos quanto à natureza do ato de retornar, ou seja, uma delas está ligada ao retorno voluntário do migrante e outro está conectado a natureza forçada em que o retorno pode se dar. Se a migração pode ser voluntária ou forçada, assim também o retorno pode mostrar estas duas facetas. Embora as razões para o retorno possam ser plurais, em geral elas acabam esbarrando nestes dois pilares, retorno

voluntário ou retorno forçado. Igualmente se a migração é um processo complexo e completo também o retorno é parte dessa estrutura social, se a emigração é o ponto inicial o retorno fecha o ciclo de uma jornada de migração como nos traz Fazito (2010, p.90):

Assim, na representação formal do processo migratório, também observamos a estruturação de fluxos e polos de origem e destino como num circuito integrado, ou seja, operado mediante padrões relacionais das redes sociais – e, em contrapartida à especialização, o retorno também dinamiza o processo migratório.

Contudo, não queremos dizer que o retorno seja um fim em si mesmo, uma vez que ele pode ser apenas uma pausa entre uma migração e outra. O termo fluxo migratório nos parece aqui mais adequado devido à liquidez com a qual o migrante é, está e se faz estar segundo suas motivações. Percebeu-se isto nosso trabalhando da ONG - Projeto Resgate Brasil, cuja finalidade era de dar apoio na reintegração de migrantes. Se fosse possível definir o trabalho realizado por esta ONG, ele seria: Prover suporte no processo de migração de retorno a famílias em vulnerabilidade que estavam no exterior e a vítimas de tráfico humano também no processo de retorno e acesso a direitos, políticas públicas, acordos entre parceiros do terceiro setor e auxílio na readaptação ao Brasil.

No lidar diário, no tratar com os casos e os documentos dos retornados voluntários e os que foram forçados a retornar, nos familiarizamos com o contexto de algumas dessas naturezas de retorno e perceber como o processo de retorno pode ser complexo, tanto doloroso, quanto libertador dependendo de como foi à experiência de migração dessas pessoas. Ao considerar o fator tempo, que precisa ser levado em conta, no que tange ao retorno, bem como a migração de forma geral, é possível afirmar que este pode ser temporário, com a motivação de resolver alguns assuntos no país de origem ou mesmo honrar acordos feitos em seu processo de retorno, por exemplo, ou permanente.

Piore (1979), dialogando acerca de migrantes internacionais que tem origem em países em desenvolvimento e que emigraram para países industrializados com o propósito de uma migração temporária com vistas ao retorno, argumenta que migrantes acabam falhando em seu intento uma vez que, sua migração na prática, se tornou uma migração permanente e não temporária como inicialmente planejado.

[...] Os imigrantes inicialmente se veem como trabalhadores temporários e planejam retornar para a casa, entretanto, muitos falham na realização deste projeto ou nunca retornam ou retornam repetidas vezes para o país industrializado,

tornando-se mais ou menos membros permanentes da força de trabalho (PIORE, 1979, p. 3).

São migrantes contínuos. Algo que o lidar com os migrantes de retorno na ONG - Projeto Resgate Brasil me ensinou foi que alguns retornados não se adaptam e migram novamente. Em geral, quem migrou antes pode migrar no futuro, serão reemigrantes.

Quanto às redes familiares e sociais que ajudam no processo de emigração e de retorno podemos afirmar que: “Quanto a tais estratégias, talvez as maiores recorrências ou padrões sejam mesmo a participação das redes familiares nos deslocamentos, tanto para justificar o retorno, como a própria migração” (FAZITO, 2010, p. 93). Os familiares que emigraram e que incentivam aos que ficaram a se tornarem migrantes como eles, a proverem a primeira hospedagem os contatos para os primeiros empregos, as instruções sobre as escolas para os filhos e de como se estabelecerem estas redes são fundamentais para a migração internacional e também para o retorno. Uma vez que estas mesmas famílias e redes de amigos são os que dão conselhos no que gastar o que foi conquistado com o trabalho, planos de reestabelecimento em seu país de origem e tantos outros aspectos do retorno. Em outras palavras: “Além disso, uma vantagem estrutural do retornado é sua rede de conexões com os membros familiares nas comunidades de origem e destino” (FAZITO, 2010, p.95).

## 1.2 Considerações sobre o conceito de juventude

Segundo o Estatuto da Juventude, Lei nº 12.852 de 05 de agosto de 2013, a juventude é compreendida como aqueles que têm idade entre de 15 a 29 anos (BRASIL, 2013). Apesar de esse recorte nos ajudar a delimitar os participantes da pesquisa, não é central para nós uma concepção puramente etária de juventudes.

Não sendo passível de delimitação etária, a juventude representa, histórica e socialmente, uma categoria social gerada pelas tensões inerentes à crise do sistema. Sociologicamente, ela representa um modelo de realização da pessoa, um projeto de criação institucional, uma alternativa nova de existência social.” (FORACCHI, 1972, p.160).

A juventude é uma categoria social que nasce entre as tensões de expectativas e realizações limitado pelo fator etário, mas que, conforme surgem os conflitos, a própria sociedade descobre esta limitação. O entendimento aqui utilizado ancora-se na seguinte proposição:

*Entendemos a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um; A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona.* (DAYRELL, 2003 p.3, grifo nosso).

É nesta fase da vida que geralmente são tomadas importantes decisões que, por vezes, vão orientar grandes decisões da vida adulta. Assim, as consequências das decisões tomadas ou não nessa fase podem aparecer como meios determinante de ser adulto. Portanto, falar-se-à de um período da vida que não pode ser encarado como uma passagem ou uma fase de preparação, mas uma etapa importante para a constituição do ser e, portanto, as experiências vivenciadas neste período são de relevada importância.

Como parte de um processo mais amplo, pergunta-se como se dá a construção de identidade da juventude. Quem a juventude é? não é ? e não quer ser de jeito nenhum?. Quais suas influências? e que marcas deixam na vida das pessoas? Quais se mostram na fase adulta, como o meio social no qual estes jovens migrantes estavam imersos, fez deles quem eles são?

Melucci (1997, p.5) completa esta equação afirmando que: “Na sociedade contemporânea, de fato, a juventude não é mais somente uma condição biológica, mas uma definição cultural”.

Partindo-se desses questionamentos e suas implicações acerca das influências e trocas que são proporcionadas na juventude, percebe-se que são relativos e subjetivos os meios em que as trocas acontecem e como propocionam a estes jovens viver experiências das mais diversas, conseqüentemente somos indagados sobre como jovens de terceira cultura fazem estas “trocas”.

Aliás, trocas sociais e culturais bem específicas visto que estes se valem de alguns aspectos das culturas com que tiveram contato e não de todos eles ou seja não são aspectos gerais de uma única cultura ou de um espaço social para cosntruir seu próprio *locus* de existência sem que necessariamente tenham que se ligar a um espaço geografico qualquer.

Segundo Valente (1999, p.266):

Não se pode compreender os homens dissociados da sociedade, da cultura e da educação construídos historicamente por eles próprios. Isto porque o homem universal é ele mesmo histórico, transformando-se. [...] A pluralidade de experiências interativas e reflexivas vividas pelos homens em diferentes meios e condições de sobrevivência faz com que a sociedade, a cultura e a educação ganhem contornos singulares. [...] Os homens em diferentes meios têm necessidades diferenciadas, buscam soluções diversas para atendê-las, que resultam em experiências e conhecimento singulares.

Complementarmente Valente (1999) relata que a experiência humana é capaz de mudar elementos sociais tais como: a educação e a cultura. Princípios também aplicados à juventude no sentido de que a experiência dos jovens e as culturas juvenis, educam e moldam a sociedade, suas demandas e necessidades, se assim não o é, pelo menos tentam fazê-lo. Neste entendimento, a juventude é fonte de vida que muito contribui para a formação da sociedade assim como recebe suas contribuições na sua constituição como ser social.

Mauss (1978) argumenta que a sociedade influencia todas as dimensões humanas desde as que envolvem fatores físicos com psicológicos.

O corpo dos jovens, suas transformações físicas, seu gesticular, sua maneira de se vestir, o corte de cabelo, a cor, grita sua identidade para todos com quem ele convive, ou apenas passam por eles. Os jovens agem ao se fazer presente também usando seu corpo, compete ao jovem questionar, resistir, mudar ou ainda num outro extremo validar sua sociedade. Há o exercício natural no sentido de que “cada sociedade constitui o jovem à sua imagem” (FORACCHI, 1965, p. 302). O que pode sugerir que ser jovem muitas vezes é nadar contra a maré que sua sociedade impõe como ser jovem para pertencer a aquele espaço social e exercer seus direitos apenas nos moldes estabelecidos por aquela sociedade. Ser jovem é primordialmente resistir!

A juventude como a vemos não pode ser simplesmente uma faixa etária descolada de sua sociedade, de sua cultura e, conseqüentemente, a educação formal ou informal que esta juventude recebe e, ao mesmo tempo, proporciona à sua sociedade. Essa dialética juventude-sociedade é elemento essencial para compreendemos às mudanças sociais pelas quais o mundo contemporâneo vem passando. O que nos chama atenção é o aspecto da “pluralidade das experiências interativas e reflexivas”, que segundo Augusto (2005) no caso dos jovens da terceira cultura, dá contornos bem singulares a sociedade onde estes estão inseridos. Assim, encontram um meio de ter as soluções para suas necessidades singulares atendidas através de suas experiências, como nos traz Valente (2008).

Na presente dissertação a categoria juventude é um dos fundamentos, pois durante o trabalho de suporte de retorno na ONG - Projeto Resgate Brasil, boa parte dos casos que foram atendidos envolviam jovens que migraram com suas famílias, que migraram sós ou ainda jovens que nasceram nos países receptores, a força de migração é jovem! Pelos menos nos casos atendidos no escritório da ONG - Projeto Resgate Brasil em Goiânia de 2012 a 2015. Portanto, os sujeitos desta investigação vivenciaram a experiência migratória no período da juventude e, considerando o foi aqui discutido, acreditamos que esta experiência deixou marcas nos adultos que são hoje.

Visto que a ideia é compreender como foi e quais os sentidos dados pelos jovens da terceira cultura para sua experiência de retorno e chegada a escola brasileira precisamos tentar compreender estes sentidos dados pelos jovens a si mesmo como pertencentes a categoria juventude. Em adição como nos traz aqui Melucci (1997) não podemos apenas falar de um tempo externo e simplimenste cronológico acorrentado ao relógio de parede, mas de um tempo de experiências internas ou seja que sentidos este tempo interno constroi nos jovens:

Existe particularmente uma clara separação entre tempos interiores (tempos que cada indivíduo vive sua experiência interna, afeições, emoções) e tempos exteriores marcados por ritmos diferentes e regulado pelas múltiplas esferas de pertencimento de cada indivíduo.” (MELUCCI, 1997, p. 7).

Além disto, as esferas de pertencimento são muito interresantes uma vez que jovens da teceira cultura transitam entre diversas esferas culturais a partir de sua esfera de pertencimento: a esfera da teceira cultura. Uma das “múltiplas esferas” sociais que deve ser levanda em conta quando estamos tratando com jovens de teceira cultura é a do pertencimento. Quanto às concepções de juventude que nos ajudam a compreender a juventude aqui temos uma ancorada em Foracchi (1965, p.302-304):

A juventude é caracterizada a partir de um registro tríplice: o reconhecimento de que se trata de uma fase da vida, a constatação de sua existência como força social renovadora e a percepção de que vai muito além de uma etapa cronológica, para constituir um estilo próprio de existência e de realização do destino pessoal.

Quanto a este registro tríplice da juventude que a autora traz ao diálogo, como então um jovem migrante lida com esta fase da vida? Será que esta juventude migrante se vê como

agente de transformação da sociedade para onde emigra e para a sua de origem? Será que há uma consciência de que este jovem migrante está efetivamente mudando a sociedade de onde se ausenta e onde se faz presente? Será que é apenas uma questão vista pelo viés econômico, talvez este jovem pense consigo: “Vou ali ganhar a vida, ser alguém na vida e retornar com dinheiro para legitimar quem sou ou quero ser?” O ser da juventude imigrante é também o fazer da juventude imigrante tendo consequências tanto para o espaço social que deixou quanto para o espaço social para onde vai. Mas voltamos a questionar: até onde há consciência disto?

Quanto à juventude migrante de retorno é preciso compreender como esta experiência é vivenciada. O que verdadeiramente os toca? os perpassa? adiciona ou retira de quem são durante a sua construção como ser humano? Como se perceberem nessa fase da vida? Conseguem se perceber como agentes de suas vidas e destinos? quem e como são? e quem querem se tornar?

Diante dessas reflexões sobre como o retorno se dá e como é sentido pelos seus atores, nosso olhar é atraído por como os jovens retornados lidam, processam e reagem ao retorno.

### 1.3 Os jovens e a experiência

Para dar conta de nossa da pesquisa que originou esta dissertação, buscou-se conhecer outra ferramenta de análise importante para a compreensão da vivência destes jovens que é o conceito de experiência.

Mas para isso, primeiramente o sujeito da experiência foi definido conforme Dewey (1959, p.153) que diz que o sujeito da experiência, é aquele capaz de “aprender da experiência”. “Aprender da experiência’ é fazer uma associação retrospectiva e prospectiva entre aquilo que fazemos às coisas e àquilo que em consequência essas coisas nos fazem gozar ou sofrer, nessa relação de aprendizagem que envolve o agir e o reagir ao que nos acontece e dessa experiência ser transformando.

Para Dewey (1976):

O característico básico de hábito é o de que toda experiência modifica quem a faz e por ela passa e a modificação afeta, quer o queiramos ou não, a qualidade das

experiências subsequentes, pois é outra, de algum modo, a pessoa que vai passar por essas novas experiências (DEWEY, 1976, p.25- 26).

Assim, toda experiência tem o poder de modificar aquele que passa por ela e por ela é afetada, mesmo contra sua vontade e atinge as outras experiências posteriores a inicial tornando a pessoa afetada pela experiência em outra pessoa e nunca mais a que era inicialmente. Posteriormente, na sociologia da experiência de Dubet (1994, p.107) vai:

[...] definir a experiência como uma combinação de lógicas de ação, lógicas que ligam o ator a cada uma das dimensões de um sistema. O ator deve articular estas lógicas de ação diferentes e a dinâmica que resulta desta atividade constitui a subjetividade do ator e sua reflexividade.

Frente a esta afirmação, Dubet (1974) ressalta ser de relevada importância observar como a experiência se articula se dá se movimenta e se liga ao ator. Esta relação do participante como ator da experiência e de suas reflexões acerca dessa experiência é essencial para a pesquisa. A visão da experiência aqui é sociológica e não meramente dura e positivista.

Para Heidegger (1983, p.143), a reflexão sobre como a experiência é capaz de transformar e, ao observar, analisar e ouvir, de certa maneira o pesquisador também é transformado. “Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo”.

Benjamin (2009) relata que ao analisarmos a ideia de experiência a partir de *Erfahrung* (Memória - Experiência Autêntica - Marcas) temos que aquela experiência que nos perpassa e nos muda verdadeiramente, e que ativa nossa memória gerando mudanças em nós. E aquela experiência ligada à memória que acessamos, vivemos que temos consciência, mas que não nos toca verdadeiramente, esta por sua vez, está ali como fato ocorrido podemos acessá-lo, mas que não gerou em nós uma mudança verdadeira. Estas concepções foram criadas por Benjamin a partir dos conceitos de *Memória e Consciência* de Sigmund Freud.

Segundo o próprio Benjamin (2009, p.21):

Num de meus primeiros ensaios mobilizei todas as forças rebeldes da juventude contra a palavra ‘experiência’. E eis que agora essa palavra tornou-se um elemento de sustentação em muitas de minhas coisas. Apesar disso, permaneci fiel a mim

mesmo. Pois o meu ataque cindiu a palavra sem a aniquilar. O ataque penetrou até o âmago da coisa.

Souza (2016, p.187) nos ajuda a compreender o que Benjamin tinha como propósito ao “penetrar” sem “aniquilar” a experiência:

Benjamin reivindica para as ciências humanas outra forma de expor a verdade, forma que se distingue profundamente do que chamamos conhecimento empírico do real e, portanto, questiona os limites rígidos da racionalidade técnica, preconizando um tipo de conhecimento que inclui as paixões e as utopias indispensáveis à vida, sem as quais não há humanidade possível.

Em outras palavras o empírico sem o humano não gera uma verdadeira experiência. Assim, chegamos então em Bondía (2002), mas também neste caso em Larossa (2000), que vai nos falar do saber contido na experiência, que se dá em um participante que se vê ora ativo e ora passivo quanto ao construir esta concepção de experiência. Evidenciando que tanto a experiência pode acontecer ao sujeito, como o sujeito pode atuar ativamente na experiência, em ambos os casos dando sentido, ou seja, significando para si esta experiência:

Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece (BONDIA, 2002, p.27).

O sentido dado ao que se pesquisa é chave na compreensão desta concepção, a experiência então recebe sentido por aquele que a sente, vive e que por ela é modificado. Não apenas um simples acontecimento sem atribuições, consequências ou mudanças verdadeiras em que as vivências, não são simplesmente uma vivência sem reverberações e sentidos próprios.

Larossa (2002, p.21) nos dá uma concepção que será central na forma como entendemos os sujeitos desta pesquisa: “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas. Porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.”.

Para essa dissertação o conceito é o que nos guia ao tentar identificar não apenas o que se passou na vida, em especial na chegada à escola brasileira, com estes jovens da terceira cultura, no sentido dos fatos ocorridos senão a compreensão do que realmente “tocou” e por isso modificou os participantes da pesquisa. É preciso estar atento para cada “acontecimento” nesta experiência de chegada, como eles eram ao chegar e quais as mudanças ocorreram a eles e que por isso também eles geraram em suas comunidades. Quais os sentidos dados pelos jovens da terceira cultura para sua experiência de retorno e chegada à escola brasileira.

De acordo com Larossa (2002), deixar-se ser tocado pela experiência é uma tarefa para corajosos visto que “[...] a palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão da travessia e perigo”. A travessia para o desconhecido e o perigo que toda mudança implica em sua natureza. A zona de conforto não proporciona experiências é preciso deixar-se ser perpassado por ela! Finalmente afirma que: “Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (LARROSA, 2002, p.25-26).

Numa breve síntese, se isto é possível, dialogando com estes pensadores vemos a experiência como dinâmica, com sentido atribuído por quem é tocado por ela, com potencial transformador. “É contando histórias, nossas próprias histórias, o que nos acontece e o sentido que damos ao que nos acontece, que nos damos a nós próprios uma identidade no tempo” (LARROSA, 2002, p.69), assim ouvir as histórias dos jovens retornados da terceira cultura é um caminho para o conhecimento de quem realmente eles são.

A razão de trazer a concepção de experiência em especial em Larossa (2002) é de dar fala aos participantes da pesquisa por meios de suas experiências expressas nas entrevistas. A verdadeira experiência muda quem é perpassado por ela.

#### 1.4 Cultura ou Culturas? A noção da terceira cultura

A concepção de cultura pode ser observada, compreendida e teorizada por diversos campos de pesquisa como, por exemplo: a sociologia, etnologia, a linguística e a antropologia e outras áreas afins. Aqui tomaremos como conceito para nossa pesquisa o conceito de cultura na perspectiva antropológica. Para isso, chamamos ao diálogo Laraia (2006) que apresenta a cultura como dinâmica e relativa para cada grupo sobre o qual debruçamos nosso olhar. Neste sentido a cultura é dinâmica, está sempre em movimento indo de uma mudança à outra,

algumas transformações mais rápidas outras mais lentas, o tempo que levam tais mudanças é fluido e constante sem ser metódico ou rotineiro.

Contudo, assumimos que não podemos ter um olhar isento de cultura até porque nosso olhar traz consigo certas lentes de nossa própria cultura (etnocentrismo), fazendo com que a pesquisa embora prime pelo rigor científico trás consigo o olhar do pesquisador e suas próprias lentes pessoais culturais mesmo que haja um esforço para isenção e neutralidade não é exequível em sua totalidade. Assim, pensar cultura em Laraia (2006) é dizer que:

Cada sistema cultural está sempre em mudança [sic]. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos [sic]. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade [sic]. a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema (LARAIA, 2006 p.16)

Desta maneira, considerar a cultura e/ou culturas dos participantes e sua e/ou suas visões de mundo, seus sistemas lançando um olhar observador aos participantes da pesquisa e a partir deles perceber suas visões acerca de si mesmos, de sua própria cultura, e do mundo ao seu redor é por natureza observar então os sentidos de dentro para fora. No intento de analisar que concepções de si, de sua cultura e das outras culturas com as quais estes participantes tiveram contato durante seu tempo como migrantes.

Ainda de acordo com Laraia (2006, p.25) a cultura: “É todo este complexo de conhecimento que inclui crenças, arte, moral, leis, costumes, ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade. A cultura mostra nosso ser e nosso agir, nossa identidade, o que faz com que sejamos como somos e que nos faz agir da forma que agimos.

Em um olhar mais etnológico, ou seja, um olhar de comparação entre as características deste grupo social, conforme nos declara Kãser (2004, p.45):

a definição mais ampla [...] entende cultura não apenas como a totalidade de coisas e maneiras de comportamento a serem observadas, típicas de determinado grupo, mas como algo essencialmente mental ou abstrato, escondido nas cabeças das pessoas que vivem na cultura em questão, e que utilizam as regras da mesma, a saber, as estratégias para dar a forma à sua existência. Isso significa que a cultura, quer dizer o sistema de regras ou estratégias, é algo além dos afazeres em si.

A cultura está ligada a identidade da pessoa ou do grupo, ou seja, o indivíduo se vê a partir do seu grupo social. Cultura não é apenas o que se pode observar e demonstrar, mas muito mais aquilo que é imaterial, esse imaterial muitas vezes determina o que podemos efetivamente ver ou o que deixam que vejamos, sem que na verdade possamos acessar na sua totalidade essa cultura, pois está no ser “invisível” dos pertencentes àquele grupo.

Mas não apenas ligada ele molda e transforma enquanto inversamente é moldada e transformada pela cultura e/ ou culturas ao seu redor. Por outro lado, a cultura também lança o olhar sobre quem são os outros, este olhar sobre o outro não deve vir carregado de etnocentrismo, uma ferramenta importante nesse perceber o outro é também fruto do o relativismo cultural. Fazendo o exercício de compreender, perceber, reconhecer e respeitar o outro e seu espaço cultural e social.

Apenas o ser humano tem e produz cultura e algo central num diálogo intercultural é assumir que não há cultura superior, ou melhor, apenas culturas diferentes de quem observa o outro. A cultura determina nossa visão de mundo, das relações pessoais e profissionais da maneira que sonhamos ou temos nossos sonhos destruídos.

Estamos tomando como os pertencentes da terceira cultura, crianças, jovens e adultos que, depois de migrarem para outros países ou mesmo de nascerem nestes países, enfrentam o desafio de não identificação com a cultura dos pais, e nem mesmo com a cultura onde cresceram e se desenvolveram vem ao país de origem de seus pais no retorno familiar. Assim a ideia é identificar que desafios são estes. Para esta pesquisa o recorte será direcionado aos jovens.

Inicialmente o termo terceira cultura foi cunhado no final dos anos de 150 pelos psicólogos Ruth e John Useem, durante uma viagem de pesquisa à Índia para pesquisar por um ano famílias americanas de missionários, militares, diplomatas, oficiais de serviços estrangeiros e homens de negócio, educadores:

Durante sua estadia na Índia, os Useems identificaram três subgrupos (culturas) que estas famílias pertenciam. A primeira cultura era a dos pais, a segunda era a do país receptor onde eles estavam baseados; e a terceira cultura era um estilo de vida compartilhado pelos outros expatriados e famílias internacionalmente móveis.” (POLLOCK; REKEN; POLLOCK, 2017 p.26).

Para uma melhor compreensão desta concepção de terceira cultura se faz necessário que tragamos as concepções de primeira e segunda culturas a seguir:

A primeira cultura é a cultura nativa deste jovem, ou seja, a comunidade de seu nascimento e viveu seus anos iniciais de vida, aqui também nomeamos a primeira cultura como cultura de origem. Podemos ainda acrescentar que no processo de migração internacional a primeira cultura é a cultura dos pais destes jovens.

A segunda cultura é a cultura para onde este jovem migrou, também podemos nomeá-la de cultura receptora. Quanto a migração internacional a segunda cultura é a cultura do país receptor que transforma emigrantes em imigrantes.

A terceira cultura é um cosmos, e as vezes um limbo, criado a partir dos relacionamentos entre pessoas dentro de uma segunda cultura, esta cultura não é um espaço físico, mas sim um espaço social de interação, construção e realização, gerando sua própria comunidade e com características próprias e diferentes das primeira e segunda culturas. A terceira cultura é um lugar de cultura de pertencimento único, não podendo ser comparado há nenhum outro tipo de cultura, sendo uma categoria em si mesma.

Anos depois a definição cunhada por Ruth e John Useem toma uma forma mais definida em Pollock, Reken e Pollock (2017, p.26):

Por definição, TCKs (*Crianças de Terceira Cultura*) são indivíduos que tendo passado uma significativa porção de seus anos de desenvolvimento em uma cultura outra que não a cultura materna de seus pais, desenvolvem um senso de relacionamento para com todas estas culturas, porém ao mesmo tempo não tendo apropriação total de nenhuma delas. Eles incorporam em suas experiências de vida elementos de cada cultura que eles fizeram parte, e seu senso de pertencimento está em seu relacionamento com outros com experiências similares.

### 1.5 A criança da terceira cultura e o jovem da terceira cultura

Em alguns casos o termo TCKs também é usado como crianças transculturais, filhos da terceira cultura, contudo tem o mesmo significado, lembrando que o termo abarca a pessoa pertencente à terceira cultura desde os 15 anos até a idade madura. Para fins do presente estudo utilizou-se o termo jovens da terceira cultura, uma vez que estamos utilizando como uma de nossas categorias de investigação a juventude como recorte para este estudo.

Quem são estes, e no nosso caso quem são estes retornados, que viveram uma boa parte de seus anos de juventude em uma ou mais culturas que não a de origem, e que não se identificaram totalmente com nenhuma dessas culturas.

Nesse contexto, as múltiplas experiências, de distintas culturas, são combinadas por eles e funcionam como ferramentas que ficam à sua disposição e quando se faz necessário eles se utilizam dessas experiências culturais para o que necessitam. “[...] Eles incorporam em suas experiências de vida elementos de cada cultura que eles fizeram parte [...]”. Seu senso de pertencimento está em pessoas ou territórios que passaram por sua mesma experiência, dessa maneira: “seu senso de pertencimento está em seu relacionamento com outros com experiências similares” (POLLOCK; REKEN; POLLOCK, 2017, p.16).

O caminho é sem volta, pois um jovem de terceira cultura não volta a ser um jovem de uma única cultura. O modelo de transição entre culturas anteriormente mencionadas demonstra as seguintes fases: rompimento, abandono, trânsito entrada no novo contexto e reengajamento. Usar esta ponte de transição para entender como os jovens de terceira cultura aplicam algumas partes ou todas nessa chegada à escola foi necessário para entender suas socializações e sociabilidades (POLLOCK; REKEN; POLLOCK, 2017).

Quanto à identidade cultural dos jovens de terceira cultura há uma expectativa sobre quem eles são ou deveriam ser em relação à cultura receptora:

Então, para aqueles que frequentemente se movem entre diferentes culturas, há (a expectativa) de quem as pessoas esperam que estes (jovens) se tornem (ou que eles mesmos esperam que eles se tornem) se comparados à realidade de quem são, isso pode levar podem resultar em vários resultados sobre como se veem. (POLLOCK; RECKEN, POLLOCK, 2003, p. 53- 54).

De um lado a cobrança interna, de sua identidade, e do outro lado a cobrança da cultura receptora, a externa, sobre como a identidade desses jovens é percebida por si mesmos e pelos outros de formas distintas.

Quanto à cultura receptora, ou seja, a cultura da sociedade ao seu redor, pode se dar seguintes maneiras de cobrança da cultura. Pollock, Reken e Pollock (2017) pode ser notadas como: estrangeiros, imigrantes ocultos, adotados ou espelhos.

Na Tabela 2, e nas considerações subsequentes é possível observar essa percepção quando a identidade cultural e sua relação com a cultura ao seu redor.

**TABELA 2.** Identidade Cultural em Relação à Cultura ao seu Redor.

<b><u>Estrangeiro</u></b> Aparência diferente Pensa de forma Diferente	<b><u>Imigrante Oculto</u></b> Aparência similar Pensa de forma Diferente
<b><u>Adotado</u></b> Aparência diferente Pensa de forma similar	<b><u>Espelho</u></b> Aparência similar Pensa de forma similar

**Fonte:** Adaptado de Pollock, Reken e Pollock (2017, p.74).

- **Estrangeiro** – Parece diferente fisicamente, pensa e sente de forma diferente da cultura receptora, não apenas sua aparência é diferente, mas também sua visão de mundo em outras palavras “o que você espera é o que você consegue.”.
- **Imigrante Oculto** – Se parece ou tem características físicas iguais a da cultura receptora, porém pensa e sente diferente dela: embora seja fisicamente parecido internamente sua visão de mundo é totalmente outra, em outras palavras: “o que você espera não é o que você vai encontrar!”.
- **Adotado** – Não se parece fisicamente, mas pensa e sente como a cultura ao redor, apenas a embalagem não é igual, mas o recheio sim. Outra vez: “o que você espera não é o que você vai encontrar!”.
- **Espelho** – Sua aparência, seu pensamento e seus sentimentos são como da cultura circundante (ou ao seu redor). Em outras palavras: “o que você espera é o que você vai encontrar!”.

Pollock, Reken e Pollock (2017) argumentam ainda que pertencer à terceira cultura tem características positivas e negativas, vantagens e desafios e eles listam algumas que podem ser assim sintetizadas:

Positivas ou Vantagens:

- **Visão de mundo ampliada** - Tem uma noção mais real e ampla de mundo (sociedades) e do que o afeta, em especial do que afeta as pessoas que conhece naquela parte do mundo. Sabem que, por exemplo, há várias datas para um mesmo ano novo: o chinês, o árabe, o judaico e não apenas o que o ocidente toma como referencial para si;
- **Visão do mundo em 3D** – Como tiveram experiências de em diversos lugares do mundo quando alguém se refere à palavra castelo, por exemplo, em suas mentes

podem acessar formatos, tamanhos, cheiros, cores diferentes para o mesmo objeto ou experiência uma vez que já estiveram em castelos, na China, na Escócia, na Inglaterra, no Oriente, neste caso a palavra castelo pode ser revivida em 3 Dimensões e não apenas no abstrato;

- **Enriquecimento transcultural** – Estão abertos a aprenderem sobre culturas diferentes e a incorporarem o que considerarem ferramentas úteis dessas culturas para seu estilo de vida, são abertos para experimentarem novos esportes, pratos típicos, hábitos de diversas culturas;
- **Adaptabilidade transcultural** - Observam, analisam e respondem a situações de maneira rápida e assertiva em especial em contextos transculturais;
- **Misturar-se** – como vimos anteriormente quanto a identidade do imigrante oculto, quando a aparência física e adaptação a língua dá a eles a capacidade de se misturarem e não serem identificados contudo por dentro pensam diferente, eles podem fazê-lo mas as vezes entram em crise se achando hipócritas, pois por fora são idênticos contudo por dentro não.
- **A importância do agora** - *Carpe Diem* (Aproveite o dia), pela razão de que tudo é transitório o agora se torna muito importante, aproveita-se os relacionamentos agora, se diz que gosta ou não agora, aproveita as oportunidades do agora visto que o futuro é sempre incerto.
- **Admiram autoridades** – uma vez que são filhos de militares, embaixadores, homens e mulheres de negócio e missionários, por exemplo, eles veem nestas estruturas de autoridade certo padrão, certa estrutura quando em seu mundo interior e exterior as estruturas mudam facilmente em geral estas permanecem;
- **Facilidade de aquisição de línguas** - A maioria dos jovens de terceira cultura falam duas línguas e tem facilidade para aquisição de outras;
- **Rede de amizades ampliada** - Sua network é global e não regional e como seu senso de pertencimento é nos relacionamentos há uma grande rede mundial de auxílio mútuo entre eles;
- **Independência** - aprendem a “se virarem” em diversas situações;
- **Maturidade** - em geral está dois ou três anos à frente dos jovens de sua idade em maturidade.

Negativas ou Desafios:

- **Lealdade é algo confuso** – Para qual país torcer nas olimpíadas ou na copa do mundo? Ou ainda qual a que país sua visão política está mais ligada? Se já é confuso num contexto de duas culturas ainda mais em um multicultural;
- **Consciência dolorosa de realidade** – Uma vez que podem ter passado, por tsunamis, alagamentos, furacões, mortes, acidentes, evacuações, alguns viveram em regiões de guerras ou conflitos de ordem política, quando ouvem uma notícia no jornal acessam imediatamente a experiência e a revivem em 3D (como vimos nos pontos positivos ou nas vantagens) acessando dor e identificação;
- **Ausência de conhecimento (Ignorância) sobre a cultura do Lar (cultura de seus pais)** – Eles dificilmente têm conhecimento sobre a história do país de seus pais, ou suas figuras históricas, ou conhecem seus costumes, algo, por exemplo, sobre quem foi Dom Pedro I ou Zumbi dos Palmares, há lacunas culturais e históricas, mesmo que dentro de suas casas falem o idioma dos pais e a comida seja brasileira, por exemplo, há uma série de aspectos dessa cultura que eles não tiveram acesso;
- **Ausência de verdadeiro equilíbrio Cultural** - como são camaleões culturais pode mudar tanto e se adaptar tão rápido que tenham dificuldades de saber quem realmente são ou ainda gerar nas pessoas ao redor o sentimento de que não são pessoas confiáveis já que muda tanto o tempo todo, o absoluto em suas vidas é a mudança;
- **Definindo as diferenças** - em alguns casos ao tentar definirem suas diferenças quanto a identidades eles criam microcosmos ou guetos onde não permitem que outros possam entrar apenas o que se identificam com seu extremo de demonstração de identidade, como roupas ou jeito de falar, o desafio é como manterem quem são mas ao mesmo tempo abrir espaço para a troca cultural que pode ensinar muito a ambos os grupos;
- **Ausência de ambição** – uma vez que tudo muda muito rápido e só o agora é real eles têm dificuldade de planejar de fazer escolhas para que vão determinar seus futuros, as expectativas deixam de existir tirando aquele senso bom de esperar que algo benéfico irá acontecer;
- **Não confiam em autoridades** - Apreciam autoridades (uma vez que são filhos de militares, embaixadores, homens e mulheres de negócio e missionários) como estruturas mas não como pessoas que dão estabilidade a suas vidas, pois são estas autoridades no final tomam decisão que geram as mudanças em suas vidas e em geral sem seu consentimento ou consulta.
- Não ter raízes - precisam de constantes mudanças, seja nos relacionamentos ou em

sua carreira;

- **Perda de mundo** - perda de seu *locus* de seu chão do espaço social que contribuiu para que este jovem seja quem for;
- **Perda de seu estilo de vida** - Como este jovem desenhou e viveu sua vida naquele lugar tempo, cultura e sociedade; Não houve tempo para adeus, apenas um: “vamos embora”.
- **Perda e ou insegurança de relacionamentos** - amigos, namorados, esposas, amigos que se tornaram família na ausência dos parentes do país de origem, devido ao tempo que passaram em um país, avós, tios e primos são substituídos por vizinhos e conhecidos do país receptor e que ficaram para trás;
- **A crise de identidade** - o que faz este jovem ser quem ele é para si, para as culturas diversas em que está inserido, bem como os relacionamentos fazem com que ele seja quem se tornou; E por isso a pergunta: “De onde você é?” ou “Onde fica seu lar” em geral toma um longo tempo para ser explicado pelo jovem de terceira cultura sem falar que é sempre uma crise responder: “de onde eu sou?”
- **Desapego forçado de objetos sentimentais e bens econômicos importantes para eles.**
- **Falta do conhecimento da cultura do lar, ou seja, da cultura do passaporte ou dos progenitores;**
- **Ausência ou senso de pertencimento:** o que leva a uma característica central desse grupo social apenas se sentia em casa quando se relacionavam de alguma forma com outros jovens de terceira cultura e não necessariamente em um espaço geográfico.

Como consequência alguns jovens de terceira cultura experienciam, segundo esses autores, na sua fase adulta problemas como: depressão, tristeza, ira, luto reprimido ou tardio, doenças psicossomáticas, dores sem explicação biológica e que apareciam do nada. Os autores chamam de vantagens e desvantagens dos jovens da terceira cultura, porém nós preferimos dizer que são nada mais que características que fazem o jovem de terceira cultura quem ele é, contudo verificamos se os efeitos de ser um jovem de terceira cultura se confirma conforme as afirmações dos autores Pollock, Reken e Pollock (2017).

As características da terceira cultura anteriormente mencionadas poderiam ser percebidas nos jovens de terceira cultura que chegam às escolas brasileiras. O lamento pelas oportunidades perdidas, pelos anos de estudo fora do país, do que se tinha ou não das experiências escolares que eram comuns e que sumiram ou se tornaram raras. Os passeios, os

aprendizados, o lazer todos estes aspectos da vida entram em crise e faz com que se questione onde as bases para o seu futuro são fundamentadas.

A partir desta definição, buscar-se identificar, analisar, registrar e compartilhar as características percebidas nas experiências de tais jovens da terceira cultura na sua chegada à escola brasileira. Compreender como estes jovens viveram a experiência de chegada a nossas escolas aqui no Brasil? Como se deu ou não a transição cultural descrita por Pollock, Reken e Pollock (2017).

Faz-se necessário dizer que os retornados desta pesquisa, tem características de terceira cultura e que eles jovens quando migraram e retornaram não eram migrantes laborais, mais migrantes que tendo encontrado dificuldades de permanência no país receptor procuraram políticas e programas para realizarem seus retornos.

## **CAPÍTULO II – DE VOLTA AO MEU ACONHEGO? POLÍTICAS DE ACOLHIMENTO AO MIGRANTE RETORNADO**

### 2.1 Um olhar para as políticas, programas e ações de acolhimento aos retornados

Para uma melhor compreensão das políticas de acolhimento do retornado se faz necessária um breve apanhado histórico dos mecanismos legais que regiam e regem atualmente as políticas de migração no Brasil. Nosso exercício aqui é buscar leis e ações de acolhimento ao migrante brasileiro em seu caminho de retorno ao Brasil. Apontar, verificar e analisar as ações existentes bem como as ausências e lacunas que podem se mostrar no caminho de retorno.

Há realmente políticas públicas e ações que efetivamente atendam às necessidades e/ou mesmo superficialmente acolham o retornado com a finalidade de tornar a menos traumática e/ou pelo menos mais suave sua experiência de retorno ao seu país de origem? As ações do governo são as únicas que podem ajudar neste interim? Há ações da sociedade de retorno para com os seus? E em caso de ausência total qual deveria ser o posicionamento da sociedade de retorno?

Com esta finalidade, chamamos para o diálogo inicial o Decreto-lei nº406/38 e o Estatuto do Estrangeiro de 1980 e suas adequações em 1981 (BRASIL, 1938; BRASIL, 1980). Também se faz uma breve reflexão sobre o Estatuto do Estrangeiro e a sua relação com a CF de 1988 (BRASIL, 1988). Chegamos então ao marco legal mais importante para os migrantes no Brasil o Estatuto do Migrante (BRASIL, 2017).

Ao final desta seção, então trouxemos a lume os direitos e deveres dos retornados a partir destes documentos. Complementarmente, pontuamos algumas políticas e/ou programas especificados nos contratos de acordo para o retorno voluntário (que devem ser aceitos e assinados pelos retornados) de agências e ONGs parceiras da ONG - Projeto Resgate Brasil (utilizada aqui como ponto de partida para identificação dos retornados que participaram desta pesquisa de campo).

### 2.2 O Decreto-Lei nº 406/38

A primeira orientação legal que trata da presença de estrangeiros no Brasil foi o Decreto-Lei n.º 408, criado em 4 de maio de 1938, após a primeira leva de migração para Brasil afim de que substituir a mão de obra escravizada nas fazendas de café, que em seu Art. 1º diz que:

Não será permitida a entrada de estrangeiros, de um ou outro sexo: I - aleijados ou mutilados, inválidos, cegos [sic], surdos-mudos; II - indigentes, vagabundos, ciganos e congêneres; III - que apresentem afecção nervosa ou mental de qualquer natureza, verificada na forma do regulamento, alcoolistas ou toxicômanos; IV - doentes de moléstias infectocontagiosas [sic]. Graves, especialmente tuberculose, tracoma, infecção venérea, lepra e outras referidas nos regulamentos de saúde pública; V - que apresentem lesões orgânicas com insuficiência funcional; VI - menores de 18 anos e maiores de 60, que viajarem sós, salvo as exceções previstas no regulamento; VII - que não provem o exercício de profissão lícita ou a posse de bens suficientes para manter-se e às pessoas que os acompanhem na sua dependência; VIII - de conduta manifestamente nociva à ordem pública, à segurança nacional ou à estrutura das instituições; IX - já anteriormente expulsos do país, salvo si o ato de expulsão tiver sido revogado; X - condenados em outro país por crime de natureza que determine sua extradição, segundo a lei brasileira; XI - que se entreguem à prostituição ou a explorem, ou tenham costumes manifestamente imorais. (BRASIL, 1938).

Este Decreto-Lei foi o marco legal por 42 anos, ou seja, esta normativa se perpetuou por todo este tempo desde as guerras, o pós-guerra e a ditadura militar, o mundo estava vivendo vários movimentos migratórios enquanto no Brasil esta normativa regeu nossas relações com as outras nações e forma como recebíamos os emigrantes. Este Decreto-Lei precedeu.

O Estatuto do Estrangeiro de 1980, já mostrava como pensava o governo do Brasil, no contexto em que a primeira leva de migrantes que havia começado a vir em 1986, se intensificou até 1920 e que teve um decréscimo nas décadas de 1930 e 1940(justamente no recorte temporal dessa lei), especialmente devido as guerras no continente europeu.

Uma lei que excluía portadores das mais diversas deficiências (físicas ou mentais), portadores de enfermidades e doenças inclusive as venéreas, adultos acima de 60 anos, de opinião política ou que manifestava uma opinião “nociva” ao governo do Brasil entre outros. Em resumo esse Decreto-Lei de 1938 era discriminatório e sectarista, cujo objetivo era atrair para o Brasil apenas os saudáveis, em idade laboral que pudessem beneficiar a nação Brasileira. Ou seja, qual a visão da política de migração sobre os estrangeiros que estavam chegando ao Brasil?

No histórico migratório brasileiro percebemos que o governo e as instituições tiveram que aprender a lidar com os retornados, criar protocolos e leis, fazer parcerias com

ONGs e começar a entender as necessidades que este grupo de seres humanos e cidadãos brasileiros demandavam.

O contexto histórico, explica, mas não justificar depois de quase 20 anos da ciência de que estes brasileiros que estão retornando, que ainda não haja políticas públicas pra eles, e que se desconheça quais são suas necessidades, e como se podem acolher este indivíduos de uma maneira personalizada, com trato e cuidado específico para atenuar os efeitos negativos, os desafios e as consequências da migração de retorno.

Neste contexto, analisaremos então algumas leis brasileiras de migração e vejamos como marcamos a presença ou ausências de migrantes retornados e que são apresentadas a seguir.

### 2.3 A Lei nº 6.815/80 - O Estatuto do Estrangeiro

O Estatuto do Estrangeiro – Lei nº. 6.815 de 19 de agosto de 1980, foi aprovado pelo General João Baptista de Oliveira Figueiredo. Com 141 artigos, a Lei foi promulgada sem consulta ao Congresso Nacional e nem mesmo a sociedade civil, sendo enviado em regime de urgência e aprovado em menos de três meses. Quanto a sua natureza, como argumenta a OIM (2019), o Estatuto tinha a seguinte perspectiva:

A perspectiva era, portanto, claramente excludente. Era uma legislação para pessoas *não nacionais*, marcada por restrições de direitos e imposição de muitos deveres, sob a justificativa da proteção ao interesse nacional, à segurança nacional e ao trabalhador nacional (OIM, 2019, p.10).

Este aparato legal dava diretrizes sobre a situação do “não nacional” em território brasileiro, por isto a nomenclatura Estatuto do Estrangeiro. Tinha como sua coluna espinhal a segurança nacional, preconizando a mão de obra estrangeira, a quase inexistência de direitos e a abundância de deveres dos “não nacionais”. O objetivo do Estatuto era “propiciar mão de obra especializada” objetivando o “aumento da produtividade, a assimilação de tecnologia e a captação de recursos para setores específicos” (OIM, 2019, p. 10).

Em poucas palavras era um estatuto de deveres e poucos direitos, apenas para regular a vida do estrangeiro no território brasileiro. Contudo, a reação negativa popular foi imediata

(OIM, 2019), e recebeu duras críticas, tendo uma reverberação muito negativa advinda de diversos segmentos da sociedade, mesmo assim foi aprovado e só deixou de vigorar com aprovação do Estatuto do Migrante, em 2017. Assim, por quase 40 anos, os retornados ficaram ausentes em seus direitos e como parte da sociedade brasileira, dizemos ausentes, ou não mencionados. Por conta disso, nossa tarefa hercúlea foi encontrar historicamente quando eles se fazem presentes nos aparatos legais da sociedade Brasileira.

#### 2.4 A Lei n.º 6.964/81 – Mudanças no Estatuto do Estrangeiro, mas não muitas

No dia 10 de dezembro de 1981 foi publicado o Decreto-Lei n.º 86.715 (BRASIL, 1981), ainda embasado no princípio da segurança nacional, sem mudanças significativas quanto a sua natureza. Ressaltamos que se não fosse pela questão da primeira anistia temporária concedida neste decreto nenhuma mudança substancial teria acontecido.

A Lei n.º 6.964/81 era o mesmo Estatuto do Estrangeiro com o acréscimo da anistia. Trazemos esta lei para dizer que o esforço de mudança era nenhum, na verdade era mais do mesmo, trazendo algo que afetava apenas os estrangeiros documentados; uma vez que esta anistia era burocrática e nem todos conseguiam ter acesso à mesma por não poderem fornecer os documentos necessários. Deixando os retornados ainda esquecidos, ausentes e invisíveis.

#### 2.5 A educação de migrantes e retornados na Constituição de 1988: Ausências e presenças

Um aspecto que trazemos aqui é o intento de levantar a questão do direito à educação para todos, direito este garantido segundo a CF brasileira de 1988. Uma vez que, este direito é universal vem o questionamento de porque os migrantes e retornados acabam não sendo contemplados, uma vez que aqueles que retornaram, retornavam para território brasileiro. Inicialmente quanto aos migrantes estrangeiros em seu artigo 48 o Estatuto do Estrangeiro, declara:

Salvo o disposto no §1º do artigo 21, a admissão de estrangeiro a serviço de entidade pública ou privada, ou a matrícula em estabelecimento de ensino de qualquer grau, só se efetivará se o mesmo estiver devidamente registrado (art. 30).

Parágrafo único. As entidades, a que se refere este artigo remeterão ao Ministério da Justiça, que dará conhecimento ao Ministério do Trabalho, quando for o caso, os dados de identificação do estrangeiro admitido ou matriculado e comunicarão, à medida que ocorrer, o término do contrato de trabalho, sua rescisão ou prorrogação, bem como a suspensão ou cancelamento da matrícula e a conclusão do curso”. (BRASIL, 1980).

Desta maneira, o art. 48 lança sobre a escola a tarefa de fiscalizar, vigiar e delatar quem é documentado ou não é uma vez que se constate que o imigrante está irregular, uma vez que a instituição deve denunciá-lo ao governo com o fim de retirar deste migrante seu direito a educação.

Traz-se aqui, à questão do estrangeiro para salientar a ausência mais uma vez do direito do retornado, considerando que o retornado brasileiro migrou com sua família e ainda levando em conta que alguns filhos migram e que estes ficaram boa parte de suas vidas fora do Brasil e não raro alguns destes filhos nasceram fora do Brasil. Pode-se, colocar um marcador aqui, tanto para a ausência de leis para o retornado, quanto para os direitos que a eles devem ser conferidos cidadão que já são da nação. Assim, de acordo com o artigo 12, inciso I, da CF de 1988, pela Emenda Constitucional nº 54/2007, entre a os quesitos para serem brasileiros natos no item “c” está figurado que:

os nascidos no estrangeiro de pai brasileiro ou de mãe brasileira, desde que sejam registrados em repartição brasileira competente ou venham a residir na República Federativa do Brasil e optem, em qualquer tempo, depois de atingida a maioridade, pela nacionalidade brasileira (BRASIL, 2015).

Dessa forma eles habitam num limbo de direitos onde o “nem brasileiro, nem estrangeiro” é aplicado a ele na prática embora em seu passaporte diga cidadão brasileiro, assim eles não detêm direitos como estrangeiros e a nem acessam seus direitos como brasileiros.

São os retornados brasileiros por direito, sim, mas são brasileiros de fato no exercício de seus direitos? São estes brasileiros lembrados de fato e de direito em seu retorno? É isto o que estamos investigando nesta seção. Retornados estes que desconhecem, portanto, o contexto da educação no Brasil, como se pontuou anteriormente que alguns destes filhos não apenas já não falavam mais a língua portuguesa, como alguns nunca a aprenderam. Como é

possível uma inclusão destes retornados a vida escolar ou universitária? Eles se veem e são vistos como brasileiros?

Daí a nossa reflexão: será que alguns destes retornados não são verdadeiramente estrangeiros em sua própria “*Terra Brasilis*”? A discrepância entre o texto e a realidade é enorme, conforme nos mostra em que a CF afirma em seu art. 205 que: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 2016, p. 223).

A educação em sua plenitude deveria chegar a todos (as), acabando com ausências e inviabilidades, tornando o cidadão autônomo e emancipado para a vida, durante a migração ou durante o seu retorno. Em uma situação ideal teríamos jovens migrantes retornados, acolhidos e emancipados, começando pelo estado e tendo suporte e reconhecimento em toda sociedade a qual pertence. Se hoje, podemos perceber que a igualdade de condições para o acesso e permanência a educação não é garantida a toda a sociedade brasileira, será que haveria igualdade de condições para a educação aqueles filhos da pátria que a ela retornam? Como pode uma sociedade de forma assertiva e efetiva garantir o acesso e permanência à educação, uma vez que o faz em sua CF, assegurar que os sujeitos, de forma mais específica dessa juventude, possam exercer sua plena cidadania?

Questionamos como pode ser dá essa política de educação, quanto a inclusão e exclusão de pessoas baseando-se em ser documentados ou não? Bem, a realidade é que historicamente assim permaneceu até o advento da nova lei de migração no ano de 2017. É preciso reforçar que aqui trouxemos apenas a questão da educação, sem tratar de tantos outros aspectos que não foram contemplados ou simplesmente ignorados por tais políticas.

## 2.6 Aprovação da Lei de Migração em 2017

Contando com 10 capítulos e 125 artigos, a Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017 (BRASIL, 2017), foi o mais importante marco legal, ainda vigente nos dias de hoje, na nação brasileira no que tange a abarcar os direitos e deveres dos migrantes, todavia ela veio com 20 vetos. Uma vez que a Lei da Migração de 2017 tenha avançado em muitos aspectos, comparado ao Estatuto do Estrangeiro, desde já podemos afirmar isto, inclusive em nomenclaturas, concepções e em ações no sentido de atender as necessidades dos direitos dos

migrantes, ainda pouco se pontua quanto aos migrantes retornados, mas eles não são mais invisíveis.

Antes, contudo, de pontuar os aspectos abordados nesta investigação, se faz necessário conhecer os fatos históricos que permearam a criação do da Lei nº13. 445 de 24 de maior de 2017, para então chegamos ao diálogo com o texto do projeto de lei que efetivamente se tornou a Lei de Migração (BRASIL, 2017).

Assim, Oliveira (2017) nos dá um pano de fundo histórico sobre a aprovação da Lei nº 13.445 de 2017 que traremos aqui resumidamente.

Embora alguns movimentos do governo e da sociedade estivessem articulados no intuito de modificar o Estatuto do Estrangeiro, trazemos aqui apenas três projetos de lei que foram normativos para se chegar ao projeto de lei que então viria a ser aprovado e se tornaria a Lei de Migração em vigor no Brasil desde o ano de 2017.

Inicialmente pontua-se dois projetos de lei que foram basilares para se chegar ao anteprojeto que efetivamente deu origem a Lei da Migração de 2017, sendo eles: Projeto de Lei (PL) n.º 5.565/2009 e o PL n.º 288/2013.

O PL nº 5.565/2009 se arrastou desde 2005 e só foi encaminhado ao congresso nacional em 2009.

Conforme Oliveira (2017, p.173):

O PL mantinha, no essencial, a política migratória praticada no Brasil, baseada no mobilizar, classificar e localizar, refletia mais o enfoque que trata de forma instrumental as migrações internacionais, procurando tirar proveito das vantagens econômicas e, apesar de ser apresentado como um novo instrumento baseado nas garantias dos direitos humanos dos migrantes, mantinha algumas características típicas da visão fundada na segurança nacional.

Apesar de algum esforço para que os direitos humanos tomassem o lugar central, não houve sucesso, pois o interesse ainda era comercial, o centro do PL ainda a visão da segurança nacional a mesma forma e forma de ser do Estatuto do Estrangeiro de 1980.

O PL que foi formativo para a Lei da Migração era o PL do Senado n.º 288/2013. Sua maior mudança era a conceitual no sentido de mudar a ideia de estrangeiro para migrante e pela primeira vez, incluindo os brasileiros que migraram internacionalmente, o autor foi, o Senador Aloysio Nunes Ferreira.

Afinal, estrangeiros e migrantes são concepções diferentes, desde o estado temporal de permanência numa sociedade, quanto ao estado de identidade, quanto ao acolhimento da nação receptora. Sayad (1991, 243) nos chama a atenção para essa diferença:

Um estrangeiro, segundo a definição do termo, é estrangeiro, claro até as fronteiras, mas também depois que passou as fronteiras; continua sendo estrangeiro enquanto puder permanecer no país. Um imigrante é estrangeiro, claro, até as fronteiras; mas apenas até as fronteiras. Depois que passou a fronteira, deixa de ser um estrangeiro comum para se tornar um imigrante. Se “estrangeiro” é a definição jurídica de um estatuto, “imigrante” é antes de tudo uma condição social.

Percebe-se aqui a diferença. O estrangeiro, entre outros aspectos, dá a ideia daquele que não pertence e está de passagem, não cria raízes ou relacionamentos; no entanto o migrante ou, é aquele que fica, que uma vez transposta à fronteira, deixa de ser estrangeiro (temporal) para se tornar migrante, habitante daquele lugar e daquela sociedade. Que cria relacionamentos, relações sociais, de comércio, afetivos, de vida, que se estabelece como daquele espaço geográfico-social. Portanto, não deveria ser considerado um ser estrado. Um estrangeiro. Consequentemente é importante neste PL nº 288/13 a mudança da nomenclatura aqui de estrangeiro para migrante. Contudo precisamos lembrar que os retornados ainda não são mencionados nesse projeto de lei.

Seguidamente o anteprojeto de Lei de Migrações e Promoção dos Direitos dos Migrantes no Brasil foi elaborado pelo Ministério da Justiça e Segurança Pública, que criou uma comissão e promoveu ações como: audiências públicas trouxeram para o diálogo atores sociais: de organizações internacionais, pesquisadores, especialistas e diversos atores sociais para então propor as mudanças que julgavam necessárias. No entanto, o Congresso Nacional não teve acesso a seu conteúdo na íntegra (OIM, 2017).

Na sua fase final, um projeto do Senado deu origem ao PL substitutivo nº 2.516/2015 – que abarcava também os aportes do Ministério da Justiça, com propostas que tiveram origem lá no primeiro projeto de lei, o nº 5.655/2009. Sua aprovação veio no dia 18 de abril de 2017, porém ainda era necessária a sanção presidencial. Com a sanção do presidente, no dia 24 de maio de 2017 a nova Lei de Migração entrou em vigor, depois de 180 dias de sua publicação no diário oficial como nos lembra Oliveira (2017). Assim, quase 40 anos depois da aprovação do Estatuto do Estrangeiro em 1980, o Brasil passava a ter não um documento para estrangeiros, mas para migrantes e retornados dessas migrações também.

## 2.7 Algumas mudanças advindas da Lei nº 13.445/17

Acreditamos, que um aspecto inicial e que divergia totalmente do Estatuto do Estrangeiro, que precisa ser ressaltado, é que a nova Lei de Migração teve como motivação abranger aspectos quanto a quem é o migrante e não o estrangeiro, divergindo grandemente de seu documento anterior, o Estatuto do Estrangeiro. Outro aspecto central é que a segurança nacional deixou de reger a Lei de Migração, como fazia com o Estatuto do Estrangeiro, mas hoje é balizada pelos direitos humanos universais. Entre outros aspectos é dizer que se a pessoa migra seus direitos também migram com ela.

O Antigo Registro Nacional do Estrangeiro (RNE) tinha como papel o controle visando a segurança nacional e o aproveitar-se dos talentos trazidos de fora para melhoria da nação brasileira, e que apenas gerava quase que infinitos deveres e direitos incipientes aos migrantes que então eram apenas tratados como estrangeiros, transitórios, que não pertenciam a nação brasileira e, portanto não deveriam serem tratados como cidadãos da nação.

Agora mudara e passava a ser chamado de que de Registro Nacional Migratório (RNM), o que já dizia muito sobre a mudança na natureza do documento e de suas ações, agora com foco em todos os migrantes, fossem eles estrangeiros ou não e tendo como sua espinha dorsal os direitos humanos internacionais, abrangendo desde os que chegam ao Brasil, quanto aos brasileiros que migram e que retornam ao território brasileiro.

Aqui é importante salientar que a invisibilidade do que retorna começa a ser percebida, uma vez que estes são mencionados na Lei da Migração de 2017 que traz, em seu artigo 1º, o Reconhecimento da situação dos migrantes: Tais como imigrante, emigrante, residente fronteiriço, visitante, apátrida, o que já é um grande avanço em relação ao Estatuto do Estrangeiro (estes termos são mais bem explanados no documento). Se rememorarmos, o Estatuto de 1980, antes havia apenas o nacional e o não nacional (estrangeiro).

No art. 3º na seção II, em termos gerais, temos grandes avanços a reconhecimentos tais como: A universalidade dos direitos humanos; repúdio e prevenção à xenofobia, ao racismo e a quaisquer formas de discriminação; não criminalização da migração; acolhida humanitária; garantia do direito à reunião familiar; igualdade de tratamento e de oportunidade ao migrante e a seus familiares; inclusão social, laboral e produtiva do migrante por meio de políticas públicas; acesso igualitário e livre do migrante a serviços, programas e benefícios sociais, bens públicos, educação, assistência jurídica integral pública, trabalho, moradia, serviço bancário e seguridade social; promoção e difusão de direitos, liberdades, garantias e

obrigações do migrante; cooperação internacional com estados de origem, de trânsito e de destino de movimentos migratórios, a fim de garantir efetiva proteção aos direitos humanos do migrante; proteção integral e atenção ao superior interesse da criança e do adolescente migrante; proteção ao brasileiro no exterior; migração e desenvolvimento humano no local de origem, como direitos inalienáveis de todas as pessoas; promoção do reconhecimento acadêmico e do exercício profissional no Brasil, nos termos da lei; e o repúdio a práticas de expulsão ou de deportação coletivas. (BRASIL, 2017). Se estes direitos são garantidos a todos os migrantes, também deveriam ser garantidos aos retornados, em especial aos jovens migrantes que retornam ao Brasil.

## 2.8 Os migrantes brasileiros e retornados

Mas, e quanto aos brasileiros no exterior e aos que querem retornar, a Lei da Migração de 2017 dá suporte para estes dois grupos? Acerca da situação dos brasileiros no exterior há apenas quatro artigos em um único capítulo dedicado esta questão, o capítulo VII - Do emigrante (BRASIL, 2017) - abrangendo os brasileiros em duas seções, a saber: “Das Políticas Públicas para os Emigrantes e Dos Direitos do Emigrante”. Na primeira seção, “Das Políticas Públicas para os Emigrantes”, apenas o art. 77 aparece tratando assuntos que conforme forem apresentados serão comentados:

- I - Proteção e prestação de assistência consular por meio das representações do Brasil no exterior.

Um avanço na preocupação do governo com os brasileiros que migraram internacionalmente uma vez que no Estatuto do Estrangeiro, esta é uma laguna que percebemos, não havia preocupação alguma de suporte consular com os brasileiros migrantes.

- II - Promoção de condições de vida digna, por meio, entre outros, da facilitação do registro consular e da prestação de serviços consulares relativos às áreas de educação, saúde, trabalho, previdência social e cultura;

O ato de facilitar as condições de vida pelo registo consular está em consonância com o que comentamos anteriormente sobre as lacunas que havia na legislação brasileira acerca de brasileiros migrantes e retornados.

- III - Promoção de estudos e pesquisas sobre os emigrantes e as comunidades de brasileiros no exterior, a fim de subsidiar a formulação de políticas públicas;

O fato de promover estudos para conhecer a realidade dos migrantes brasileiros e das comunidades que formaram em outros países é algo que pode ajudar a compreender, muito sobre aspectos da migração e do retorno, por que retornam, entre outros aspectos que podem ajudar o Brasil a construir ações e políticas para os que retornam.

- IV - Atuação diplomática, nos âmbitos bilateral, regional e multilateral, em defesa dos direitos do emigrante brasileiro, conforme o direito internacional;

Este ato faz coro com as determinações anteriores e estar claramente pontuado é positivo para os emigrantes e muito para os retornados, uma vez que acordos podem ser firmados entre estas nações com o fim de promover um retorno seguro e auxílios necessários.

- V - Ação governamental integrada, com a participação de órgãos do governo com atuação nas áreas temáticas mencionadas nos incisos I, II, III e IV, visando a assistir as comunidades brasileiras no exterior;

Que os órgãos do governo ajam em parceria com o fim de cuidar das comunidades brasileiras no exterior também tem o efeito de cuidar do que retornam e de suas famílias.

- VI - Esforço permanente de desburocratização, atualização e modernização do sistema de atendimento, com o objetivo de aprimorar a assistência ao emigrante.

Analisando o texto acima, pode-se observar que embora haja um esforço em fazer com que os direitos dos brasileiros que migram internacionalmente ganhem força, eles parecem gerais e poucos específicos quanto sua aplicação visto que são princípios e não textos específicos para uma categoria. Por exemplo, no primeiro e segundo itens, da seção I, não há uma direção clara da aplicação de assistência consular, ou que natureza seria e menos ainda de que “promoção da vida digna” e como seria facilitado pelo consulado para a efetivação dos serviços de “educação, saúde, trabalho, previdência social e cultura”. Subsequentemente, nas

diretrizes de III a VI, há o esforço de pesquisas para conhecer a realidade do emigrante brasileiro com vistas a criar políticas públicas e que sejam garantidos os direitos desses emigrantes. Na segunda seção denominada: “Dos Direitos do Emigrante” (BRASIL, 2017), são contemplados os art. restantes (78 - 80), do mesmo documento e abaixo dispostos:

Art. 78. Todo emigrante que decida retornar ao Brasil com ânimo de residência poderá introduzir no País, com isenção de direitos de importação e de taxas aduaneiras, os bens novos ou usados que um viajante, em compatibilidade com as circunstâncias de sua viagem, puder destinar para seu uso ou consumo pessoal e profissional, sempre que, por sua quantidade, natureza ou variedade, não permitam presumir importação ou exportação com fins comerciais ou industriais.

No art. 78 é garantido o direito de isenção de impostos sobre os bens que o retornado trazer consigo durante o retorno, ou seja, sem taxa de importação. Porém eles devem ser compatibilidade com as circunstâncias de as viagens, tempo, condições e que sejam para o seu uso pessoal e que não se tenha premissa de importação ou exportação para fins que não sejam pessoais. Em outras palavras depende novamente do fiscal da aduana analisar e julgar as circunstâncias do retorno e de dos bens adquiridos no tempo fora do Brasil. Embora seja um direito muito útil, caso você tenha condições de trazer, seus móveis, eletrônicos, o que adquiriu sem taxas de importação.

Contudo, pelo menos três questões são levantadas aqui: a primeira é ter recursos para trazer o que adquiriu no tempo fora, aluguel de contêiner e transporte, e levando em conta que nem todos os retornados retornam para um lugar perto de um porto; a segunda, a questão de provar que o que está trazendo pertence ao retornado e que é compatível com seu tempo<sup>7</sup> e condições de viagem além é claro a terceira questão que é provar que não é para comercialização.

Reconhece-se aqui esforço em ajudar, contudo a isenção de taxas é suficiente para garantir um retorno saudável e menos traumático? Crê-se que não.

Art. 79. Em caso de ameaça à paz social e à ordem pública por grave ou iminente instabilidade institucional ou de calamidade de grande proporção na natureza, deverá

---

<sup>7</sup> Como se prova que aspirador de pó comprado, mobília ou uma televisão comprada há 6 anos, todas sem nota devido a perda ou descarte, algum acidente? E quem conseguiu mais bens em 6 anos que outro? São questões bem subjetivas, mas reais aos retornados.

ser prestada especial assistência ao emigrante pelas representações brasileiras no exterior.

No art. 79 é pontuada a ação de assistência pelas representações brasileiras no exterior, e é preciso reconhecer que os consulados e embaixadas são mesmo lugares de refúgio e cuidado temporário para os brasileiros que migram, mas também sabemos que há certas limitações como há em toda instituição governamental, por mais boa vontade que haja de seus funcionários há limites.

Não é incomum, que as ONGs e outras instituições devido às lacunas da lei ou de aplicação da lei tenham que intervir, provendo abrigo e assistência quando estes limites se apresentam em situações reais. Mas, é preciso reconhecer a ação dos governos no sentido de proteger e cuidar de seus cidadãos fora do Brasil, inclusive em casos também nada incomuns onde consulados e embaixadas agem de forma assertiva e cumpram muito bem sua função e designação.

Art. 80. O tripulante brasileiro contratado por embarcação ou armadora estrangeira, de cabotagem ou a longo curso e com sede ou filial no Brasil, que explore economicamente o mar territorial e a costa brasileira terá direito a seguro a cargo do contratante, válido para todo o período da contratação, conforme o disposto no Registro de Embarcações Brasileiras (REB), contra acidente de trabalho, invalidez total ou parcial e morte, sem prejuízo de benefícios de apólice mais favorável vigente no exterior.

Esse é um direito trabalhista que agora é assegurado para aqueles que trabalham embarcados e que pelo teor do texto o governo demanda de seus contratantes, o que é uma segurança e reparação em caso de dano para quem exerce esse tipo de trabalho. Mas nessa seção, nos art. 77 – 80 evidenciam-se ausências de direitos e situações enfrentadas por quem retorna. Estes artigos embora sejam importantes no sentido de fazer presente os direitos de brasileiros que emigram e retornam deixa em segundo plano o que já percebemos nos capítulos anteriores desta dissertação – ausências de auxílio psicológico para quem retorna, adultos, jovens e crianças. Acredita-se que esse auxílio pode minorar as dificuldades desses indivíduos durante o seu retorno. Uma vez que, há pessoas que não se adaptam, entram em crises profundas, depressões, falta de pertencimento, crises de identidade e outras, não foram

poucas vezes que durante o trabalho na ONG - Projeto Resgate Brasil, chegavam pedidos para ajuda com psicólogos, pois não havia uma política pública que oferecesse isto aos retornados.

Achotegui (2009, p. 165), argumenta que:

Ulisses passou os dias sentado nas pedras, para a praia, sendo consumida pelo choro, suspiros e tristezas, fixando os olhos no mar árido, chorando incansavelmente ...' (Odisseia, canção V, 150). 'Você me pergunta Ciclope qual é o meu nome... eu vou te dizer Meu nome é ninguém e de ninguém me chamam todos ...' (Odisseia, música IX, 360). A migração está se tornando hoje para milhões de pessoas em um processo que envolve níveis de estresse tão intenso que excede a capacidade de adaptação dos seres humanos. Estas pessoas sofrem o risco de sofrer da síndrome de imigrante com estresse crônico e múltiplo, ou síndrome de Ulisses (mencionando o herói grego que sofreu inúmeras adversidades e perigos de distância de seus entes queridos).

O autor utiliza o personagem Ulisses da Odisseia para demonstrar como se sente aquele que migra e o que retorna: “[...] choros, suspiros e tristezas. Fixando os olhos no mar árido, chorando incansavelmente” olhando para o seu passado de migração, tendo que lidar com seu presente de retorno, e com o futuro posto a sua frente demandando projetos e sonhos, ainda outro aspecto que percebemos é como sua identidade é posta em crise: “[...] meu nome é ninguém e de ninguém me chamam a todos...”. E segue afirmando que em nossos dias, como seres humanos estamos nos tornando incapazes de lidar com níveis de stress tão grandes que são característicos no processo migratória. Esta incapacidade chega a níveis críticos, ao ponto de colocar em risco o estado de saúde do migrante, ao ponto deste poder desenvolver uma síndrome de estresse crônico múltiplo denominada de síndrome do imigrante, a qual é bastante frequente entre migrantes e retornados.

Achotegui (2009) demonstra as consequências dessa síndrome, tais como luto, ansiedade, depressão, e outros sintomas. E que dentre outras ações foi o coordenador do ato “Programas de ajuda para imigrantes com Síndrome de Ulisses na União Europeia” celebrado pelo parlamento Europeu em 19 de outubro de 2017, nos alerta como a migração pode ter consequências psicológicas em todo seu processo desde a decisão de migrar até o retorno.

Achotegui (2010) e Siqueira e Brandes (*apud* DIAS, 2015) apresentam a síndrome de Ulisses da seguinte maneira: “Portanto, a Síndrome do Imigrante com Estresse Crônico e Múltiplo (Síndrome de Ulisses) é definida basicamente pela combinação entre estressores e uma série de sintomas psicopatológicos. “A Síndrome de Ulisses é um quadro reativo de estresse que pode se tornar uma doença mental devido à vulnerabilidade de cada indivíduo ao

reagir às condições decorrentes do processo migratório” (SIQUEIRA; BRANDES *apud* DIAS, 2015, p. 65).

Siqueira e Brandes (*apud* DIAS, 2015, p.44) ainda afirmam que:

[...] Acreditar que o retorno lhe trará ao mesmo tempo de sua partida é uma situação potencial para gerar sofrimento. Sentindo-se um estranho em sua própria terra, faz-se necessário que o emigrante crie recursos próprios – materiais e psíquicos – para apreender o novo território a ser explorado.

O migrante retornado mudou, seu espaço social mudou, o tempo passou e como lidar com estes desafios da mente e dos sentimentos, sem ajuda profissional oferecida por políticas públicas? O retorno demanda um apoio psicológico e quando se fizer necessário psiquiátrico, as políticas de retorno deveriam incluir este aspecto e não apenas o financeiro ou burocrático.

Tradução de históricos escolares pessoais ou dos filhos dos retornados para que pudesse acessar o ensino escolar ou universitário brasileiro. As taxas para a tradução de apenas uma folha de documento feito por tradutor juramentado pode custar algumas centenas de reais e se forem vários (no caso de famílias maiores) esse valor pode chegar a alguns milhares de reais. O acolhimento nas escolas, institutos federais e universidades: O desafio de conscientizar funcionários, servidores e alunos dessas instituições de educação de forma geral da existência deste grupo de brasileiros retornados bem como seus filhos. As características desse grupo de brasileiros em retorno, suas necessidades, de aprendizagem, sociabilidade, socialização, adaptação. Uma sensibilização quanto a cultura, costumes, dificuldades com a língua portuguesa, com a cultura escolar e outros aspectos que são tão desafiantes para eles quanto para quem os recebe.

Embora, haja uma invisibilidade dos retornados a cada dia mais retornam estes brasileiros e retornam para nossas instituições de ensino muitos sofrem em silêncio porque não há espaço para um diálogo aberto sobre quem eles são.

Outro aspecto são os abrigos, visto que nem todos que retornam tem onde ficar, alguns ficam algum tempo na casa de seus pais ou parentes, mas uma hora o “favor familiar” passa é preciso buscar uma moradia ainda que provisória. Nos casos de solteiros e que perderam contato com suas famílias fica mais difícil ainda. O ideal para solteiros e famílias seria acreditamos seria uma casa de passagem onde pudessem ser recebidos nos primeiros dias ou meses até que se estabelecessem novamente no Brasil.

Reestabelecimento no mercado de trabalho: O retornado em geral não conhece bem a realidade da sociedade e tampouco o mercado para onde está retornando. E que meios são oferecidos a ele ainda que existam, ações, políticas públicas ou ações locais? Como fazer com que essas informações cheguem até os retornados? E como garantir o acesso destes aos programas e políticas públicas que visam ajudá-los a se reestabelecer no mercado de trabalho?

A ausência de alguém que possa aconselhar nos pós-retorno, alguém que entenda o que é migrar e retornar e possa ajudar a aconselhar com a finalidade de que o retornado faça escolhas conscientes para sua nova fase de vida.

A experiência adquirida fora pode ser uma ferramenta importante para o retornado, os saberes e conhecimentos que se aprendeu, podem ser sim um grande auxílio na busca de um novo emprego ou então no início de estabelecer um micro ou pequeno negócio, nascendo ali um microempreendedor, contribuindo para a sociedade e economia local.

Ressalta-se a importância de fomento do município, governo, estados da federação e também da comunidade para onde retornaram para a retomada de estudos e profissionalização destes retornados com a finalidade de que possam alcançar no retorno os sonhos e planos que trouxeram consigo, sejam os que levaram e que retornaram com eles, ou ainda os que foram concebidos enquanto migraram e os que alentaram enquanto decidiram retornar. Incentivo para ser o que sonham ser!

Desafios que se fazem presentes desde o aconselhamento ao acesso de seus direitos, quanto à previdência social, possíveis empréstimos especiais para um recomeço de vida e tratamentos de saúde em geral incluindo neste tratamento e acompanhamento psicológicos específicos, visto que o retornado tem suas peculiaridades. Questões relacionadas aos retornados e de seus filhos, tais como o acesso e permanência à educação, bem como a tutoria de estudos para os filhos migrantes, como levantado aqui algumas vezes. Suas necessidades de aprendizagem, sociabilidade e socialização linguísticas, de cultura escolar e universitária brasileiras, socialização, adaptação à cultura brasileira de educação dentre outras questões diretamente ligadas aos retornados, precisam sair de suas ausências quanto a leis para retornados e se fazerem presentes nas leis, nas ações, na sociedade brasileira.

Os desafios do regresso ao Brasil são pontuados e trazidos a lume por diversos estudiosos da migração, da sociologia, da psicologia e da educação e por pesquisadores como, por exemplo, Siqueira (2009) que estudou diversas perspectivas do retorno migratório.

Faz-se necessário pontuar historicamente que desde o descobrimento do Brasil e sua colonização pelos portugueses a partir do ano de 1500, o Brasil traz em sua história e identidade as consequências dos movimentos migratórios.

Conforme Siqueira (2009), na década de 1960, o país começou-se a exportar mão de obra para países industrializados. Em 1964 teve-se a ditadura<sup>8</sup> no Brasil que durou até 1985, uma das consequências foi o exílio político de muitos brasileiros, e o cercear dos estrangeiros no país.

Entre os anos 1970-2000, houve uma grande migração de brasileiros para os Estados Unidos da América (EUA) e Japão.

Durante os anos de 1980 e 1990 devido às questões econômicas e conseqüentemente sociais no Brasil essa migração foi mais significativa para os EUA.

Governador Valadares, município de minas gerais é um perfeito senão o melhor exemplo dessa migração para os EUA nos anos de 1980 - a década perdida aonde a inflação chegou a 80% e não houve crescimento econômico no Brasil.

Entre os anos 2000 – 2010 a migração brasileira para os EUA e a Europa (EU) começou a sofrer uma inversão, dando-se início a um significativo retorno de brasileiros ao Brasil pós-migração, especialmente devido ao período de crise econômica enfrentada pelos EUA no ano de 2008. Nos EUA em 2008, houve um aumento nos índices de desemprego ao passo que no Brasil a economia apresentou melhora significativa. Além do retorno dos Brasileiros, teve-se muitos estrangeiros dos EUA e EU migrando para o Brasil para trabalhar em obras promovidas pelo setor público e privadas que demandavam mão de obra especializada e qualificada.

O Brasil, neste período vivia uma época de prosperidade financeira e foi a opção de sobrevivência dos brasileiros que começaram a retornar quando de migrantes, que eram mão de obra qualificada, que vieram a trabalho.

Em 2011 a crise econômica Europeia, começou a gerar vários outros movimentos de retorno de migrantes ao Brasil. O desemprego, as políticas dos países receptores se acirraram para os migrantes e ainda tomam força atualmente. Logo depois da crise na zona do Euro veio o Brexit que ainda se arrasta sem um acordo definitivo.

Nos documentos da ONG Projeto Resgate Brasil, cedidos para a leitura e realização da pesquisa que deu origem a essa dissertação pode-se perceber que o maior volume de casos de retornados da Europa foi entre 2012-2015. Para exemplificar, o secretário executivo dessa ONG - Marco Aurélio de Sousa, em conversa realizada por telefone, no dia 6 de novembro 2019, comentou que até o início de novembro de 2019 a ONG já havia dado suporte e ajudado

---

<sup>8</sup> Através do AI5- o ato institucional número cinco os militares tomaram o poder e governaram o Brasil. O governo militar foi duro com seus opositores havendo censura, prisões, perseguição política, tortura, mortes e até hoje muitos brasileiros não foram encontrados. Todos estes atos debaixo das leis do regime em vigência então. Período histórico que esperamos jamais se repita.

no retorno de mais de 100 retornados do Reino Unido. Seu comentário se deu em resposta a uma reportagem do jornal goiano – “O Popular”<sup>9</sup> do dia 05 de novembro de 2019, que publicou a reportagem cujo título era: “Com possibilidade de Brexit os goianos deixam o Reino Unido – Possibilidade de a terra da rainha deixar a União Europeia, aumenta fiscalização de vistos e goianos retornam ao Brasil”.

Como o processo de retorno é historicamente novo e desde o começo do movimento de retorno migratório tanto os consulados, como as ONGs e a sociedade como um todo, tiveram que aprender a lidar com os retornados. Tiveram que aprender como, como atendê-los, como criar horários e maneiras de melhor responder suas demandas, como a informação correta chegar até eles. E esse aprendizado essa necessidade ainda se faz necessário nos dias atuais. Sendo ainda um desafio acolher e ter políticas públicas que minorem as dificuldades do retorno. Uma vez que, ainda há falta de informação e de compreensão do que é ser um brasileiro retornado e de como ajudá-los efetivamente em suas necessidades.

## 2.9 O Pacto global para migração de 2018

Um esforço global encabeçado pela ONU e que se gostaria de pontuar antes do findar dessa seção, é à criação do Pacto Global para Migração. Inicialmente negociado com 193 países e assinado em 10 de dezembro de 2018 em Marraquexe por 164 países, entre eles o Brasil. Este pacto foi adotado e endossado pela ONU em 20 de dezembro do mesmo ano, e preparado em 2017 por diversos atores mundiais sobre migração e países a estes ligados. (ONU, 2018).

Logo no início de janeiro de 2018 foi noticiado em vários meios de comunicação que o Brasil deixaria de participar do Pacto Global de Migração. Todavia, na época entrevistas dados pelo, então ministro das relações exteriores, o senhor Ernesto Araújo, conforme buscas online no site do Itamaraty até a presente data não havia nenhuma confirmação sobre a saída

---

<sup>9</sup> A matéria do jornal está disponível em: <https://www.opopular.com.br/noticias/cidades/com-possibilidade-de-brexit-goianos-deixam-o-reino-unido-1.1925779> . Acesso em: 06 de nov. de 2019.

oficial do Brasil como signatário do Pacto, que confirmaria um retrocesso do país de frente a uma ação humanitária global.

A ideia de um acordo entre os países para garantir que a migração internacional fosse o mais humano possível. Porém, ainda assim no documento é difícil identificar os migrantes de retorno, pois dos 23 objetivos do pacto apenas o de número 22 se refere ao retorno seguro e estabelecimento sustentável dos migrantes a seus países de origem (ONU, 2018), contudo pontua-se o Pacto Global como marco no esforço de criar um acordo mundial que ajudasse e garantisse o direito dos migrantes.

Se os desafios são muitos para a legislação brasileira, será que o esforço para preencher essa lacuna de direitos e serviços que poderiam fazer com o que o retorno ao Brasil fosse menos sofrido e mais acolhedor? É neste sentido que na próxima seção lançaremos nosso olhar sobre a ONG projeto Resgate Brasil, que vem fazendo este trabalho de apoio a brasileiros retornados.

## **CAPÍTULO III – CONTA COMIGO! A ONG PROJETO RESGATE BRASIL E OS PARCEIROS PARA RETORNO VOLUNTÁRIO**

### **3.1 Breve Histórico da ONG - Projeto Resgate Brasil**

A ONG - Projeto Resgate Brasil nasceu no ano de 2006 na Suíça, fundada por um brasileiro, chamado Vicente Medeiros, que tinha como motivação ajudar na reintegração de vítimas de tráfico humano a seus países de origem começando por aqueles de origem brasileira.

A ONG - Projeto Resgate Brasil, atualmente mantém três escritórios sedes, sendo um em Zurique na Suíça outro no interior de SP na cidade de Araraquara e o terceiro na cidade de Goiânia - GO.

Desde 2010 a ONG - Projeto Resgate Brasil é representada pelo seu secretário executivo no Brasil, Marco Aurélio de Sousa, e gerida por um conselho eleito em assembleia a cada quatro anos.

Embora, a ONG - Projeto Resgate Brasil, tenha nascido com o intuito de dar suporte de retorno a vítimas de tráfico humano, devido à qualidade dos serviços prestados desde sua fundação, ela foi procurada e indicada por outras ONGs parceiras e governos que trabalhavam com retorno voluntário ampliando assim o seu campo de atuação e finalidade.

Assim, desde o ano de 2006 a ONG – Projeto Resgate Brasil, vem trabalhando com as seguintes vertentes: suporte a vítimas de tráfico humano e exploração laboral e programas de retorno voluntário de brasileiros, em sua grande parte de retornados de vários países da Europa.

Atualmente, a ONG – Projeto Resgate Brasil é membro do Comitê Nacional de Enfrentamento ao Tráfico Humano (CONATRAP)<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> O CONATRAP é um comitê integrado por 26 membros: Sete representantes de governo; Sete representantes de organizações da sociedade civil ou especialistas em enfrentamento ao tráfico de pessoas; Um representante a ser indicado pelos Núcleos Estaduais de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas e pelos Postos Avançados de Atendimento Humanizado ao Migrante formalmente constituídos; Um representante indicado pelos comitês estaduais e do Distrito Federal de enfrentamento ao tráfico de pessoas; Um representante de cada um dos dez Conselhos Nacionais de políticas públicas. O Comitê é presidido pelo Secretário Nacional de Justiça do Ministério da Justiça. Em sua estrutura, o CONATRAP conta com quatro Comissões Temáticas Permanentes: Trabalho Escravo, Fronteiras e Migrações, Grupos Vulneráveis e Geração de Dados de Difusão de Informações (BRASIL, 2013).

O [...] CONATRAP – foi instituído pelo Decreto nº 7.901, de 04 de fevereiro de 2013, vinculado ao Ministério da Justiça, com a missão de articular a atuação dos órgãos e entidades públicas e privadas no enfrentamento ao tráfico de pessoas. (BRASIL, 2013).

O CONATRAP tem como missão dar suporte vítimas de tráfico humano e exploração laboral, bem como a retornados ao Brasil e aos países em que houver acordos de parceria para prover suporte no retorno ao Brasil (BRASIL, 2013).

Neste caminho, parceiros internacionais se juntaram a ONG - Projeto Resgate Brasil e para isso, valeram-se de algo que é muito comum aos migrantes e retornados, as redes sociais. O trabalho em conjunto com outras ONGs internacionais é de relevada importância para realizar não apenas o retorno dos migrantes aos seus países de origem, mas também para partilharem as melhores práticas para o retorno mais eficiente destes e rápido.

Ao longo dos anos de fundação da ONG – Projeto Resgate Brasil, outras parcerias com ONGs e com a própria sociedade civil ocorreram, a fim de dar suporte financeiro para as ações realizadas.

Nos acordos de contrato de parceria entre a ONG – Projeto Resgate Brasil e seus parceiros são firmados que parte dos recursos financeiros angariados serão destinados para o mantimento dos projetos da ONG, os quais envolvem campanhas de esclarecimento a retornados, palestras e ações promovidas por instituições de educação, instituições religiosas, pela ordem dos advogados (OAB), movimentos sociais e sujeitos da sociedade civil também fazem parte dessas parcerias que podem ser também ações empresariais cujos funcionários tenham histórico de emigração e retorno.

Para melhor compreensão do volume de casos atendidos e dos países de origem dos parceiros da ONG - Projeto Resgate Brasil no nosso recorte temporal traz-se um pequeno esclarecimento acerca dos termos que serão apresentados na tabela 01 logo em seguida:

- **Retornados voluntários:** são indivíduos que participam ou participaram de programas parceiros de retorno ao Brasil, nos quais a ONG - Projeto Resgate Brasil executou e/ou executa o suporte de retorno.
- **Possíveis casos:** público alvo do presente estudo inicialmente, composto por 30 indivíduos dos quais somente 3 aceitaram voluntariamente em participar do estudo.

• **Vítimas de tráfico humano:** pessoas resgatadas pelas polícias dos países para onde migraram, e que após legalmente resolvidos seus casos no país onde foram resgatadas são atendidos pela ONG. Além de serem pessoas cujo seu retorno ao país de origem se dá em parceria com os governos, embaixadas, polícias e ONGs parceiras ONG - Projeto Resgate Brasil.

Na tabela 3, estão elencados os parceiros de processo de retorno da ONG - Projeto Resgate Brasil, bem como o número de retornados do período do ano 2012 a 2015.

**TABELA 3. Parceiros, Retornados e Informantes (2012-2015).**

<b>PARCEIROS, RETORNADOS E INFORMANTES (20012-2015)</b>					
<b>País</b>	<b>Parceiros (ONGs internacionais)</b>	<b>Retornados</b>			
		<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>
Reino Unido	P1	22	103	52	24
Italia	P2	07	47	35	15
Portugal	P3	09	45	31	24
Holanda	P3	0	22	02	0
Suíça	P3	22	23	23	18
Belgica	P4	05	08	02	04
Espanha	P5	06	08	04	01
Grécia	P5	0	03	03	0
França	P5	0	02	05	02
Turquia	P6	0	0	0	08
Suriname	P7	0	0	03	0
Africa (geral)	P8	0	0	0	06
Alemanha	P9	02	03	02	01
	<b>Total de retornados</b>	<b>74</b>	<b>264</b>	<b>162</b>	<b>103</b>
	<b>Total de vítimas de tráfico humano</b>		<b>14</b>	<b>12</b>	<b>17</b>
	<b>Total de retornados voluntários</b>	<b>74</b>	<b>250</b>	<b>150</b>	<b>86</b>
	<b>Total de possíveis casos</b>	<b>560 RETORNADOS (2012-2015)</b>			

**Fonte:** Dados construídos por meio de consulta aos documentos da ONG - Projeto Resgate Brasil em 2015.

Na Tabela 3, é possível notar que o maior pico de migração de retorno neste período foi no ano de 2013. Neste ano o maior grupo de migrantes foi do Reino Unido, não se alterando esse pico em comparação aos anos anteriores (2012) e anos posteriores (2014 e 2015). O que fez com que o Reino Unido se mantivesse no período como o país com maior índice de retorno ao Brasil pela ONG – Projeto Resgate Brasil, contudo de forma decrescente

a saber sequencialmente nos anos de 2014, 2015. Um fator que poderia inferir sobre os maiores números de retorno em 2013 e 2014 é a crise econômica que se instalou na EU partir de 2011, sendo que no ano de 2012 medidas de austeridade foram tomadas em toda Europa, com uma melhora do produto interno bruto (PIB) apenas em 2018.

No Caso do Reino Unido a primeira queda no PIB foi agora em agosto de 2019, sete anos antes 2012 foi à última vez que ele havia estado em baixa.

Pode-se notar ainda na tabela 1, que os seguintes países demonstraram maiores índices de retorno: Itália e Portugal, seguidos por Suíça e Holanda. Países como Grécia e a própria Holanda figuraram com um número relativamente expressivo de retornados e depois cessou.

Na consulta feita para esta investigação aos contratos e documentos oferecidos pelos parceiros da ONG - Projeto Resgate Brasil aos retornados visou buscar a identificação do que foi ofertado e requerido para que os migrantes pudessem receber ajuda durante o processo de retorno, bem como de onde vinham esses sujeitos e suas faixas etárias, de modo a identificar possíveis participantes para a realização do estudo. A fim de que não houvesse uma identificação direta dos mesmos, foram ainda usados unidade de identificação, de P1 até P9, para os parceiros de retorno da ONG – Projeto Resgate Brasil.

### 3.2 Os Parceiros

Os Parceiros da ONG – Projeto Resgate Brasil, como já mencionado ao longo do texto são ONGs de diversos países europeus que tem programas próprios de migração de retorno para diversas nações, incluindo o Brasil. São organismos que embora tenham seus próprios programas de retorno fazem parcerias com ONGs nos países receptores (neste caso o Brasil). O propósito principal destas ONGs é o de dar suporte para retornados em seus países de origem com a finalidade de reintegrá-los ao país de origem. Para isso, parcerias de trabalho são fechadas entre a ONG do país origem e ONGs dos países receptores e governos mediante acordos com os retornados seguindo uma logística de retorno e reintegração.

Os recursos para os programas de retorno podem ser oriundos de doações de fundos de caridade, governos, fundos internacionais, instituições, membros da sociedade civil e associações, entre outras fontes. A ideia é que haja o máximo de autonomia possível para as ONGs atuarem, contudo, essa autonomia é limitada em alguns aspectos dos acordos firmados entres os parceiros e/ou financiadores.

Ressalta-se, que os parceiros da ONG – Projeto Resgate Brasil, tendem a serem fixos embora alguns possam flutuar quando seus projetos acabam, ou algum programa dos parceiros é descontinuado. No presente estudo, ao recorte temporal utilizado (2012 – 2015). Em suma mesmo que alguns dos programas dos parceiros se findem eles tendem a oferecer outros programas de suporte/auxílio dando assim continuidade a parceria com a ONG - Projeto Resgate Brasil.

Até o ano de 2018 a ONG - Projeto Resgate Brasil trabalhava com o seguinte balanço: De 2012 a 2018 houve 20 parceiros, cuja maioria ainda permanece, com origem em 17 países, tendo como número de retornados 839 indivíduos, dos quais 75 eram vítimas de tráfico humano. O que evidencia uma grande demanda de atendimento e suporte da ONG - Projeto Resgate Brasil e seus parceiros para esses casos. Devido ao fato das atividades de 2019 ainda não terem sido findadas não obtivemos dados sobre este período.

**TABELA 4.** Serviços oferecidos pelos parceiros da ONG - Projeto Resgate Brasil (2012-2015).

<b>PARCEIROS</b>	<b>P1</b>	<b>P2</b>	<b>P3</b>	<b>P4</b>	<b>P5</b>	<b>P6</b>	<b>P7</b>	<b>P8</b>	<b>P9</b>
<b>SERVIÇOS</b>									
<b>Pré-Partida</b>	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<b>Recepção</b>	X								
<b>Plano de ação</b>	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<b>Saúde / Psicólogo</b>	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<b>Aluguel</b>	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<b>Mobília / Reformas</b>									X
<b>Alimentos</b>									
<b>Cursos</b>	X	X	X	X	X	X		X	X
<b>Micronegócio / sociedades</b>	X	X	X	X	X	X		X	X
<b>Acompanhamento obrigatório ou não</b>	X	X	X	X	X	X		X	X

**Fonte:** Dados de consulta nos documentos da ONG - Projeto Resgate Brasil (2012-2015).

Com base nos dados apresentados na tabela 4, pode-se perceber que os programas executados pela ONG - Projeto Resgate Brasil e seus parceiros são semelhantes, salvo suas

especificidades que serão apresentadas quando posteriormente apresentarmos o perfil de cada um dos voluntários participantes do presente estudo.

Ressalta-se ainda, que apenas um parceiro conforme mostra a Tabela 5, oferece a recepção no aeroporto ao retornado, que apenas um permite a compra de mobília ou reformas em suas casas. A seguir detalham-se estes e outros serviços oferecidos pelos parceiros aos retornados em seu processo de retorno.

### 3.2.1 O Parceiro P1

O P1 é parceiro da ONG - Projeto Resgate Brasil desde 2011 até 2015. Porém, atualmente o P1, continua existindo e atuando junto a ONG, trabalha com refugiados e retornados tendo nestes dois braços sua principal atuação.

Quanto aos retornados seu programa era margeado pela ideia de que o retornado deveria se tornar autônomo e poderia escolher, dentro de uma gama de opções, como usar o recurso financeiro para seu novo começo de vida, contudo todo projeto necessita de limites orçamentários para que haja financiamento e a seguir vamos perceber como e para que se poderia usar este recurso ofertado aos retornados além de suas passagens de volta.

Ao longo dos contratos assinados para que o retornado receba ajuda financeira para sua migração de retorno aparecem os seguintes itens entre o P1 e a ONG:

O programa oferece:

- **Momento pré-partida:** Aconselhamento antes da decisão e passagens aéreas de volta ao Brasil, tendo como destino o aeroporto mais próximo do local de retorno e caso a decisão de retorno seja tomada;
- **Chegada:** Recepção por eles chamados de “*meet and greet*”, onde um membro do parceiro brasileiro ou por ele indicado recebe o retornado no aeroporto e o orienta no que é necessário, e ainda se preciso for pagamento de taxi ou outro transporte terrestre com o propósito de levar o retornado a seu destino final.
- **Pós-retorno ao Brasil com acompanhamento da Rede Local de Parceiros:** Aconselhamento pós-retorno, monitoramento e acesso aos recursos restantes, pois com

eles foram trazidos em mãos 500 Libras Esterlinas, quanto a este valor eles não precisam prestar contas.

Quanto às ações oferecidas aos possíveis retornados elas se mostram nas seguintes modalidades: Para cada retornado, membro de uma família é destinadas 2000 Libras Esterlinas (£), sendo que: £500 são entregues em forma de cartão pré-pago e os outras £1500 são gastos segundo a escolha dos retornados, porém há regras balizadoras para isto e são acessados via organização parceira no Brasil. Este acesso ao recurso financeiro se dá mediante orçamentos feitos em empresas que prestaram serviços ou forneceram bens com a finalidade de abrir um pequeno negócio, se tornar sócio de uma empresa já existente ou preparar o retornado para o mercado de trabalho

Quanto às regras acordadas entre organização e retornados: Regras como a condição de que seu acesso deve ser iniciado no máximo no período de seis meses após o retorno para o país de origem, no caso de retornados solteiros o valor é de £1500 no total sendo, £500 no cartão pré-pago e £1000 acessados via ONG. Quanto ao processo de acesso: O restante das £1500 será acessado via ONG - Projeto Resgate Brasil, o retornado faz um orçamento, entrega a ONG, ela traduz toda documentação envia a ONG parceira, havendo o assentimento, o pagamento é feito a loja, escola, faculdade ou provedor daquele item que foi escolhido pelo retornado.

Quanto às áreas que se aplicam ao que se pode utilizar o valor financeiro acordado, este atende: aluguel, início de um negócio próprio, sociedade em um negócio já existente, treinamento profissional, compra de veículos para trabalhar, ferramentas, educação, uniformes escolares, material escolar, acesso à saúde (gastos básicos tais como: consultas e remédios).

O que não atende: gastos com mobília para casa, tratamentos estéticos, oftalmologia, dentistas, comida, multas, pagamento de dívidas, seguros, empréstimos, casamentos, atividades sociais, reformas em casa, ampliações de residência.

Quanto aos deveres dos retornados: eles devem prover orçamentos e notas fiscais para acessar a efetivação dos pagamentos dos itens e/ou serviços por eles escolhidos no período de 6 meses a um ano.

Quanto ao contrato do governo parceiro, ou seja, para que o programa funcione também é necessário um acordo com o governo de onde a instituição tem origem, em seu projeto serão abarcadas três categorias de pessoas:

A primeira chamada para este programa de retorno se deu para aqueles indivíduos que tinham potencial para se tornarem retornados por meio do Programa de Retorno Voluntário

Assistido e de Reintegração (PRVAR), devem ter o perfil de se encaixarem como pessoas que buscam asilo ou que tiveram algum tipo de ligação temporária com o país.

Na segunda chamada para este mesmo programa - Programa de Retorno Voluntário Assistido para Famílias e Crianças (PRVAFC), o perfil deveria abranger no máximo dois adultos e pelo menos um menor de idade e crianças desacompanhadas que não buscaram asilo no país. E terceira chamada para este programa, Programa de Retorno Voluntário Assistido para Migrantes (PRVAM), para pessoas com perfil que não buscaram asilo, mas estão ilegais no país e querem voltar para seu país de origem.

O contrato<sup>11</sup> entre o governo e a ONG do país receptor em sua página 3, define migrantes irregulares como aqueles que “possuem uma entrada não autorizada, violaram a condição de admissão, ou que pela expiração de seu visto, fica com ausência de status no país” (P1 Gov1, 2012, p. 3).

Quanto ao acompanhamento e suporte ele deve ser promovido pela ONG – Projeto Resgate Brasil pelo período de vinte e quatro meses após a data do retorno do participante do programa, com pelo menos três encontros pessoais, a fim de dar o apoio que o retornado necessita. Neste caso, o acompanhamento não era opcional aos retornados, caso não fossem acompanhados, não receberiam o auxílio financeiro que o programa oferecia na época. O que se mostrou eficaz no sentido de evitar que os retornados gastassem o auxílio financeiro dado pela ONG e seus parceiros com supérfluos e ficassem sem ou quase nenhum recurso para se reestabelecer no país.

Pode ser constatar nesse parceiro que algumas lacunas percebidas nas leis da seção anterior foram preenchidas, sendo elas: ajuda psicológica, compra de material escolar, uniformes, pagamento de cursos e uma quantia financeira para ser usada de forma flexível. Porém, não totalmente livre de restrições. Pois, na Lei da migração a isenção de impostos para o que o retornado trazer e oferecida com direito, mas aqui se percebe um passo além, uma estrutura de suporte para o retorno tenta ser desenhada e executada para o retornado.

### 3.2.2 O Parceiro P2

Quanto ao P2, ele tinha na época de realização da pesquisa programas em diversos países e em cada país havia um contrato específico. Esse foi um dos primeiros parceiros da

---

<sup>11</sup> Para propósitos deste estudo chamaremos este documento de P1 Gov1 – Pois trata do acordo entre a ONG parceira número 1 e o governo do país receptor e conseqüentemente se torna o contrato com o retornado.

ONG – Projeto Resgate Brasil. Além, do trabalho de retorno e outros na área de migrações este parceiro investia em pesquisas nesta área e em cursos de preparação para governos e atores sociais que trabalham com migrações. A fim, de pontuar o que é comum a eles e o que for específico no sentido de acolher os retornados também será pontuado.

Inicialmente o objetivo geral desse parceiro era apontado como o de “oferecer uma oportunidade às pessoas que decidem retornar voluntariamente aos seus países de origem para formular e desenvolver um projeto de vida após o seu retorno.” O Programa, tinha como fator de motivação a criação de alternativas para facilitar a adaptação e “começar uma nova vida e sustentar-se de maneira contínua e independente.”

Oferecia também, “aconselhamento e informação” “sobre a possibilidade de apoio à reintegração no país de origem e a identificação dos casos com necessidades de reintegração específicas.” “O subsídio à reintegração” “poderá ir até ao máximo de 2000€ (Euros)”. “O tipo de apoio à reintegração ofertado era flexível, incluindo tratamentos de saúde, cursos profissionais, abertura de um micronegócio, sempre com base na vontade, necessidades dos beneficiários e numa análise individual de cada caso.” Comparando com o P1 citado anteriormente, em que há uma possibilidade escolhas, mas essas escolhas ter certos limites, o programa do P2 se mostra mais aberto e flexível para as escolhas dos retornados.

A flexibilidade desse programa é importante no sentido que não há como padronizar o retorno, embora possamos tentar prever quais categorias de necessidades se fixamos apenas algumas áreas de ação, podemos não dar conta da demanda que os casos exigem em sua complexidade. Sendo flexível presumimos que acesso à educação pelos jovens retornados de terceira cultura não seja difícil e que possa ser usado para tradução de documentos tutoria bem como as demais necessidades estudantis.

Quanto às ações oferecidas aos possíveis retornados têm-se as seguintes modalidades:

- **Momento pré-partida:** Aconselhamento, auxílio e suporte até a decisão, também em criar um plano de autossustentabilidade para o retorno caso haja decisão do retorno voluntário.
- **Pós-retorno ao Brasil sem acompanhamento da Rede Local de Parceiros:** Apenas a entrega do recurso, mas sem a consultoria do parceiro no Brasil.
- **Pós-retorno ao Brasil com acompanhamento da Rede Local de Parceiros:** Todo acompanhamento após o retorno via o parceiro no Brasil no caso, a ONG PRB.

Uma vez que, o retornado optasse pelo acompanhamento, haveria pelo menos três visitas presenciais do parceiro a fim de aconselhar e verificar como andava a adaptação do retornado (uma inicial, na primeira semana; outra no meio do projeto, no primeiro mês após a chegada; e outra ao final no sexto mês após a chegada, com formulários de acampamento para relatório).

Quanto aos princípios norteadores do P2 tinha-se:

- **Autossustentabilidade:** Objetivo é dar uma oportunidade ao beneficiário de criar e levar a cabo um projeto de vida que seja sustentável a longo prazo.
- **Enfoque holístico e integrado do indivíduo:** O P2 tem em conta a questão humana e psicossocial do retornado para que se proporcione um retorno sustentável, olhar e levar em conta as necessidades globais de cada retornado é uma de suas motivações a fim de gerar dignidade e bem-estar nesse processo. Também acredita que as expectativas do retornado expressas pelos seus projetos de vida são aspectos balizadores na execução do retorno.
- **Os parceiros locais e o fortalecimento institucional da rede:** Tomam como fator importante também a questão do conhecimento do contexto do local para onde retornam no sentido de que o retornado tem credibilidade com a sociedade para onde retorna e que, portanto, deve ouvi-lo para a tomada de decisão de o que fazer com os recursos.
- **Necessidade de monitoramento e acompanhamento constantes:** Acreditam que monitoramento contínuo é fator decisivo para que o retornado sinta não apenas que não está só, mas para que efetivamente os recursos sejam gastos ou investidos no que efetivamente irá gerar um retorno ato sustentável e emancipador.

O monitoramento se dava em dois momentos: a) O seguimento de implementação das atividades; e b) Avaliação entre o que foi realizado e o planejado, através da aplicação das entrevistas, entrega de relatórios.

O monitoramento se dava não apenas no sentido de cercear o direito do uso dos recursos ou escolhas, mas de apoiar e orientar, para que o apoio ao retorno que deveria ajudá-lo não o estimule a uma experiência de gastos desnecessários, mas com o propósito de que o retornado se torne emancipado e autônomo. Contudo, aqui não era obrigatório para o retornado o monitoramento, o monitoramento só ocorria se o retornado quisesse. Ressaltamos

aqui que este era o único parceiro da ONG- Projeto Resgate Brasil que no período pesquisado se diferenciava dos demais parceiros por este quesito.

Por meio da criação da Rede de Parceiros, a ONG – Projeto Resgate Brasil procurou estimular e promover a integração dos seus beneficiários aos serviços sociais e de apoio oferecidos pelo Estado.

No P2, percebeu-se uma liberdade maior de escolha do uso dos recursos, contudo sem renunciar ao caminhar junto com o retornado. Quanto às leis o programa do P2 também se esforçava em suprir as ausências que encontramos para com os retornados mencionadas anteriormente. Mas, é importante lembrar que este parceiro, reconhecia a importância de parceria com órgãos do governo, pois uma vez que as estruturas já existem, para eles competiria ao P2 proporcionar o acesso dos retornados a essas estruturas e direitos ofertados pelo Estado, haja vista que em alguns casos só faltava a presença de alguém que indicasse o caminho de acesso a essas estruturas e direitos.

### 3.2.3 O Parceiro P3

O P3 era um dos parceiros mais antigos da ONG – Projeto Resgate Brasil e aquele que tinha alcance de atuação quase que global. Ele foi fundado a mais de 120 anos e estava no período pesquisado presente em mais de 160 países. Sua motivação era bem parecida, com as dos parceiros P1 e P2 e envolvia, sobretudo à promoção de um retorno autônomo ao retornado. Além disso, o P3 também oferecia aconselhamento pré-decisão, passagens e monitorização. Para este parceiro, o recurso financeiro estava estabelecido em até 2.200€ para cada retornado. Todos os pagamentos eram feitos mediante orçamento e notas fiscais e pagamento diretamente a quem está provendo o item ou serviço e nenhuma quantia deve ser entregue diretamente ao retornado.

O retornado que recebia o auxílio do P3, assinava um acordo em que se comprometia a não utilizar o recurso financeiro para pagamento de dívidas, comidas e bebidas (a não ser para um pequeno negócio) e/ou para compra de itens luxuosos de uso pessoal.

Algo que chama atenção aqui é que era proibido o uso do dinheiro para comida e realmente não se pode usá-lo para isto, a não ser durante a viagem de retorno se houver necessidade, então a primeira compra de comida deve vir de outra fonte que não fosse o P3.

Quanto ao uso do recurso financeiro verificou-se que este parceiro era flexível para criação/compra de pequenos negócios, estudos, treinamento profissional e despesas com saúde. Possibilitando assim, que os jovens retornados pudessem ter acesso a educação, como também já mencionado nos parceiros anteriores.

Além, do acompanhamento e auxílio no uso dos recursos, três visitas eram programadas pelo P3 durante o projeto, durante um período de seis meses a um ano.

O P3, também via assim como o P1 no monitoramento um fator de sucesso para os programas de apoio ao retorno que ofertavam.

#### 3.2.4 O Parceiro P4

O P4 no período pesquisado era um parceiro mais recente da ONG – Projeto Resgate Brasil, que ainda não tinha alcance tão global quanto os anteriores. Ele se tornou parceiro no ano de 2014. Logo no início de um dos documentos analisados, verificou-se que o P4 tinha como princípios a integridade, a justiça social, o compromisso, a interculturalidade, a participação social, o trabalho complementar entre instituições e entidades, a inovação e a transparência.

As ações realizadas pelo P4 envolviam a ajuda financeira, psicológica, readaptação, tradução e interpretação para compreensão de planos e documentação, reagrupação familiar, retorno voluntário, mediação intercultural, acolhimento humanitário, programas de autonomia, acolhimento de menores desacompanhados em migração, formação, inserção laboral e a sensibilização da sociedade.

Era o parceiro que atuava de modo mais efetivo nas ações que propunha a fazer. O que nos faz ler nas entrelinhas que retornados em geral e especificamente jovens retornados não teriam problemas para obter acesso aos recursos ofertados pelo P4 para estudar e para obter o suporte que lhes fosse necessário.

Acesso aos recursos: O recurso financeiro está estabelecido em até 1.200€ para cada retornando, quanto ao seu uso como no caso dos demais parceiros é bem flexível, desde que haja prestação de contas, via relatórios, notas fiscais e orçamentos.

Monitorização: Há também três visitas ao retornando com o objetivo de verificar seu processo de retorno e ajudar no que for requisitado.

Outra vez assim, como nos parceiros anteriores é possível salientar a importância dada ao período de acompanhamento da ONG local junto ao retornado com o fim de que as coisas caminhem conforme foi acordado.

### 3.2.5 O Parceiro P5

O P5, também se apresentava no período da pesquisa como um parceiro recente da ONG - Projeto Resgate Brasil, o qual possuía as mesmas motivações dos demais para sua atuação e não diferindo muito do que já foi apresentado ao longo do texto. Seguindo o padrão dos projetos de retorno anteriormente citados, este parceiro também oferecia, aconselhamento pré-tomada de decisão, plano de ação de retorno feito com o retornado antes de sua chegada ao Brasil, apoio financeiro e de suporte via parceiro brasileiro, e flexibilidade ao poder aplicar os recursos, o que também nos dá a entender que o P5 não fazia oposição para que o jovem retornado usasse os recursos para seus estudos e suportes para isto. O recurso financeiro estabelecido era de até 1.000€ para cada retornado.

### 3.2.6 O Parceiro P6

O P6 no período pesquisado era um parceiro pequeno que vinha se estabelecendo no setor de retorno da ONG- Projeto Resgate Brasil. Este parceiro seguia a mesma linha dos parceiros anteriormente citados, mas tinha como foco que o recurso financeiro disponibilizado fosse utilizado apenas para fins educacionais, o que para os jovens retornados era bom no sentido que não havia impedimentos para o uso dos recursos para estudos. Treinamentos profissionais também eram focos do uso dos recursos ofertados por esse parceiro para que o retornado pudesse se autossustentar. O recurso financeiro ofertado era de até 700€ para cada retornado. Sendo este parceiro aquele que apresentava recurso financeiro mais limitado até o momento para o retornado.

### 3.2.7 O Parceiro P7

O P7, embora também fosse à época da pesquisa um parceiro recente da ONG – Projeto Resgate Brasil. Este parceiro não mostrava grandes distinções dos demais. O recurso financeiro estabelecido era de até 1.000€ para cada retornando. Tendo os mesmos dispositivos de monitoramento e cuidado via o parceiro brasileiro assim como os demais parceiros que exigiam monitoramento. Por tanto apenas pontuo aqui que suas ações eram feitas de modo geral como as dos demais parceiros.

### 3.2.8 O Parceiro P8

Este parceiro e o próximo o P9 assim como o P6 eram parceiros menores da ONG – Projeto Resgate Brasil e com menos tempo de parceria. O P8, não mostraram grandes diferenciações dos demais. Seguindo as mesmas linhas motivacionais e de atuação dos outros parceiros, sobre o que diz respeito a quanto, onde e como os retornados assistidos por ele poderiam gastar o recurso financeiros de até 1.000€ disponibilizados para cada retornando.

### 3.2.9 O Parceiro P9

Este parceiro, embora também siga a linha de autonomia para valores a serem aplicados e áreas também, inclusive, com reformas de casas e dos mais diversos projetos de retorno. Neste ponto, é possível valorar que como é o mais amplo em alcance, trata de estudos dos jovens retornados e imagino que, por exemplo, transporte e material poderia ser adquirido com seus recursos. O recurso financeiro estabelecido por ele no período pesquisado variava de 200 até 2.500€ para cada retornando e/ou famílias de retornados.

## 3.3 Impressões finais desta seção

Em alguns casos os acordos de retorno eram feitos com os parceiros e governos de cada país que, e poderiam restringir a migração pelo período de três a oito anos.

Em termos gerais os parceiros tentavam preencher lacunas no processo de retorno, onde faltavam políticas públicas, ações ou recursos. Embora, perceba-se uma disposição em ajudar, nem sempre vão ao encontro das necessidades reais dos retornados. Assim a sociedade de cada país precisaria se tornar responsável por gerar um ambiente de acolhimento aos retornados, uma vez que isso de fato aconteça à comunidade internacional poderia proporcionar aos migrantes um caminho de retorno mais seguro e emancipatório. A maioria dos parceiros trabalhava de forma semelhante, por meio de aconselhamento na tomada de decisão do retorno, recepcionamento, acampamento, apoio e elaboração de relatórios sobre os retornados. O que realmente variava na época eram os valores financeiros de auxílio ofertados aos retornados pelos parceiros e como estes poderiam fazer uso de tais recursos.

Conquanto ao que nos propomos que era prioritariamente identificar políticas de acolhimento para retornados, elas não ficaram claras, mesmo que fossem em forma de auxílio a educação ou treinamento profissional, mas se diluíram nos direitos para famílias e solteiros e estes não necessariamente jovens. Esta ausência de políticas e ações para jovens retornados é preocupante, pois atender à necessidade do país, não necessariamente eram atendidas e alcançados aos jovens migrantes retornados. Como estes jovens poderiam reconstruir suas vidas de forma completa se não houvesse políticas e ações específicas para eles no retorno? Quanto a políticas de acolhimento para TCKs, não é preciso mencionar, já que se não há para os jovens retornados de forma geral, muito menos os jovens da terceira cultura são mencionados.

## **CAPÍTULO IV – FINALMENTE EM CASA? A EXPERIÊNCIA DE CHEGADA DOS JOVENS RETORNADOS**

Segundo Bondia (2002, p. 21) “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas. Porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.”. A experiência é aquilo que nos acontece e que nos toca e muda e marca e gera algo em nós, o que realmente houve em nossa história e nos mudou, nos fez ser quem somos! É neste sentido, que buscamos compreender os sentidos dados por estes jovens brasileiros retornados, que experiências quais dessas experiências contribuíram para que fossem quem são hoje.

### **4.1 Retornados - Conhecendo com quem caminhamos**

Após a análise dos programas que a ONG - Projeto Resgate Brasil disponibilizava juntamente com seus parceiros no período pesquisado, chegou-se ao ponto de identificação dos participantes da pesquisa. Conforme já pontuado no capítulo metodológico: identificar, contactar, esperar pelos aceites e então poder contar com a participação destes participantes dispostos a conceder entrevistas foi um processo de aprendizado, afinal assentimentos e negativas fazem parte do processo de pesquisa.

Dos 560 retornados entre os anos de 2012 - 2015, após uma consulta inicial a partir dos documentos da ONG, identificou-se cerca de 30 possíveis participantes para a pesquisa que daria origem a essa dissertação de acordo com os critérios pré-estabelecidos, ou seja, que se enquadravam na categoria juventude à época do retorno. Uma vez feito o contato inicial via e-mail e redes sociais, desses 30 possíveis participantes apenas 10 responderam ao contato inicial e desses apenas um assentiu em participar da pesquisa.

Seguiu-se então realizando contatos via telefone e após tentar contato com outros 20 retornados que não haviam respondido ao contato via e-mail e/ou redes sociais, mais 2 concordaram em participar da pesquisa concedendo entrevistas.

Ao se questionar o secretário executivo da ONG – Projeto Resgate Brasil, sobre o porquê de ter se tido tanta dificuldade para contatar os retornados para convidá-los a

participar da pesquisa, o mesmo cogitou sobre a grande possibilidade de muitos terem reemigrado.

A compreensão sobre o processo de retorno desses jovens ao Brasil está articulada neste estudo a partir de algumas categorias analíticas identificadas nas entrevistas realizadas com estes jovens. As vozes dos participantes evidenciaram alguns aspectos comuns experienciados por eles. Embora nem todos tenham vivenciado todas essas experiências, elas se mostraram importantes para a compreensão do fenômeno aqui analisado. Para construir essa compreensão evidenciamos aspectos relativos ao comportamento, atitudes, relações interpessoais, sentimentos expectativas e outros que se mostraram importantes nas entrevistas. Ainda que houvesse algumas categorias que havíamos previsto, outras novas foram construídas e conforme as análises se deram, nosso olhar para fenômeno foi sistematizado em quatro categorias centrais:

- O momento da chegada;
- Quem sou eu e quem são eles?
- Vida lá, vida cá e vidas que se cruzam;
- Estratégias de Adaptação;
- Ficar ou partir novamente?

A ideia para esta organização foi construída a partir da nossa percepção sobre os processos dos estágios envolvidos no retorno e de suas implicações para o retornado e a sociedade receptora. O intuito é tentar identificar, nas experiências, que elementos de terceira cultura esses retornados se utilizam no processo de retorno.

Observando sempre o que está nas entrelinhas das falas, nos gestos e tons na emissão das sentenças. Tentar ver além do que se mostram inicialmente nos ajudou a compreender melhor, o momento de chegada e seus estranhamentos, a vida lá e vida cá e as vidas que se cruzam, e se reconhecem e se estranham no território de chegada. Ou seja, mente lá, corpo aqui. Como resolver essa equação nas demandas do dia a dia do retorno, observar como o retornado se vê, se percebe e como ele percebe o outro; por último, mas não menos importante, percebemos a tensão entre ficar e fazer o retorno funcionar ou reemigrar e tentar novamente. Assim, os dados empíricos foram construídos a partir de entrevistas realizadas por vídeo chamada com três jovens brasileiros retornados ao Brasil, que evidenciaram características da terceira cultura, que moraram na Inglaterra e Irlanda por um período entre 3

e 8 anos, que vivenciaram a migração de retorno tendo como foco a experiência de retorno ao contexto escolar brasileiro.

Na Tabela 6, apresenta-se o perfil dos participantes do estudo com foco no recorte temporal de emigração e retorno e a volta aos estudos dos participantes da pesquisa. A ideia é localizá-los em uma linha do tempo que facilite a compreensão da leitura deste trabalho.

**TABELA 5.** Perfil dos participantes do estudo

<b>Participantes</b>	<b>Idade quando emigrou</b>	<b>Idade no Retorno</b>	<b>Idade quando voltou a estudar no Brasil</b>	<b>Idade Atual</b>
<b>Lily</b>	19 anos	22 anos	25 anos	29 anos
<b>Ian</b>	19 anos	26 anos	26 anos	33 anos
<b>Lauren</b>	23 anos	31 anos	34 anos	38 anos

#### 4.1.1 Participante 01 - Lily

Lily nasceu em Curitiba, capital do estado do PR, na região sul do Brasil para onde retornou em 2012.

Aos 19 anos mudou-se para Inglaterra, com sua mãe e a irmã e deixou o pai e dois irmãos no Brasil, a na época havia terminado o ensino fundamental.

Quando retornou ao Brasil estava com 22 anos de idade, contudo apenas com 25 anos retornou seus estudos no país, ou seja, 3 anos após seu retorno. Ela concluirá o ensino superior no país no final do ano de 2019.

Atualmente é empreendedora e tem seu próprio estúdio de tatuagens, onde não apenas é a dona do negócio, mas a artista.

Lily afirma que quando migrou para a Inglaterra ela “era bem diferente da Lily que retornou”. Lá ela engravidou e teve seu primeiro filho - Sean<sup>12</sup>, na Irlanda do Norte. Após o nascimento de Sean ela e mãe decidiram retornar ao Brasil e reintegrar com sua família que ficou residindo no Brasil.

A ONG – Projeto Resgate Brasil atuou no caso de Lily em conjunto com uma ONG inglesa parceira, realizando aconselhamento pré-retorno da mesma (o valor total dos recursos financeiros para o caso de Lily e do filho foram £4000, sendo £1000 no cartão pré-pago, entregues no embarque para o Brasil, e £3000 que foram acessados via ONG – Projeto

<sup>12</sup> Nome fictício.

Resgate Brasil). Com o pagamento das passagens para Lily e seu filho até o destino final e mais uma parte do dinheiro em mãos, via cartão, para que pudessem usar inicialmente durante a viagem ou segundo sua vontade.

Assim, que Lily chegou ao Brasil ela decidiu como usar o restante de seu recurso financeiro. A ONG – Projeto Resgate Brasil meditou o acesso do recurso (assessoria e tradução dos documentos, pagamento dos fornecedores, dos contratos e prestadores de serviço), seu aluguel foi pago (6 meses adiantados no valor que ela decidiu) bem como o capital para a abertura de um tatuagens (maquinário e estoque). Além do suporte via telefone e internet para as dificuldades que apareceram no percurso. É importante lembrar que foi Lily que decidiu como usar os recursos do programa. A entrevista se deu em 08 de julho de 2019, às 13:30 horas, por vídeo chamada e gravada em áudio.

#### 4.1.2 Participante 02 – Ian

Ian nasceu em Goiânia - GO, capital do estado de Goiás, na região centro-oeste do Brasil para onde inicialmente retornou, apenas por alguns meses e logo se mudou pra Curitiba, capital do Estado do PR, na região sul do Brasil, de onde sua esposa Lauren<sup>13</sup> (que é a participante número 3 desta pesquisa) é natural.

Ian morou por 7 anos na Irlanda. Aos 19 anos mudou-se para Irlanda sozinho, através de um amigo seu que já morava e trabalhava lá há um ano que o animou a migrar e ele migrou com a expectativa de trabalho. Deixou sua família toda em Goiânia - GO.

Quando migrou ele havia terminado o ensino médio. Quando retornou ao Brasil estava com 26 anos de idade e voltou a estudar imediatamente em um curso técnico em mecânica, embora tenha começado uma faculdade após o curso técnico não conseguiu terminar.

Durante sua estadia na Irlanda sua esposa Lauren engravidou e deu a luz a um menino que neste estudo o chamamos de Keane<sup>14</sup>. Após, o retorno e de terem se estabelecido em Curitiba - PR, o casal teve outro filho. Hoje, Ian trabalha em um multinacional na área de vendas e mora na região Sul do Brasil.

A ONG – Projeto Resgate Brasil atuou em ação com a ONG parceira da Irlanda do Norte no aconselhamento pré-retorno (o valor total dos recursos financeiros para o caso de

---

<sup>13</sup> Nome fictício.

<sup>14</sup> Nome fictício

Ian, Lauren e filho foi de £6000, sendo £1500 no cartão pré-pago, entregues no embarque para o Brasil, e £ 4500 que foram acessados via ONG, com o pagamento das passagens para Ian, Lauren e o filho deles até o destino final e mais uma parte do dinheiro em mãos, via cartão, para que pudessem usar inicialmente durante a viagem ou segundo sua vontade.

Assim, que Ian e Lauren chegaram ao Brasil eles decidiram como usar o restante de seu recurso financeiro. Neste caso a ONG – Projeto Resgate Brasil mediou o acesso do recurso (assessoria, tradução dos documentos e contratos de aluguel e de sociedade), o aluguel residencial foi pago (6 meses adiantados no valor que eles escolheram) bem como o capital para serem sócios de uma empresa que fabricava roupas (estoque).

Também, foi aprovado para Ian e sua família o reembolso do excesso de bagagem, já que na época o programa oferecia voos internacionais com destino apenas a SP<sup>15</sup> e depois ele se convertia em voo nacional o que onerava muito o transporte das malas de uma vida inteira lá fora. Porém, após muito diálogo e negociação da ONG - Projeto Resgate Brasil com a ONG parceira, esta mudou sua política, comprando passagens internacionais até o aeroporto mais próximo, resolvendo a questão do excesso de bagagem e inclusive ofereceu o reembolso do taxi até a casa onde os retornados ficariam hospedados ou morariam. Além, do suporte via telefone e internet para as dificuldades que apareceram no percurso. Os recursos do programa foram utilizados baseados na decisão conjunta de Ian e Lauren. Entrevista feita em 02 de julho de 2019, às 19:30 horas, por vídeo chamada e gravada em áudio.

#### 4.1.3 Participante 03 – Lauren

Lauren migrou de Curitiba - PR, região Sul do Brasil, para a Irlanda quando tinha 23 anos e ficou morando lá por 8 anos. Posteriormente, retornou por alguns meses com seu esposo (Ian, o participante número 2 desta pesquisa) e seu filho Keane para Goiânia - GO e logo em seguida retornou para Curitiba - PR onde se estabeleceu com sua família.

Lauren engravidou de seu primeiro filho na Irlanda, dando à luz a este neste país e posteriormente após regresso ao Brasil teve outro filho que se chama Liam.

Atualmente, Lauren além de mãe, é professora de língua inglesa e está terminando o curso superior em estatística. Hoje, ela mora na região Sul do Brasil.

---

<sup>15</sup> inclusive no início por causa dessa política um dos primeiros retornados teve de ir de São Paulo até Rondônia de ônibus.

As ações da ONG - Projeto Resgate Brasil e da ONG parceira na Irlanda do Norte estão pontuadas no perfil do participante anterior, Ian, já que o programa os abarcou conjuntamente. A entrevista se deu em 02 de julho de 2019, às 18:30horas, por vídeo chamada e gravada em áudio.

## 4.2 A voz dos retornados

Aqueles que ouvimos aqui, foram aqueles que emigraram na sua juventude e que retornaram ainda nela, com suas experiências e trazem entre suas características de jovens da terceira cultura, aspecto que pode ser aplicados aos migrantes laborais também, embora a terceira cultura tenha sido inicialmente aplicada a filhos de militares, de homens de negócio, de diplomatas, e de missionários. Porém, tais princípios podem ser aplicados também a migrantes laborais e suas famílias. Cujas vozes nos ajudam a compreendê-los melhor!

### 4.2.1 O momento da Chegada

O momento de chegada é aquele quando se lançam os alicerces que poderiam tornar o retorno de escolha ou não menos traumático.

No momento da chegada é comum a sensação de estranhamento. É quando as viagens de férias realizadas de vez em quando para visitar familiares, parentes e amigos ganham a perspectiva de serem definitivas.

No retorno após a migração às prioridades dos familiares, parentes e amigos que antes durante as visitas realizadas nas férias voltavam-se para dar atenção aos recém-chegados, levar para todos os lugares, cozinhar seus pratos preferidos, agora após o retorno voltassem para o questionamento do que “deu certo ou não” na migração. E o retornado descobre que retornou para onde e quando eles não esperavam e descobre que suas expectativas provavelmente serão frustradas.

O retorno é sempre mais complicado do que a partida, e autores como Sayad (1998 – 2000), Siqueira (2006), Walteros (2010) e Fazito (2010) nos alertam para este fato. Diante disso, o acolhimento da “pátria mãe” e instituições governamentais (em forma de políticas), das organizações (em forma de programas), da sociedade (em forma ações) e da família, amigos e conhecidos (em forma de rede) podem atenuar as dificuldades iniciais, no entanto pode ser uma frustração enorme descobrir que tais acolhimentos na chegada podem não acontecer.

Na emigração sempre está presente a ideia de ruptura e ausência. Ruptura não só dos laços afetivos, mas também de seu espaço geográfico e de seu lugar social no país de origem. Ela é marcada também pelo projeto de retorno, não só pelo reencontro das ‘coisas e pessoas tal como era (ou acreditava ser) quando partiu, mas também de reencontrar a si mesmo’. Todavia, o projeto migratório ao longo do tempo é reconfigurado (SIQUEIRA, 2006, p.136).

Siqueira (2006) traz concepções que são aplicadas desde a partida para o novo país até o seu regresso ao país de origem. O autor traz a ruptura e ausência que são geradas quando pessoas migraram para outro país e dentro dessas rupturas elenca as seguintes implicações da migração e do retorno: os laços afetivos, o seu espaço geográfico e seu lugar social, além do que estes aspectos também podem se dar no seu retorno ao país de origem. Assim, quanto mais tempo se passa fora de seu país de origem mais laços emocionais podem ser construídos no país receptor, mais do espaço geográfico daquele país é pelo migrante ao mesmo tempo em que um lugar social também é construído naquela sociedade.

Uma nova parte da identidade do migrante é construída no contexto de migração. No país de origem abre-se espaço para a construção de quem se era no país receptor, visto que conforme os anos vão passando, como é o caso dos participantes desta pesquisa que passaram de 3 a 8 anos fora do Brasil, essa identidade nova tende a se adensar.

No entanto, a despeito da quantidade de tempo, é central lembrar que é na juventude que muitas decisões importantes são tomadas, quando os jovens podem atuar como sujeitos, atores sociais de suas histórias de vida ou escolher apenas deixa-se levar pelo tempo que segue, este período da juventude com características ímpares como a decisão de escolher a partir de que modelo de adulto se quer construir quem se é e quem se está se tornando, quando

se põe em prática os projetos de vida ou quando se lida com as frustrações de aspecto que se esperavam para esta fase da vida e que não vieram a existir.

O sonho do retorno permanece como uma fotografia guardada na mala de viagem, que de quando em quando é revisitada como um memorial, para dar forças nos dias difíceis e revigorar o plano de retorno. Mais uma vez, recorre-se a Siqueira (2006, p.3) que, relata que o sonho do retorno que também é plano, afirma que os migrantes “ficam presos ao mito do retorno [...] [...] Nunca deixam de falar ou sonhar com ele”.

Mas, quando o retorno deixa de ser uma possibilidade para se tornar uma realidade? O que fazer então, quando chega a hora do retorno? Como gerir as expectativas de retornar? Segundo Fazito (2005, p.90), o retorno acaba sendo um desafio enorme e até “uma impossibilidade concreta, pois não se retorna àquela mesma estrutura de coisas e eventos que se vivia no passado e depois se “abandonou”. Se não se pode voltar ao ponto no tempo, no espaço e na vida que se tinha quando migrou, como seria o retorno na prática?

Notando-se tanto nos teóricos, quanto nas falas dos entrevistados, é que há um estranhamento pós-retorno, e este pode mostrar-se de variadas formas. Por exemplo, a jovem Lily em seu relato compara seu estranhamento inicial e adaptação no país receptor, à Inglaterra, com seu mesmo período de chegada ao Brasil e conclui que é mais complicado a readaptação do retorno:

Ah no começo, assim, é um pouco assustador, porque você não conhece nem a língua, nem a cultura, mas depois que você passa por um período de adaptação, depois disso, é bem interessante Assim, se você for comparar com relação ao Brasil (retorno), não e tão assustador é só no começo mesmo (Lily).

Percebeu-se com esta pesquisa que a experiência de estranhamento inicial e adaptação ao país receptor se torna uma ferramenta cultural de readaptação no retorno ao Brasil. Mesmo que assim como foi “um pouco assustador” o início de sua vida na Inglaterra, uma vez comparados com os desafios do Brasil, não se tornam tão assustadores. Ela reforça na fala acima a ideia de que a adaptação é chave para que esse temor se dissipe “depois que você passa por um período de adaptação, depois disso, é bem interessante” (Lily).

Para Ian, o estranhamento também passa pelos dissabores das expectativas que as vezes não se realizam, enquanto ele tenta vencer este estranhamento buscando trabalho:

*Foi difícil pra mim, não foi fácil, mas hoje eu estou feliz na posição que estou hoje na minha empresa, e foi porque eu não desisti, tive que começar tudo de novo, entrei na oi, a empresa faliu, comecei na Leroy-Merlin, e hoje sou supervisor e a meta e a mesma. (Ian). Grifo nosso.*

Observamos que os termos “*Foi difícil pra mim, não foi fácil*” e “*tive que começar tudo de novo*”, demonstram as dificuldades do estranhamento e o desafio que é se reconstruir no retorno. Os desafios pós-retorno parecem ser recorrentes a estes jovens e tomam mais força e se reverberam na fala da esposa de Ian, Lauren que compartilha de seu estranhamento inicial e suas dificuldades:

*De forma geral, no primeiro ano foi um pouco difícil... porque a gente estava acostumado com o estilo de vida de lá, que é muito diferente, né? Mas assim depois primeiro ano daí a gente se adaptou aqui, foi tranquilo, a gente já se adaptou aqui. Foi um processo de adaptação aqui, mas depois de um ano ficou tranquilo. Mas no comecinho deu muita saudade. Foi pouco difícil. Mas passou. (Lauren).*

Lauren, destaca as dificuldades causadas como consequência pela vida que teve na Irlanda do Norte, a palavra dificuldade aparece duas vezes nesta fala e menciona a saudade, uma palavra brasileira para expressar o sentimento por um lugar longe do Brasil e que foi sua casa por 8 anos.

Contudo, ela não deixa de mencionar que está readaptada ao Brasil, “mas passou”, como ela menciona no relato supracitado.

Siqueira e Brandes (*apud* DIAS, 2015, p.13) argumenta que:

A experiência vivida em uma cultura diferente da sua leva o indivíduo a se acostumar com o modo de vida naquele país. Porém, ao retornar, o emigrante busca o modo de vida que levava antes de emigrar e percebe que isso não é possível. Após passar pela experiência migratória, o indivíduo não se percebe como antes do processo migratório.

Siqueira e Brandes (*apud* DIAS, 2015) pontua que esse se acostumar com o modo de vida do país receptor cria essa dificuldade de adaptação ao retornar, e ao tentar retornar para o modo a vida que tinha antes percebe que aquela realidade não existe mais, pois ela também é outra pessoa, não a mesma que partiu anos atrás.

Pelos relatos de emigrantes retornados, observa-se que há, no seu imaginário, uma cristalização do tempo, isto é, ao regressar, eles esperam encontrar tudo o que deixaram quando partiram, querem voltar ao tempo da partida. Contudo, é impossível ter acesso àquele tempo que se cristalizou em sua memória. Ele não percebe que, assim como para ele, o tempo na origem também promoveu mudanças no território e nas pessoas (SIQUEIRA; BRANDES *apud* DIAS, 2015, p.40).

Este cristalizar do tempo é que torna essa retomada difícil, visto que o tempo que se cristalizou na mente do retornado, na verdade não é mais real, pelo contrário, o tempo fluiu se liquefez e passou. Dessa forma pessoas, lugares, status sociais e relacionamentos não são mais os mesmos, embora seja um memorial para o retornado, não é uma realização, as concepções anteriores dão lugar a novas concepções e realizações.

Para Pollock, Reken e Pollock (2017) e Siqueira e Brandes (*apud* DIAS, 2015), há o desafio de alguns aspectos de cristalização do tempo e por consequência frustração de expectativas criadas a respeito do retorno e acerca da impossibilidade realizar o retorno como se planejou, anteriormente, assim:

TCKs<sup>16</sup> (JTCs) mudaram com a expectativa de um dia retornar ao seu país de origem. Assumimos que a diferença de expectativa em relação a um retorno potencial mudou a forma como cada grupo se relacionou com o país receptor ou novo país. [...] No entanto, a expectativa de 'estabelecimento' é diferente para os TCKs e jovens imigrantes, apesar desses crescentes pontos em comum. Como fatoramos (decompomos essa equação em números simples) todas essas mudanças em nosso entendimento para descrever com mais precisão estes novos "normais" do nosso mundo, tanto em relação aos pontos comuns e compartilhados por esses jovens, como no reconhecer da forças ou desafios que atuam nas particularidades de cada experiência (POLLOCK; REKEN; POLLOCK, 2017, p.61).

---

<sup>16</sup> Abreviatura usada pelos autores e aqui traduzida para JTCs que em ambos os casos significam jovens da terceira cultura

Embora os jovens não tenham perdido a expectativa do retorno, e essas expectativas possam afetar em maior ou menor escala cada um desses jovens segundo sua adaptação no país receptor, os autores pontuam que o retorno, definido por eles como “estabelecimento”, vai se dar de forma individual, contudo, haverá o compartilhamento do desafio de como lidar com as dificuldades que a migração de retorno apresenta como, por exemplo, a construção dos novos normais dentro da cultura do país de origem, uma vez que houve mudanças na identidade cultural do jovem que migrou e agora retorna.

O luto das experiências que se teve fora do Brasil é uma das consequências do retorno, que pode se dar pelo não cumprimento dessas expectativas, assim como Achotegui (2009, p.164-165) argumenta concernente ao luto de quando se migra:

[...] há pelo menos, como mínimo, sete lutos existentes na migração: A família e os amigos; a língua; a cultura: costumes, religião, valores; a terra: paisagem, cores, cheiros, luminosidade; o status social: documentação, trabalho, casa, possibilidades de ascender socialmente; o contato com o grupo étnico: preconceitos, xenofobia, racismo; os riscos para a integridade física: viagens perigosas, risco de deportação, desamparo.

Acredita-se, que este luto pode ser inversamente vivido no retorno: o luto por deixar amigos, que em certa medida também podem ter se tornado família ou até mais próximos que alguns parentes; a saudade da língua do país receptor, dos sons, piadas, cultura, memórias afetivas, as cores, os cheiros, os sabores, o clima, o status social que construíram no seu tempo fora do Brasil, à preocupação com quem se é agora na sociedade de origem. Um luto não vivido na chegada pode acarretar sérias consequências do processo de retorno.

O retorno pode ter como efeitos, crises relacionadas a experiências e o que se espera do retornado. Veja o caso de Lily no retorno, ao procurar emprego, enfrentou desafios de uma jovem de 20 e poucos anos que está começando a vida, como se fosse inexperiente. Lily compartilha seus sonhos a respeito de sua vida profissional nos pós-retorno, e fala dos desafios que enfrentou:

*Você tem que ralar muito para conseguir colocar uma posição e as vezes você tem várias qualificações e você está brigando com o pessoal que tem experiência. Você*

*está atrás de um estágio e não consegue porque estágio elas exigem experiência. Então você não consegue se colocar no mercado de trabalho e você não está conseguindo evoluir financeiramente. Então está bem complicado (Lily).*

Um impasse entre experiência e oportunidade para o mercado de trabalho se apresenta na fala acima, evidenciando alguns desafios da juventude vivenciados novamente por ela, agora na fase adulta. Ou seja, essa fala sinaliza para pensarmos como esses sujeitos vivenciaram as dificuldades próprias da juventude na idade em que migraram e ao retornar ao Brasil enfrentam os mesmos desafios, como dificuldade em comprovar experiência profissional e se colocar no mercado de trabalho. O país receptor exige experiência para contratá-lo, contudo, não cria oportunidade para que tenham as experiências profissionais de que necessitam.

Para o retornado se torna ainda mais complicado, pois precisa reaprender como funciona o mercado de trabalho e suas demandas. Benjamin (2013, p.149) sustenta que: “a voz do povo diz que ‘quem faz uma viagem traz sempre muito que contar’, e imagina o contador de histórias como alguém que vem de muito longe”. Que histórias e experiências têm esses jovens retornados a contar? Será que nas suas histórias de vida não poderia estar contida a experiência que os empregadores buscam?

Se há alguém que elabora muito bem essa relação entre, experiência e juventude, esse autor é Walter Benjamin e é a ele que recorremos. “Os adultos não concebem algo para além da experiência, que existam valores – não experimentáveis – ao que nós [os jovens] nos entregamos.” Benjamin (1993, p. 94). Os adultos olham apenas para que o se medem como valores tangíveis, um diploma, um certificado, enquanto os jovens valorizam as experiências que tiveram e que os marcaram que os moldaram assim como tratado por Bondía (2002).

Dando suporte ao que Dayrell (2003, p. 50) traz ao falar sobre a imagem de ser adulto que os jovens constroem ele menciona que: “Ser adulto é ser obrigado a trabalhar para sustentar a família, ganhar pouco, na lógica do trabalho subalterno”. Sobrando pouco espaço para a experiência visto que os compromissos para o sustento do modo de vida os subjugam. Isto para dizer que um retornado pode ter experiências múltiplas, mas se estas não corresponderem às experiências que os sujeitos do país de origem esperavam estes sujeitos não vão se encaixar ou conseguir uma colocação no mercado de trabalho.

Outro aspecto que apareceu nas falas dos participantes da pesquisa foi à importância de aprendizado da língua do país receptor e sua importância como ferramenta para sua readaptação com o mercado de trabalho. A relação entre língua do país receptor e do país de

origem poderia se tornar sim uma barreira no retorno, um estranhamento na readaptação. No trabalho da ONG – Projeto Resgate Brasil, ao longo dos anos, ouvia-se de retornados que quando voltaram da Europa para o Brasil achavam as pessoas muito “barulhentas” e que tinham dificuldades com a escrita e a gramática.

Inicialmente, Lily apontou que o que mais contribuiu para o tempo que ficou morando fora do Brasil, em termos de aprendizado, foi à língua de seu país receptor: *“Na verdade, agregou mais na questão de ter aprendido outra língua.” (Lily).*

Posteriormente, sobre as línguas da Irlanda do Norte, o inglês e o Irlandês, Ian afirma que nada sabia que aprendeu na prática e menciona o quanto a aquisição da língua facilita a vida do emigrante: *“Eu fui desenvolvendo, aí foram aparecendo algumas outras oportunidades, conforme você vai aprendendo o inglês você vai tendo mais oportunidades, assim que você sabe o idioma do país começa a ficar mais fácil.” (Ian).* Em suma, Ian aponta que, chegou sem falar nada e conforme foi aprendendo a língua do país receptor, outras oportunidades (sociais, de estudo e de emprego) foram se apresentando e que um fator marcante foi o incentivo de sua esposa, Lauren. Esta também ressalta a importância do aprendizado da língua do país receptor e chega a criticar os brasileiros que não aproveitam a oportunidade que estão fora do Brasil, não aprenderem a língua do país receptor: *“[...] aproveite quando está fora para estudar inglês ou sei lá qualquer outro idioma, de qualquer país que esteja. Os brasileiros são muito preguiçosos em relação a isto (Lauren)”.*

Lauren também é a única que ressalta que o aprendizado da língua do país receptor pode ser uma ferramenta cultural importante no retorno: *“Então tem que aproveitar ao máximo, porque quando voltar isso daí vai te ajudar muito.” (Lauren).* O “isso daí” é a referência ao aprendizado da língua do país receptor como ferramenta de ajuda no retorno, assim este aprendizado da língua do país receptor pode ajudar no retorno no sentido de oportunidades de trabalho e estudos.

Mas também pode ser um estranhamento ao mesmo tempo em que este conhecimento da língua estrangeira que era até então confortável para o retornado agora muda, numa relação de estranhamento visto que por anos a língua falada no cotidiano dos três entrevistados era a língua inglesa. Se o aspecto linguístico aparece nas falas dos participantes no contexto de emigração por que elas somem nas falas sobre o retorno, no sentido que não se referem a língua mãe, como conforto ou obstáculo, falas como: “enfim poder falar e ouvir português” ou “ eu estava com saudades da língua daqui” que era previstas não apareceram. O que essa ausência quer nos dizer?

A questão da língua se mostrou central para muitos migrantes de retorno com filhos que passaram a infância e frequentaram escolas fora do Brasil que tiveram auxílio da ONG Resgate Brasil. Muitos receberam auxílio com tutores particulares fora da escola brasileira para ajudá-los com a língua portuguesa, tanto na fala quanto na escrita, uma vez que seus pais não os ensinaram a língua materna enquanto estavam fora do Brasil. Embora este não seja o caso dos sujeitos desta pesquisa, uma vez que eles migraram na juventude e seus filhos, embora tenham nascido na Inglaterra e Irlanda do Norte, retornaram com seus pais ainda bebês e aprenderam a língua portuguesa no retorno ao Brasil anos depois não tiveram esse problema e sempre estudaram em escolas brasileiras, achamos por bem pontuar este fator percebido durante os anos de trabalho na ONG - Projeto Resgate Brasil para ilustrar os desafios escolares que os migrantes de retorno e seus filhos podem vir a enfrentar no Brasil.

Outro aspecto importante neste momento de retorno, assim como na partida, são as redes de parentes, amigos e conhecidos que ajudam desde o processo de antes de saírem do Brasil, passam pela recepção no novo país, ajudam com emprego, hospedagem e na adaptação inicial no país receptor e no retorno.

Segundo Siqueira (2006, p. 46):

As redes sociais fornecem informações, indicam meios que auxiliam o processo de migração e atenuam as dificuldades no país de destino. A migração internacional pressupõe ir ao encontro de uma sociedade, geralmente com língua, costumes e valores diferentes. Significa um empreendimento de muitos riscos. Riscos esses amenizados por intermédio das redes sociais.

Pode-se aqui aplicar os argumentos de que na migração de retorno: os familiares e amigos que ficaram, “fornecem informações, “indicam meios” e “atenuam dificuldades” que aparecem no retorno como, por exemplo, se vale a pena retornar para o mesmo estado e/ou cidade de origem ou se seria melhor tentar algo em outro estado/cidade que tem mais estrutura para o retorno.

Se na fala da autora acima há o “ir ao encontro de uma sociedade” no retorno há o reencontra-se com sua sociedade de origem, retomar a “língua, os costumes, os valores” e há riscos, retornar demanda um número de variantes de riscos desde econômicos, passando pelos sociais e psicológicos e psíquicos. E como, como bem argumentou Siqueira (2009), os riscos

podem ser amenizados pelas redes (famílias, amigos, conhecidos) também de forma muito impactante no retorno, bem como a ausência dessas redes no retorno podem torná-los ainda mais difícil.

Mesmo que nem sempre os migrantes retornam necessariamente para o local de onde partiram, como é o caso de Ian, as redes são fundamentais no processo de retorno. Nesta pesquisa percebemos alguns tipos de redes de migração, sejam de apoio para a emigração, para a permanência no país receptor, para o retorno ao país de origem ou ainda para a reemigração. Para fins de nosso estudo nosso olhar está ancorado a partir do suporte para o retorno dos jovens de nossa pesquisa, os quais apontaram como importantes as seguintes:

A rede familiar é apontada como fundamental nesse período inicial do retorno. Ian ressalta as dificuldades por não ter esse apoio de nenhuma rede, em especial a rede familiar no episódio do nascimento de seu filho na Irlanda do Norte:

*Algum tempo depois que ele nasceu, ele e minha esposa ficaram hospitalizados, porque ele tinha o intestino prematuro, não conseguia digerir direito o leite, assim que ele mamava ele já vomitava tudo já. Isto foi bastante estressante para a gente e sozinhos né, só eu e ela, não tinha ninguém pra ajudar, pra dar o suporte. [...] [...] não tinha ninguém, não tinha parente. Então era eu e ela, ela e eu e o bebê. E aí a gente foi perdendo as forças, precisava de alguém para amparar a gente nesses momentos. (Ian).*

A fala do Ian ajuda demonstrar como as redes podem ser importantes não só no país receptor, como também no retorno, sua ausência ou presença podem ser determinantes para o sucesso e permanência no retorno ou para uma reemigração.

Lauren pontua a ajuda e o suporte da rede familiar no retorno os recebendo em casa e os hospedando até que eles tivessem local de morar e ressalta que essa rede pode gerar alguns desconfortos:

*“Porque a gente voltou para casa dos meus pais, que não era o ideal. O ideal é que a gente tivesse nosso cantinho. Então isso gerou alguns conflitos, com minha mãe com meu pai, porque é coisa de família” (Lauren).*

As redes de apoio também podem se manifestar em forma de instituições diversas, aqui por exemplo a instituição no contexto escolar, a instituição de educação para onde os

entrevistados retornaram. Uma instituição que dá esse suporte, em especial na fase inicial do retorno pode contribuir de forma muito positiva a atenuar os efeitos desafiadores do retorno.

No caso de Lily se torna um duplo retorno (o primeiro retorno: seu retorno migratório ao país de origem e o segundo retorno: somente depois de três anos após seu retorno ao Brasil é que se dá outro retorno ao ambiente escolar brasileiro).

Diante dos desafios desse duplo retorno o ambiente escolar se torna uma rede muito importante:

*A instituição é ótima, fui recebida muito bem, eles fazem pesquisas de opinião, inclusive eles atendem muito bem pelos funcionários e muitos deles são alunos que trabalham na universidade para reduzir os custos das mensalidades, então a gente está num ambiente bem tranquilo bem familiar (Lily).*

Para Ian, a instituição escolar também foi um apoio não apenas para sua formação acadêmica e acolhimento inicial, mas ele ressalta a importância das instituições de ensino na sua reinserção no mercado de trabalho, como uma rede de contatos com o mercado de trabalho:

Quanto à instituição (SENAI e Universidade), sempre tentaram me ajudar [...] tanto é que eu tive várias entrevistas de emprego que foram eles (SENAI e Universidade) que mediaram, eles ajudaram muito mesmo. Eles têm um pessoal de RH altamente capacitado, tem uma espécie de um *coaching* [...], isso me ajudou muito. Dentre esse teste vocacional que eles fazem com frequência com você pra ver se você, durante seu processo de estudo, teve uma queda, deixou de gostar ou está com foco voltado pra outra coisa, então eles fazem isso a cada 4 ou 5 meses. [...] foi durante o processo que a Camila, nem esqueço nome dela, reconheceu que: “olha você tem muita vocação pra área comercial”, realmente eu trabalhei muito tempo com isso, ela continuou: “Talvez você não esteja se dando bem nas entrevistas para as metalúrgicas, por que você não quer trabalhar mais com isso” (Ian).

Neste relato, de Ian evidencia-se como as redes no âmbito das instituições educacionais o ajudaram a elaborar sua identidade profissional de volta no Brasil e, posteriormente, foram a ponte entre o ambiente educacional e o ambiente profissional.

Para Lauren, os grupos das instituições de ensino podem ajudar nesse retorno e ela evidencia como as redes se articulam, e estimula outros jovens retornados a não se isolarem, a se integrarem e procurarem apoio: “Mas não desista, que tente se adaptar aqui, que procure outros grupos como o da faculdade, que não deixa de ser um grupo” (Lauren).

Por fim, ainda sobre as redes, importa salientar que algumas redes se estendem a outras, se espalham e ampliam o campo de possibilidades no processo de inserção desses jovens. As ONGs e seus parceiros agem dessa maneira, estendendo via redes as possibilidades e oportunidades de suporte aos retornados. Ian, por exemplo, pontua como a parceria entre ONGs, do Brasil e do Reino Unido, o ajudaram a acessar os meios de retorno, referindo-se ao programa de retorno oferecido por uma ONG do Reino Unido que é parceira da ONG - Projeto Resgate Brasil. Ele conta que foi por intermédio de um conhecido que tomou conhecimento:

*Eu não sei quem tinha falado para mim, que tinha esse programa. Vocês conseguem ir embora sem gastar nada e ainda eles te ajudam a recomeçar no Brasil. Eu disse: Como é que é? Eu fiquei interessado pelo programa, não é possível é muito bom para ser verdade isso aí. Ai eu fui atrás pra saber como era o programa e realmente, era verdade tudo batia e tal, foi quando eu fui na imigração e pedi: “estamos assim, assim e assado...” Só eu trabalhando, minha esposa não está trabalhando, a criança está doente, a gente precisa ir embora eu não tenho dinheiro pra passagem e eu preciso de ajuda! (Ian).*

Uma vez que, o serviço de migração, órgão do governo da Irlanda do Norte, soube da situação de Ian e sua família devido ao fato de Ian ter pedido ajuda e tendo parceria com a ONG da Irlanda do Norte, o órgão do governo acessou a rede da ONG do Reino Unido e após Ian assinar um acordo para o retorno voluntário ele relata que: “Foi aí que a “ONG” interveio e possibilitou a nossa volta pra o Brasil.” Após isso ele acionou a rede de suporte de retorno no Brasil, a ONG - Projeto Resgate Brasil. Assim as redes vão se articulando em eixos de suporte à emigração, à permanência ou ao retorno. Um conhecido/amigo que traz uma informação, que se confirma no órgão de migração do país receptor, que então acessa uma ONG dentro de seu território que por fim acessa uma rede no território do país de origem para promover o retorno. Neste sentido, Fazito (2010, p. 90) completa: “também observamos a

estruturação de fluxos e polos de origem e destino como num circuito integrado, ou seja, operado mediante padrões relacionais das redes sociais [...].”.

Os contatos com as redes podem ser percebidas nos participantes como uma característica da terceira cultura, como por exemplo, a independência e a flexibilidade, uma vez que eles aprendem a “se virarem” em diversas situações; Eles mesmos criam uma rede de amizades ampliada e global, não apenas regional ou local com o objetivo de realizarem seus planos de vida. Como senso de pertencimento destes jovens é nos relacionamentos, há uma rede mundial de relacionamentos para o fim de auxílio mútuo entre eles, e quando não os há eles as constroem.

Por mim, no momento da chegada os sujeitos podem ser afetados psicologicamente e tornar o retorno ainda mais difícil. Achotegui (2009, p.167) argumenta que os retornados podem “padecer da síndrome do imigrante com stress crônico e múltiplo, a síndrome de Ulisses (fazendo menção ao herói grego que padeceu de inumeráveis adversidades e perigos longe de seus seres queridos).

Acredita-se que na migração, e em especial no retorno, a síndrome de Ulisses pode afetar de diversas maneiras os retornados, entre elas, as pontuadas aqui por Achotegui (2008, p. 10-11) que declara que:

Para aquele que não conseguisse ser “forte” o suficiente para ultrapassar ditas dificuldades, o enquadramento clínico de acordo com a Síndrome de Ulisses viria a indicar o surgimento na área da ansiedade de: tensões, nervosismo, preocupações excessivas e recorrentes, irritabilidade, insônia, dentre outros; assim como sintomas somatomorfos<sup>17</sup> como cefaleia e fadiga; e ainda sintomas na área confusional como falhas de memórias e a forte sensação de sentir-se perdido.

Outros autores, também alertam para estas consequências, como Pollock, Reken e Pollock (2017), que afirmam que o retorno pode ser marcado por isolamento, depressão ou raiva:

[...] Uma resposta comum à reentrada ( ao retorno), também pode revelar ou, ironicamente, mascarar a depressão. Padrões comuns de isolamento podem

---

<sup>17</sup> Segundo Assumpção e Gonçalves (2011) “Transtornos somatoformes são aqueles em que há a presença de sintomas físicos que sugerem uma situação médica geral, mas sem base médica constatável, pelos efeitos diretos de uma substância ou por qualquer outro transtorno mental. Os sintomas devem causar um desconforto clínico significativo, prejuízo social, ocupacional ou em outras áreas de ação.

inicialmente se apresentar dentro de um nível normal e depois se mover em direção à depressão verdadeira podem incluir TCKs tendo dificuldade em sair da cama, não realizando atividades que normalmente trazem satisfação e alegria. Embora raiva ou depressão possam ser um mecanismo inicial de enfrentamento (estranhamento), se um deles se estender além de seis meses a um ano ou criar um perigo para o TCK ou outros, poderá ser necessária ajuda profissional. (POLLOCK; REKEN; POLLOCK, 2017 p.260-261).

Segundo Sayad (2000, p.14), a migração cobra um preço e é no retorno que se acertam as contas dessa equação de ausências/presenças, afirmando que:

Não se habita impunemente outro país, não se vive no seio de outra sociedade, de outra economia, em outro mundo, em suma, sem que algo permaneça desta presença, sem que se sofra mais ou menos intensa e profundamente, conforme as modalidades do contato, os domínios, as experiências e as sensibilidades individuais, por vezes não se dando conta delas, e, outras vezes, estando plenamente consciente dos efeitos.

Sayad (2000) demonstra acima as consequências vividas por aqueles que retornam e que não se pode passar sem consequências pela migração internacional, sua afirmação se conecta com o estar no limbo da terceira cultura, “nem lá nem cá”.

Quanto as políticas de acolhimento para ajudar os retornados, durante os processo de retornos, faz-se valer de políticas que os façam se sentir “em casa” e que atenuem as consequências do retorno podemos pontuar que: Embora haja um esforço (vontade mais popular, que política) para que políticas de migração tomem lugar em nossa sociedade brasileira, não necessariamente elas são pensadas a partir dos migrantes. Assim, ainda que se tente atenuar de alguma maneira os efeitos do retorno e entre eles a invisibilidade, infelizmente essas ações e políticas e inclusive políticas de saúde pública e mental, não levam em conta as nuances da migração de retorno.

Há uma ausência enorme nas falas dos retornados acerca das políticas públicas que o país de origem oferece ou deveria oferecer e menos ainda do reivindicar seus direitos como cidadãos brasileiros do retorno. Nenhuma política ou ação de governo foi pontuada a não ser

o fato de o departamento de migração ter contactado a ONG do Reino Unido no caso de Ian e Lauren para que o programa da ONG – Projeto Resgate Brasil os acolhesse e os direcionasse.

Já Lily menciona o Programa Universidade Para Todos (PROUNI), o qual considera uma política importante para a juventude, mas sem relação com a questão migratória. *“Eu fiz o ‘prouni’, na verdade, quando entrei na faculdade eu sou bolsista”* (Lily). Trata-se de uma política do governo federal e Ministério da Educação para os brasileiros em geral e não para retornados e, portanto, não pode ser identificada como política de acolhimento de retornados. De modo geral, as políticas de acolhimento não foram mencionadas em nenhuma das entrevistas. Essa ausência é natural visto que políticas para os retornados são mínimas, se elas são mínimas em sua existência é de se esperar que sejam ausentes nas falas dos entrevistados.

Todavia, Lily chega a afirmar acerca do acolhimento aos jovens retornados que considera ineficaz: *“Acho que nesse sentido o Brasil está falhando um pouco.”*, e completa que pensa em reemigrar visto que, nas palavras dela, *“[...] o nosso país não é um país que está dando condições para jovens, é assim, infelizmente [...]”*. Com isso a jovem denuncia as lacunas no acolhimento aos jovens retornados e de certa forma aos jovens em geral.

Quanto à ONG – Projeto Resgate Brasil e seus parceiros, a existência de programas de apoio ao retorno e suporte a reintegração, se mostram um esforço no sentido de tentar preencher as lacunas que as políticas e a sociedade em si acabam demonstrando quando um migrante retorna. Analisando os programas e os parceiros, é perceptível que há uma tentativa de que estes programas sejam pensados a partir dos retornados, porém não podemos deixar de dizer que a grande maioria dos programas não governamentais acabam acessando subsídios destes mesmos governos e por isso tendo certas limitações de ação. Ou seja, para o uso dos programas parceiros com governos há limitações de contrato, não gerando assim uma autonomia plena e emancipatória, ou seja, só se pode escolher dentro do que já foi escolhido para os retornados pelos governos financiadores.

É importante dizer que nem todos os recursos vêm desses fundos, eles podem vir como doação pessoal, de empresas e da sociedade civil em geral e quando isso acontece as ONGs também criam programas próprios que tem sim amis autonomia. Além de que nas entrevistas apenas um programa foi citado por Ian.

Precisamos pontuar que tão importante quanto ao acolhimento nas instituições educativas, é também o acolhimento pelos profissionais e pelos colegas. A maneira um ambiente acolhedor para quem vem de um contexto de migração e que está em pleno processo de retorno pode ter grandes reverberações para o presente e futuro, no sentido da permanência /ou de uma possível reemigração. Algumas instituições de ensino, aqui exemplificadas como

as do Serviço Nacional de Aprendizagem industrial (SENAI) e a Universidade, que foram frequentadas por Ian, foram importantes em mediação de entrevistas de emprego, programa de coaching, testes vocacionais. A instituição onde Lily estuda, além de acolhê-la inclui também seus alunos e cria programas de permanência, via estágio remunerado.

O momento de chegada quando o retorno começa é quando toda a sua complexidade de mostra de forma prática e os efeitos das escolhas que fizeram ao retornar vão reverberando. As experiências que eles tiveram fora e que agora trazem podem ser pontes ou muros no sentido de ajudarem ou dificultarem o retorno neste momento inicial.

#### 4.2.2 Vida lá, vida cá e vidas que se cruzam

Embora a cabeça do sujeito que retorna esteja dividida entre lá e cá, entre o país receptor e o de origem, o corpo está aqui. As comparações entre as realidades de estar aqui e querer estar lá são muito comuns. Aqui vamos analisar este aspecto de lá, cá e como se lida com essa realidade se mostra através de alguns pontos, como por exemplo a educação do país de retorno e a educação do país receptor e como estes jovens fazem para lidar com este cruzamento de vidas e realidades no ambiente do retorno.

Para chegarmos às comparações que são feitas pelos retornados e tentarmos compreender como eles lidam com “o lá e o cá”, precisamos entender os motivos que levam os retornados que estavam lá decidirem a voltar para cá.

Quanto à motivação para o retorno pode ter sua origem nas razões mais diversas, desde a financeira, familiar, saúde, tragédias naturais etc. DeBiaggi (2004, p. 144) nos chama atenção que para alguns retornados o fator econômico não é o determinante em si, mas outros fatores podem pesar “[...] as vantagens sociais e culturais sobrepõem-se às vantagens econômicas encontradas fora e aos custos [...]”. Para Lily o motivo foi reagrupamento familiar e após a gravidez a falta de suporte para o cuidado do filho:

*Na verdade, eu voltei porque metade da minha família estava aqui, tenho irmãos menores, minha mãe estava comigo, eu engravidei e tive que voltar. Porque eu não tinha como trabalhar e cuidar do meu filho lá fora então eu voltei para ficar com minha família mesmo (Lily).*

Lily expressa aqui à sua dificuldade em trabalhar e cuidar do filho. Uma jovem mãe sem sistema de suporte, pois sua família estava dividida geograficamente, metade no Brasil, metade na Inglaterra com ela. Mas e como fica a juventude de Lily?

Para Dayrell (2003, p. 42):

[...] a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona.

Assim, é o processo mais amplo de constituição de quem Lily era até a sua gravidez e o nascimento de seu filho e de quem ela se tornou após, como jovem, mãe, retornada, trazendo em si aspectos da terceira cultura e lidando com os desafios do retorno.

Dialogando com o autor supracitado, podemos pontuar que para Lily a juventude não é apenas uma passagem, um vir a ser, mas uma importante construção presente de si. E se esse processo é influenciado pelo meio social concreto via trocas que este meio oportuniza tais trocas de experiências, podemos dizer que quando Lily retorna ao Brasil após o nascimento de seu filho, reagrupa sua família e precisa esperar mais três anos para que o retorno ao ambiente escolar se dê e não obstante ainda conciliar trabalho, estudos e o cuidado com seu filho.

Para Ian, o quadro de saúde do filho a falta de suporte para o cuidado do filho:

*O principal motivo do retorno para o Brasil, foi a dificuldade que a gente teve quando nosso filho nasceu lá, então nosso filho nasceu ele teve algumas complicações de saúde no começo. Algum tempo depois que ele nasceu, ele e minha esposa ficaram hospitalizados, porque ele tinha o intestino prematuro, não conseguia digerir direito o leite, assim que ele mamava ele já vomitava tudo já. Isto foi bastante estressante para a gente e sozinhos né, só eu e ela não tinha ninguém para ajudar para dar o suporte. Não tinha ninguém. Então era eu e ela, ela e eu e o bebê. E aí a gente foi perdendo as forças precisava de alguém para amparar a gente nesses momentos. Foi quando a gente virou um para o outro e decidiu: “Vamos embora? Vamos?! (Ian)*

Do mesmo modo, Lauren pontua o nascimento do filho, além da questão de estar indocumentados e por isso não ter benefícios do governo, por consequência não poder

trabalhar. A ausência de detalhes de Lauren pode ter sido consequência psicológica da dor de ter seu filho internado e precisando de cuidados, além de ela também ter ficado internada, enquanto Ian trabalhava para manter as despesas necessárias já que não recebiam nenhuma ajuda do governo por serem imigrantes indocumentados e provavelmente querendo estar ao lado da esposa filhos para dar suporte já que não tinham família presente naquele contexto?

Ian tinha cerca de 24 anos e Lauren 29. Já viviam na Irlanda do Norte há mais ou menos 6 a 7 anos, adaptados e diante do nascimento do primeiro filho em especial a saúde do bebê, se veem sem suporte familiar ou rede de apoio nesse momento e talvez por isso o apego de Ian aos detalhes vivenciados naquele período? A falta de suporte familiar acabou gerando um ambiente difícil para a permanência deles no país receptor:

*Foi o nascimento do Keane. Porque a gente estava ilegal (sic). E não tinha como trabalhar. A gente não tinha direito a ter um benefício por estar ilegal. Então financeiramente ficou muito difícil. Além de faltar uma ajuda de alguém da família. Estava ficando difícil e não estava mais prazeroso (Lauren).*

Contudo, à questão desumana de não acessar a plenitude de direitos apenas pelo fato de estarem sem documentados é no mínimo questionável.

A declaração Universal de direitos humanos e outros acordos internacionais que garantem que os direitos humanos estão em vigor, o direito que os direitos sejam acessados independentemente se estão documentados ou não. Ainda há aqueles que querem usar a soberania de um país, como desculpa para não dar pleno cuidado a um bebê e sua mãe que lutam com problemas de saúde, enquanto o pai trabalha horas a fio pagando os impostos daquele país (vários estudos mundiais argumentam que os migrantes pagam mais impostos e portanto geram ainda mais receita para os países receptores, acabando com o mito que os migrantes dão prejuízo financeiro as nações que os acolhem).

O fato de não ter um papel os fazem menos humanos, parece que não prática ainda estamos longe de acabar com a desumanização pela negação de direitos aos migrantes. Quando alguém migra, os direitos humanos migram com este ser humano também e não podem, ou não deveriam ser negados a eles, ser tratado com humanidade é um direito inalienável. Assim, a ausência do suporte família pesou na decisão do retorno, mas acreditamos que se o país receptor tivesse cumprido seu papel de acolhimento via políticas, talvez o casal não tivesse retornado, faz-se isso baseados nas entrevistas.

Ian também reclama a ausência do suporte familiar como um motivo par ao retorno, afirmando “*foi bastante estressante para a gente e sozinhos né, só eu e ela não tinha ninguém pra ajudar pra dar o suporte.*” (Ian).

Lauren diz que mesmo depois do retorno não é fácil para Ian, pois sua família está em Goiânia e eles moram em Curitiba, deixando escapar que ele sente falta da família goiana:

“*Às vezes eu acho que talvez seja mais difícil para o Alemão<sup>18</sup> (esposo), porque ele ainda está longe da minha família dele. Eu adoro Goiânia moraria em Goiânia de boa.*” (Lauren). Embora afirme gostar do Brasil, também expressa sua vontade de reemigrar: “*tenho bastante vontade de voltar para a Europa, para qualquer país, porque a qualidade de vida é muito superior*” (Lauren).

[...] Os imigrantes inicialmente se veem como trabalhadores temporários e planejam retornar para a casa, entretanto, muitos falham na realização deste projeto ou nunca retornam ou retornam repetidas vezes para o país industrializado, tornando-se mais ou menos membros permanentes da força de trabalho (PIORE, 1979, p. 3).

O Ian conta que enquanto estava na Irlanda do Norte fez dois cursos de inglês pela *Cambridge University* “*Foi onde você começa a entender que realmente o estudo ele vale muito entendeu? Foi à época da minha vida na Irlanda que eu menos trabalhei e que mais ganhei dinheiro*”. Devido a esses cursos ele conseguiu uma vaga em uma empresa multinacional na Irlanda do Norte: “*Era uma empresa muito rigorosa ou se falava inglês ou irlandês e eu passei, aí você começa a entender o sentido no estudo.*”. Enfatiza o valor do estudo para conseguir uma boa colocação no trabalho. Dando a entender que quanto mais se estuda, melhores poderão ser as condições e possibilidades de trabalho.

Porém, ao chegar ao Brasil ele faz uma comparação sobre os valores educacionais aplicados ao contexto profissional. O mesmo curso feito por ele na mesma empresa em que trabalhava no país receptor, agora no retorno vai até a mesma empresa buscar trabalho, com o curso que fez na Irlanda do Norte e uma carta de recomendação.

---

<sup>18</sup> Apelido de Ian

Mas descobre que o curso que durou dois meses no país receptor e que o habilitava a executar sua função naquela empresa não foi aceito pela mesma aqui no Brasil quando retornou. Para que ele ocupasse a mesma função laboral anterior que tinha na Irlanda do Norte, foi recomendado a ele que fizesse o curso completo de técnico em mecânica no SENAI que durou dois anos. *“Como eu te disse, lá eu fiz um curso de 2 meses e trabalhava como mecânico industrial aqui eu fiz um curso de dois anos para fazer o mesmo. São dois pesos e duas medidas.”* (Ian). E não vê lógica nessa situação uma vez que ele já exercia essa função no país receptor e agora caso ele queria trabalhar na mesma função, na mesma empresa ele deve estudar mais dois anos, uma frustração quanto a seu processo de retorno.

Lauren faz uma análise comparativa das oportunidades de atividades extracurriculares, conteúdos e de estrutura que a escola dos filhos tem aqui no Brasil e dos filhos dos amigos que ainda estão na Irlanda do Norte. Ela pontua as presenças e ausências das atividades e oportunidades que ela gostaria que fossem oferecidas a seus filhos, um exemplo claro do que é viver no ambiente das “vidas que se cruzam”, viver a realidade de desejar o que não se tem e se trabalhar com o que se tem. Se nossa realidade é essa temos que vivê-la.

Acerca da educação dos filhos, o mais velho que nasceu na Irlanda do Norte e do mais novo que nasceu na capital paranaense, e ambos estudam na rede municipal de Curitiba Lauren comenta:

*Acho que a gente precisa melhorar. Nossos filhos estão numa escola da prefeitura porque não conseguimos pagar particular para os dois no momento. Mas estudo bem fraco acho também que tem poucas como posso dizer como e fosse programas de extensão. Algumas coisas têm legal por exemplo meu filho faz parte do time de xadrez da escola, deveria ter mais infraestrutura tem vidraça quebrada. É bom, mas tem muito melhorar se formo comparar com uma (escola) particular, e seu eu for comparar com amigos que ainda moram lá (Irlanda do Norte), eles (os filhos dos amigos) já estão lá, como maestro da orquestra, natação. Tem aula de piano, natação, de ginástica artística e aqui não tem essa oportunidade só em escola particular mesmo (Lauren).*

Lily tem sua visão particular da instituição de ensino em que estuda, e no que precisa melhorar e as compara com outras brasileiras e com as do país receptor: *“O aspecto geral se você olha está na conjuntura brasileira. Acho que a universidade tá dentro, se a gente fosse comparar com outras de fora que já tem experiência. Aí é a para fora do país (Lily).*

Embora, Lily não tenha frequentando nenhuma universidade fora do Brasil essa é sua visão comparativa das instituições brasileiras compradas com as do exterior. Analisando a fala

de Lily, notamos a comparação inicial entre a universidade a Lily e as outras no Brasil e logo em seguida ela compara entre a universidade dela e as universidades de fora do país, como ela estava na Inglaterra provavelmente sua comparação com as universidades de fora do Brasil são correlatas às universidades da Inglaterra.

Essas comparações de tipos de suportes que foram ausentes no país receptor (familiar, de garantia de direitos, ou de alguma instituição que os apoiassem a permanecer no país receptor), as comparações de contexto escolar que encontraram ao chegar aqui, para si e para seus filhos, de como conseguir um emprego no Brasil e de como conseguiam no país receptor passa pelas experiências requeridas de cada nação e espaço social não apenas as que se adquiriu em suas migrações, faz com que estes retornados, tenham tido que lidar com o que sabiam lá e a realidade aqui, mente lá corpo cá.

Criar um limbo onde se possa ser quem é, viver entre as comparações, entre os lugares é uma maneira de esses retornados lidarem com suas realidades, e esta é uma das concepções basilares da terceira cultura, criar uma maneira de viver entre culturas, entre o esperado e o real, entre quem se é e quem se gostaria de ser na sociedade do retorno.

#### 4.2.3 Estratégias de adaptação

O período de adaptação é marcado por uma tensão entre expectativa e realidade, entre o esperado e o que efetivamente se pode realizar, e essa relação difícil se mostra no dia a dia do retornado.

Conforme Siqueira e Brandes (*apud* DIAS; LUCENA, 2014, p. 41): “Quanto mais tempo o emigrante fica ausente de seu país, maior a dificuldade de obter sucesso e de se adaptar.”. Assim estratégias de adaptação se fazem necessárias para se lidar com o retorno, deixando as crises e alcançando seus objetivos no país de origem. Em Larossa (2004, p.160) o autor declara que:

A experiência, a possibilidade de que algo nos passe nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação e a delicadeza, abrir os olhos e ouvidos [...].

Assim, para que a experiência de adaptação aconteça, e necessária essa interrupção, para reflexão, reavaliação de si, para ser capaz de interromper a fase da depressão no processo do luto do retorno, e abrir espaço para a aceitação, assim é preciso que o retornado esteja: “[...] aberto a sua própria transformação” (LARROSA, 2004, p.165).

Adaptação é quando o retornado é capaz de se sentir confortável novamente no país de origem. Acessar e lidar com aspectos pertencentes ao país de retorno, tais como trabalho, educação, cultura, língua, regras sociais, relacionamentos, reconquista seu status social ou então quando se constrói um novo status social na cultura de origem. De maneira simples pode-se sentir em casa. Quando o ser humano se adapta ele sobrevive, foi assim que a evolução trouxe a humanidade até aqui e está é a chave da sobrevivência dos humanos. Igualmente pode-se inferir que na adaptação está a sobrevivência do retorno, uma não adaptação pode levar a uma reemigração ou a uma frustração por não conseguir realizá-la.

Segundo Mandelli (2011, p. 86): “os jovens apresentam projetos de desenvolvimento pessoal, projetos financeiros e projetos relacionados à busca por adaptação e superação das dificuldades.”. Embora pareça mais fácil para os jovens fazerem esse exercício, essa busca não é tão fácil quanto parece por mais que os jovens, por exemplo, apresentem maneiras de tentar achar meios de adaptar-se, é sempre um caminho de desconstrução e reconstrução de si, conseqüentemente para o jovem retornado é mais difícil esse labor.

Nessa reconstrução, conceitos estabelecidos dão lugar a novos como, por exemplo, acertar as contas com a tensão entre experiência (a maturidade dos retornados) versus Juventude (o fato dos seus colegas de universidade serem mais jovens). E transformar essa situação em uma estratégia de adaptar-se ao novo contexto escolar.

Lily pontua o aspecto da idade e diz que acha que foi bem acolhida e considera que lhe faltava na idade era compensada na experiência: *Foi legal, mas eu já era uma pouco mais velha que meus colegas, no geral eu tinha mais experiência, eles têm menos experiência eles cabeça mais fresca porque tinham acabado de sair do ensino médio, mas eu tinha mais experiência não foi tão difícil (Lily).*

Quanto à educação no curso de mecânica do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e na universidade, Ian pontua que ele se sentiu acolhido e considera que o fator idade e maturidade de sua turma contribuiu para isso conforme ele relata: *“Na universidade a mesma coisa, na faculdade não tive esse problema era um pessoal mais maduro, acho que o mais novo era eu. Por ser uma faculdade a noite o pessoal era tudo acima de 30 anos.”* (Ian). Aqui vemos o inverso ele sendo mais novo e a turma mais velha e neste caso a experiência acolheu a juventude e a juventude de adaptou a experiência.

Lauren fala sobre seu retorno a uma sala de aula depois de oito anos fora do Brasil:

*Ah, eu estava apavorada. Foi horrível, me senti uma “calourona” até por que a idade, eu estava com quase 30 anos, geralmente os calouros já... Apesar que na minha faculdade é bem dividida, talvez que meu curso, estatística, já tinha gente de mais idade, mas assim a idade, foi meu processo de adaptação na faculdade. (Lauren)*

Os risos em tom de desabafo tomaram conta do diálogo enquanto essa fala se dava. Para Lauren fator idade aparece como fator acolhedor ou isolador e no caso da Lauren a amedrontou inicialmente, mas depois da adaptação, isso desapareceu. Ademais, também reconhece que o tempo ajuda nesse processo de adaptação:

*Foi um processo lento de adaptação, porque como boa curitibana sou um pouco fechada, levo um tempo para se enturmar e tal. Eu procurei me focar no que eu estava aprendendo. O primeiro semestre eu estava bem deslocada daí na terceira fase poucas pessoas passam e a gente acaba se unindo os que sobraram e ficou bem gostoso. (Lauren)*

Quando Lauren se referiu à palavra tempo na fala acima, ela tomou um período considerável para alongar a letra o da palavra, o que nos leva a crer que ela queria comunicar que não é um processo rápido e que envolve o fator de persistir e focar em algum objetivo para ajudar esse tempo a passar. Ela mencionava que após este tempo passar os relacionamentos que sobrevivem se unem e tornam prazeroso o estar juntos.

Assim a maturidade adquirida pelas experiências de migração, que é um dos aspectos da terceira cultura pode ser utilizada como estratégia de adaptação, um exemplo que nos ajuda a entender isto é que visto que, em geral os jovens da terceira cultura estão dois ou três anos à frente dos jovens de sua idade em maturidade para lidar com os desafios que se apresentam a eles.

Para Pollock, Reken e Pollock (2017, p. 214-215):

*Não são apenas outros que vêem os TCKs como "mais maduros". Eles geralmente se sentem mais à vontade com os alunos mais velhos do que com os colegas [...] Existem várias razões para que eles pareçam que estão sempre a frente no jogo da*

vida: 1. Ampla base de conhecimento e conscientização global. Os TCKs geralmente têm um conhecimento "avançado por seus anos" vivência geográfica diversa, eventos globais e política em outros países e estão interessados em tópicos que geralmente não são discutidos pelos jovens em suas culturas de origem; 2. Relação com adultos. Os TCKs geralmente se sentem à vontade com os adultos porque eles têm muita experiência com eles. As gerações geralmente se misturam muito mais em comunidades da terceira cultura do que no país de origem,[...] [...] o que os fazem parecer quase como "mini-adultos"; 3. Habilidades de comunicação. [...] TCKs multilíngues geralmente se sentem à vontade usando seus idiomas para se comunicar com grupos bastante diversos. De fato, os TCKs costumam servir como tradutores para seus pais - novamente, uma tarefa geralmente reservada para adultos. [...] 4. Autonomia inicial. De muitas maneiras, os TCKs têm um senso anterior de autonomia do que os colegas em casa. No início da adolescência, os TCKs literalmente sabem como se locomover no mundo e gostam de funcionar de diversas maneiras e lugares. Isto pode ser resultado de viajarem sozinhos para escolas internas ou ter a oportunidade de quando crianças pequenas, explorar os arredores livremente com seus triciclos, bicicletas e mesmo caminhadas.

A maturidade precoce se dá nos jovens da terceira cultura por causa de sua ampla base de conhecimento e conscientização global; seus relacionamentos (a barreira geracional é menor) com adultos; suas habilidades de comunicação; autonomia inicial. esses jovens evidenciam modos de vivenciar a condição juvenil que diferem que daqueles que viveram a experiência migratória. estes jovens são transformados por vivências culturais distintas e transformam a cultura do seu local de retorno, como mostram estudos que analisam a cultura da migração, como Mendes (2013). Ian demonstra isso ao se adaptar a um grupo de estudantes mais velhos que eram seus colegas de classe ao retorna seus estudos no Brasil.

Perceber como é o ambiente, entender o tipo de comunicação e se adaptar a ele, Ian ao relatar sobre o primeiro curso que fez assim que chegou para poder se preparar para o concurso da polícia militar do Paraná diz:

*A primeira volta que eu tive numa sala de aula, ainda mais numa sala de aula de Curitiba, cara, não foi muito agradável não! Porque o pessoal falava que curitibano é um pessoal meio afastado assim meio distante, mas eu disse: "Eu sou casado com Curitiba e não é bem assim!" Mas eu fui ver que era assim mesmo. [...] Eles são meio distantes mesmo. [...] Se você não falar o que você quer, não falar um português bem "faladinho", não se prontificam a te ajudar não. (Ian).*

Ele teve duas dificuldades em sua experiência de chegada ao contexto escolar, uma por ser um migrante retornado e outra por ser um goiano chegando a Curitiba-PR, sendo assim um migrante interno e internacional.

Embora fosse casado com uma curitibana e acreditasse que já conhecia a cultura da capital paranaense, tendo como base seu relacionamento com a esposa ele emite um julgamento: nem todas as pessoas locais são reservadas e mantem distância de relacionar-se. Contudo, ele se esquece de colocar na equação de sua análise da cultura regional de Curitiba que sua esposa passou mais tempo que ele fora do Brasil e, em teoria, construiu um limbo cultural muito maior do que o Ian, deixando de ser referência de comparação apenas para a cultura de Curitiba ou da região Sul do Brasil.

Como consequência de não se atentar para o fator de migração da esposa e das consequências das mudanças culturais para ela, ele sofre um choque de cultura que se mostra advindo dos colegas de classe quando menciona que caso ele não comunicasse exatamente o que queria dizer receberia silêncio e/ou indiferença a seus questionamentos. Porém também cria uma estratégia de adaptação e resolve este problema: *“eles são meio distantes mesmo”* (Ian) chegando à conclusão que a solução estava então que ele deveria aprender a dizer tudo *“faladinho”* (Ian) conforme estabeleceu a cultura local. Vivendo assim um duplo choque de retorno: o do retorno ao Brasil e outro na subcultura regional da capital paranaense, mas criando uma estratégia de adaptação e se utilizando dela.

Os aspectos culturais podem ser estratégias de adaptação ou complicadores desse processo migratório de retorno. A terceira cultura nos ajuda e compreender um pouco melhor isso já que é um lugar de pertencimento único, não podendo ser comparado a nenhum outro. Alguns entrevistados vão pontuar que precisar ter foco no retorno, objetivos claros e saber o que se quer caso contrário vão ficar perdidos em suas crises de adaptação. Em suma caso você não tenha um foco, *“eu estou aqui e sou daqui”*, reações podem tomar lugar e, segundo Pollock, Reken e Pollock (2017), pode haver ausência de equilíbrio cultural, como são camaleões culturais, indo e vindo entre diversas culturas, pode ser que tenham dificuldades de saber quem realmente são. Neste contexto, o que se percebe é que uma crise de pertencimento se mostra quando os retornados são questionados com perguntas como: *“De onde você é?”* ou *“Onde fica seu lar?”*

Em geral, o retornado com aspectos da terceira cultura, toma um longo tempo para explicar de onde se é e aonde pertence, evidenciando o que Bhabha (2007) chama de: *“entre lugares”* (BHABHA, 2007, p. 20), mostrando o seu lócus de pertencimento em um limbo cultural, que é uma característica central desse grupo social que apenas se sentiam em casa quando se relacionavam com outros jovens de terceira cultura e não necessariamente as pessoas de um espaço geográfico comum.

Lily demonstra este aspecto do foco como estratégia de adaptação através da expressão: “*senão você desiste.*” (Lily). Ela pontua o estilo de vida que tinha morando na Irlanda do Norte e não esconde que não foi fácil se readaptar no retorno.

*Mas assim, depois primeiro ano daí a gente se adaptou aqui, foi tranquilo, a gente já se adaptou aqui. Foi um processo de adaptação aqui, mas depois de um ano ficou tranquilo. Mas no comecinho deu muita saudade. Foi um pouco difícil. Mas passou.* (Lauren).

Lauren chega a repetir a mesma frase de outra forma durante a entrevista, notem que a primeira e a segunda frase são quase idênticas ou uma maneira de dizer para si mesma que as coisas já se ajeitaram no seu interior. E por fim, acrescenta a saudade, relembra a dificuldade, reafirma a adaptação e aconselha aos jovens retornados como ela foi um dia:

Que no começo vai ser complicado, mas não desista que tente se adaptar. [...] Ter certeza de que é isso que se quer, porque o Brasil é mais difícil. Ter certeza porque pra quem viveu fora do Brasil por muito tempo é difícil (Lauren).

Nesta fala, Lauren incentiva os jovens que irão passar pelo retorno a não desistirem, a reafirmar e estarem seguros de que querem retornar e relembra que quanto mais tempo se passa, Lily falando sobre como se adaptar ao retorno compartilha que enfrenta os desafios de uma readaptação com outra estratégia para se adaptar: estar psicologicamente ciente da situação como diz Lily:

*Tem que preparar o psicológico.* Vai dar uma *diferença*, principalmente se você passou muito tempo fora. Na hora que você chega no Brasil tem uma *diferença* bem grande, tem que vir preparado, porque tem uma *diferença*. Se você for (retornar)... (hesita e faz pausa carregada de emoção, dando a entender que, caso não haja uma alternativa- a permanência), tem que vir mesmo, assim voltar com a cabeça focar no seu objetivo, senão você desiste (Lily).

Lily levanta-se à questão do preparo psicológico para o retorno, reforça a ideia com a palavra diferença que se repete 3 vezes na fala acima. Lily então pontua em sua fala que, caso

os jovens queiram retornar que foquem num objetivo e esteja aqui o mais inteiro possível. Ela argumenta que há dificuldades psicológicas. Ela completa sua fala com um conselho aos jovens que irão retornar: *“Aprender o quanto ele puder enquanto ele estiver fora do Brasil para isso ser um diferencial pra ele aqui.”* (Lily). Na multiplicidade de conhecimentos está a multiplicidades de estratégias de adaptação.

Lauren demonstra sua preocupação com aspectos de adaptação culturais no país receptor e que podem ser inversamente aplicados ao país de origem, dizendo que: *“E eu acho um absurdo esse pessoal morar anos e anos fora e não se inteirar com a cultura com tudo que envolva a cultura do país.”* (Lauren). Ela demonstra que se esforçou para se readaptar a sua cultura de origem e se apropriar do que aprendeu fora, o que a mudou, como em sua fala seguinte: *“Então tem que aproveitar ao máximo, porque quando voltar isso daí vai te ajudar muito.”* (Lauren).

Na sua fala a participante expressa tanto sua indignação acerca dos brasileiros que não se integram na cultura receptora como aponta que esta apropriação de aspectos da cultura do país para onde se migra pode ajudar na readaptação no retorno. Porém, a mesma indignação de não se esforçar para readquirir a cultura do país de origem pode se tornar uma estratégia de adaptação muito útil. Se a mesma motivação e energia que foi usada para se adaptar no país de origem estiver disponível ao retornado isso segurando o ajudará.

A Invisibilidade ou o tornar-se invisível nas relações no retorno também são estratégias de adaptação. Assim, é comum se tornarem invisíveis para poderem sobreviver no retorno, suas histórias de migração e retorno são escondidas para que possam ser aceitos na sociedade de origem. Em alguns casos nem os colegas e tampouco as instituições se dão conta de suas necessidades, de seu histórico e de sua identidade. Aspectos como a invisibilidade e visibilidade são recorrentes enquanto se lida com as questões de se deixar conhecer ou perceber pelos grupos sociais no retorno se mostrando em maneiras ou formas de existir no país de retorno. Os migrantes retornados para poderem em certas situações acessarem grupos sociais no país de retorno se valem da visibilidade e invisibilidade, quando sua história de migração pode ser uma vantagem no retorno eles se fazem visíveis, porém quando podem causar desconforto ou impedir que eles sejam aceitos em certos grupos, ou contextos de educação ou trabalho eles se tornam invisíveis.

No caso das instituições esta invisibilidade deixa de existir, uma vez que se faz necessária a documentação que veio do exterior para a matrícula em seus cursos, que nem sempre acontece. A experiência nos mostra que esta é a hora de um grande conflito visto que muitas vezes nem a instituição nem a secretaria de educação local, sabe orientar, como fazer o

apostilamento e/ou a tradução juramentada de seus históricos escolares, diplomas ou declarações.

Apesar de essa invisibilidade sumir neste momento a visibilidade que deveria levar ao acolhimento ainda ocorre visto que a situação do retorno às vezes fica apenas na secretaria de instituição e não chega a ser compartilhada com os professores e funcionários que estão recebendo o retornado.

*A instituição em si não, mas a faculdade é bastante heterogênea, tem pessoas de todos os tipos e você acaba se identificando com algumas dessas pessoas. Agora a instituição em si, eles nem sabiam que eu vinha dessa situação de vida estrangeira, mas foi assim. (Lauren)*

Como Lauren só voltou três anos depois para iniciar a universidade e ela havia feito o ensino médio no Brasil, nem sua documentação contava sua história de emigração e retorno, ou seja, contribuía para sua invisibilidade, e tão pouco as instituições perguntarem acerca de sua história de vida, pois se o fizessem dariam a chance a ela sair da inviabilidade, em contrapartida a instituição de educação seria desafiada a lidar com uma migrante de retorno com características da terceira cultura. Mas Lauren se tornou visível para seus colegas sobre suas experiências fora do Brasil: *“mais assim, conversava com meus colegas da parte dos meus colegas, foi muito bacana porque gera bastante curiosidade.” (Lauren)*

No entanto, isso não quer dizer que a invisibilidade seja o melhor caminho, ou decisão a ser tomada. Ninguém se faz invisível/visível por nada, há uma razão para cada reação neste sentido.

Segundo argumenta Achotegui (2004, p. 39): “se para sobreviver é necessário ser ninguém, se for necessário ser permanentemente invisível, então assim será, não haverá identidade, nem integração social e tampouco pode haver saúde mental.”. Tradução livre nossa.

Ora os retornados se fazem invisíveis ora se fazem visíveis, seja para se integrarem ao grupo de retorno ou para que este grupo social saiba de suas dificuldades e/ou capacidades em consequência de sua migração internacional. Alguns retornados em certas ocasiões fazem questão de contar a seus colegas e instituições de ensino sobre sua história de migração, enquanto em outras oportunidades se camuflam para que sejam aceitos como parte da sociedade para onde retornaram.

Pollock, Reken e Pollock (2017) os definem como “flor de parede”, ou seja, tentam ficar invisível.

Ele volta a pontuar o valor do aprendizado: “O conhecimento que eu fiz, que eu ganhei isso ninguém me tira” (Ian), e completa fala sugerindo que se:

*Invista em estudo, porque sem estudo pelo menos aqui no Brasil você não consegue nada, vale muito o diploma mais do que o conhecimento. Então você vai ter que investir em estudos e não desistir não vai ser fácil (Ian).*

Muitas são as estratégias de adaptação e termina-se essa seção ressaltando o conhecimento, pois como pontuado por Ian o conhecimento ninguém pode tirar de quem o aprende. O diploma esse a pessoa pode conseguir depois. Pois, experiências podem gerar diplomas, mas diplomas só vão gerar experiências especiais caso haja aprendizado.

#### 4.2.4 Quem sou eu e quem são eles?

A ideia nesta seção é problematizar como os sujeitos constroem e reconstróem a visão de si e dos outros a seu redor, que os retornados manifestam, às vezes até com parentes de primeiro grau, dependendo do tempo que ficou fora. Buscar compreender como se veem os retornados em seu país receptor após anos de migração. Como ele se percebe, como lida com as consequências do processo de migração para sua identidade individual, social, familiar no relacionamento com os amigos. Como ele vê estes outros que permaneceram e não conseguem tem a dimensão das implicações do retorno, como agora o tempo que antes era de visita agora se torna o tempo de se entender naquele contexto e entre as pessoas que ele deixou quando emigrou. Como é que se dá ou não esse reconhecimento com esse grupo social? de onde ele partiu anos atrás e agora retorna?

E quando passar o período de contar histórias, de abrir os presentes que se trouxe? E quando as histórias dos retornados perderem a “graça” e ficam repetitivas e monótonas? É aí que o sentimento férias, e se ser visita, dá lugar ao estranhamento de ser quem se é o novo ser retornado e suas relações e relacionamentos com os seus (familiares, amigos, vizinhos etc.).

Adicionemos a essa equação de como os sujeitos se veem e veem os outros a seu redor o fato que os participantes desta pesquisa viveram a experiência migratória em um período específico da vida, a juventude, um grupo sobre o qual se formam muitas imagens, sendo uma das mais propagadas a imagem do vir a ser, que desconsidera por completo as experiências que constituem esses sujeitos no tempo presente de suas vidas. Dayrell (2003, p. 40-41) afirma que:

Uma das mais arraigadas é a juventude vista na sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é um “vir a ser”, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente. Sob essa perspectiva, há uma tendência de encarar a juventude na sua negatividade, *o que ainda não chegou a ser* [...], negando o presente vivido.

Essa imagem do jovem “não ser, mas vir a ser” se mostra em forma de análise de suas vidas no tempo presente, nos jovens participantes, agora não mais jovens, porém adultos e que fazem reflexões suas experiências migratórias na juventude e sobre quem se tornaram a partir dessa experiência. Se a identidade, expressa aqui pela reflexão do “não ser, o ser e o vir a ser”, efetivamente se mostra na realização de ser alguém num eixo sócio-geográfico-cultural, assim também essa identidade cultural está ligada intrinsecamente ao relacionamento que se tem com a cultura em que se está e/ou se esteve. Dessa forma podemos afirmar que os participantes, hoje adultos, mostram em suas falas aspectos dessa juventude que foi realizada dentro de um contexto cultural de migração.

Temos a fala de Lily sobre o que mais agregou a ela como pessoa em sua experiência vivendo fora expressa em *“ter conhecido outras culturas e tudo mais.”*, e também afirma que: *“A Lily que saiu foi bem diferente da Lily que voltou, mas mexeu, mexe claro”* (Lily). Ela admite que algo mudou na maneira como ela se percebe. Argumenta sobre as mudanças que ocorreram consigo e completa: *“A gente já adquire muitos hábitos, assim a gente pega pra gente o que é melhor né, então nos aspectos que eu considero que na Inglaterra eram melhores, eu peguei pra mim, então ficou meio a meio mesmo.”* (Lily). Essa fala evidencia como a cultura mudou seus hábitos e aspectos que ela julgou “melhores” apropriando-se deles, esses hábitos são fatores perceptíveis dessa nova identidade que se construiu na emigração e se reconstrói no retorno.

Neste momento começa uma reflexão sobre quem se é após o retorno:

*Eu vejo uma pessoa muito melhor do que saiu do Brasil, eu era muito novo e quando a gente e novo agente faz muita coisa errada, a Irlanda foi pra mim uma válvula de escape, eu não seria quem eu sou hoje. eu não teria minha esposa, minha família, meus filhos e nem pensaria em ser um pai de família. A Irlanda pra mim foi um salva vidas. Foi base da edificação, os tijolinhos irlandeses são resistentes! (Ian)*

Uma nova identidade foi se construindo durante a migração. Embora Ian não mencione diretamente menciona a palavra cultura em sua entrevista, ele comenta de vários aspectos, como por exemplo, o linguístico, trabalho, família, planos, desafios, e por isso lembramos que cultura e identidade estão intrinsicamente interligadas. Se a “cultura é um sistema de símbolos e significados” (LARAIA, 2006, p. 56).

Pode-se concluir que a cultura também se mostra na maneira como falamos e em suas nuances. Assim, o fato de Ian manter o sotaque até hoje é um indício forte de que ainda que ele não fale sobre cultura, ela foi uma das questões que afetaram sua experiência migratória.

No entanto as mudanças em Ian não foram meramente linguísticas, ele chega a afirmar:

*Eu vejo uma pessoa muito melhor do que saiu do Brasil, eu era muito novo e quando a gente e novo agente faz muita coisa errada, a Irlanda foi pra mim uma válvula de escape, eu não seria quem eu sou hoje. eu não teria minha esposa, minha família, meus filhos e nem pensaria em ser um pai de família. A Irlanda pra mim foi um salva vidas (Ian).*

A partir dessas experiências culturais são gerados novos aspectos na identidade do individuo migrante.

Um jovem migrante de 19 anos que retorna agora casado, pai, técnico em mecânica e com dois cursos de inglês na Cambridge University e que chega a dizer que o tempo que migrou foi seu “salva-vidas”, simplesmente não é o mesmo que migrou não voltou o mesmo.

É a partir da ciência de quem somos, para nós mesmos e para a sociedade em que estamos inseridos, que podemos culturalmente nos encontrar e pertencer.

Larossa (1999, p.69) afirma que: “é contando histórias, nossas próprias histórias, o que nos acontece e o sentido que damos ao que nos acontece, que nos damos a nós próprios uma identidade no tempo” e essa identidade perpassa o histórico de migração dos nossos participantes. Se assim o é, como é que o jovem retornado da migração internacional, com

características da terceira cultura, se percebe e se vê e percebe vê o outro? Como vê sua família, vizinhos, conhecidos?

A complexidade no retorno é discutida em Fernandes e Castro (2012, p. 23) que pontua os conflitos a partir da família:

[...] segundo os estudos, voltar para a cultura de origem é também um grande desafio, pois conforme Adler, N. (1981) & Adler, P. (1974) relatam, a volta é mais difícil do que a partida para outra cultura, isto porque geralmente as pessoas da cultura de origem assumem que os FTC são familiares com a sua própria cultura. Esta experiência, aparentemente natural, pode ser uma dificuldade, pois muitos FTC sentem-se como se fossem estrangeiros no seu próprio país, pois aquilo que é parte da cultura do passaporte, já não é, ou nunca foi para eles uma realidade.

Sentir-se estrangeiro no seu país de origem é uma identificação comum entre jovens retornados que por vezes, não são compreendidos por seus próprios familiares que não conseguem entender este novo existir entre lugares. Nossos participantes nos contam suas histórias e dos outros ao seu redor,

Lily, começa pelo seu espaço geográfico e social e não por sua biologia apenas. Se, por um lado, esta é uma das maneiras que os jovens retornados se identificam com outros que compartilham a mesma história ou similares, e por outro lado vezes não são compreendidas por seus próprios parentes que não conseguem entender este novo existir entre lugares.

Melucci (1997, p.5) nos lembra que: “[...] a juventude não é mais somente uma condição biológica, mas uma definição cultural”. A Cultura define seus sujeitos e suas categorias sociais entre elas a juventude, que como bem argumenta Melucci, transcende a questão biológica.

No sentido de “engendrar projetos”, Lily não estava completa em seu núcleo familiar primário, mas dividida entre Brasil e Inglaterra.

Ela precisou se modificar, se agrupar pelo fator inicial da gravidez, culminando no retorno ao país de origem para que o grupo se retro apoiasse, no sentido de ajudar Lily e no outro de fazer com que a família se reunisse novamente.

Lily fala tanto da rede familiar que estava com ela no projeto de migração (sua mãe e irmã), como na sua decisão de ir para a Inglaterra, quanto da rede dos parentes que ficaram no Brasil (seu pai e irmãos), quando decidiram reagrupar o núcleo familiar devido a gravidez de Lily que agora precisava do apoio dessa família reunida novamente para apoiá-la nessa fase

ao mesmo tempo em que os irmãos e pai teriam o restante da família reunida para cuidarem uns dos outros:

Na verdade, eu voltei porque metade da minha família estava aqui, tenho irmãos menores, minha mãe estava comigo, eu engravidei e tive que voltar. Porque eu não tinha como trabalhar e cuidar do meu filho lá fora então eu voltei para ficar com minha família mesmo. [...] a gente sem família não é nada (Lily).

A identidade de Lily no retorno é a de uma jovem migrante, mãe, que pertence a uma rede familiar e que precisa trabalhar para sustentar seu filho e que apenas três anos depois de seu retorno consegue voltar a estudar.

Augusto (2005, p.16) relata que: “A situação do trabalhador que estuda é ainda mais expressiva das dificuldades envolvidas, pois, nesse caso, sua sobrevivência e a da família dependem da remuneração que recebe [...]”.

Para o autor supracitado em muitos casos o trabalho desses jovens é o que sustenta a família, e no caso de Lily e do seu trabalho que vem o sustento de seu filho.

O fato de trabalhar, estudar e cuidar do filho, pontuado aqui por Lily, aparece em suas falas quando falamos em educação com ela, ao ser perguntada sobre o que era mais difícil no contexto escolar ela pontua que o mais difícil foi trabalhar, estudar e cuidar do filho (Lily).

Os participantes da pesquisa contam suas histórias e de outros ao seu redor. Lily por sua vez começa falando sobre o seu espaço geográfico e social e não por sua biologia apenas:

*Eu gosto bastante da minha cidade onde eu nasci. Eu não me imagino morando em outro lugar no Brasil. Acho que as pessoas ao meu redor são mesmo assim, no mesmo contexto que na mesma época que eu estou aqui, mas assim que como me vejo (Lily).*

Ainda que inicialmente Lily se refira a ela como bem resolvida e que se vê no seu lugar social de origem, com base na fala acima, as falas seguintes põem em dúvida essa estabilidade identitária, sugerindo uma nova identidade, depois do retorno:

*Não, a Lily que saiu foi bem diferente da Lily que voltou, mas mexeu, mexe claro. [...] Olha bem mais, assim, eu diria que com a experiência que ganhei, (fiquei) mais*

*centrada, mais responsabilidade, mais experiencia, mais certa das coisas que eu quero. Neste aspecto, seria isso. (Lily).*

Quando questionada novamente sobre sua identidade cultural Lily, pensa e reflete e em meio a risos responde:

Tô meio a meio acho (Risos). A gente já adquire muitos hábitos, assim a gente pega pra gente o que melhor né, então nos aspectos que eu considero que na Inglaterra eram melhores, eu peguei pra mim, então ficou meio a meio mesmo.” (Lily).

O aspecto entre culturas, da terceira cultura se mostra nas falas dos três entrevistados. Pollock, Reken e Pollock (2009, p.26) argumentam que:

É preciso considerar que as suas práticas são incorporadas dos aspetos únicos da cultura de origem e da cultura de acolhimento, mas não são a soma total das duas partes, fazendo parte da chamada Terceira Cultura, esta mente global.

Esse aspecto se mostra de forma mais reforçada em Ian que refere que a Irlanda moldou não apenas sua identidade, mas seus relacionamentos familiares e outras áreas de sua vida. Suas duas partes não formam um Ian inteiro, mas sim um terceiro, um limbo cultural e um cosmo pessoal de pertencimento baseado em uma mente global e que se utiliza de várias ferramentas culturais para suas finalidades.

Teixeira, Braga e Baeninger (2012) e Pollock, Reken e Pollack (2017) reconhecem esses aspectos de pertencimento a um terceiro lugar.

Todavia Teixeira, Braga e Baeninger (2012, p. 22) relatam que:

No que diz respeito a identidade e pertença, muitos pesquisadores observaram que os FTC sentem que não pertencem a lugar algum. Bushong (1988), Loewen (1993). Na sua pesquisa de doutoramento Gleason (1970) relatou que quase metade dos FTC que ele entrevistou para sua tese de doutoramento, consideravam lar mais do que um só lugar.

A fala de Teixeira, Braga e Baeninger (2012) acima citada corrobora com a fala de Ian que diz não se sentir pertencente somente a um lugar ou uma cultura:

*[...]Olha sinceramente acho que 70 por cento do coração é irlandês, 70 por cento é irlandês, por que lá não tem como eu falar que não foi importante, lá aconteceu muita coisa pra eu ser quem eu sou hoje, minha esposa foi lá, meu primeiro filho foi lá, então não adiante, 70 por cento do coração é "Irish". 70 por cento do coração é irlandês (Ian).*

Lauren diz: *Eu cresci muito como pessoa tendo essa experiência lá fora. Eu cresci lá. O fato de eu ter que me virar sozinha ajudou muito. Foi determinante lá pra pessoa que eu me tornei e se eu não tivesse ido pra lá eu não sei.* (Lauren). Ela traz na sua fala as contribuições que a experiência de migração trouxe para sua vida, da autonomia que criou e conclui que a forma como ela se vê foi moldada e determinada pelo seu tempo de migração.

*A qual o local ou grupo de pessoas eu pertença?..., que eu fico pensando nas pessoas aqui. Porque se eu pudesse pegar as daqui e levar para lá, [...]Ai meu Deus, tem que ser aqui porque estou aqui agora está gostoso estar aqui, mas minha vontade é estar lá.* (Lauren)

Hall (*apud* Hall, 2006, p.39) dialoga com essa tensão do entre lugares, quando a identidade dos retornados é interna, mas também é construída externamente: “[...] A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso exterior.”. Seu lugar de terceira cultura está se mostrando enquanto ela argumenta que está bem aqui, mas que gostaria de estar lá! Assim é no retorno, ela traz essa Lauren, e é essa Lauren que vai ter que lidar com os desafios do retorno e de uma possível reemigração.

O retornado tem uma visão muito particular de si e esta visão pode entrar em conflito com os outros a seu redor, começando pelos mais próximos até os mais distantes.

#### 4.2.5 Refazer a vida, ou refazer as malas?

Os retornados enquanto fazem acontecer seu processo de retorno podem chegar a um ponto em que se questionam se devem refazer suas vidas no país de origem e deixar o plano de reemigração de lado ou mesmo esquecê-lo ou ao invés de refazerem sua vida no Brasil vão refazer suas malas e reemigrar mais uma vez. Isto se deve entre outros aspectos do retorno ao senso de pertença e de como estão se adaptando aos seus espaços sociais, ou se estão vivendo no limbo cultural e consequentemente social da terceira cultura, ou do lá e do cá. Há também o aspecto do que lhe é oferecido no retorno, que condições, políticas, programas e ações estão contribuindo para que eles permaneçam no país de retorno ou no caso de suas ausências o que faz com que eles queiram pensar.

Segundo Marinucci (2018, p.47) compartilha seu desafio de identidade e pertença quanto à migração:

Venho de um lugar distante que não existe mais (...) quando voltei lá, (...) descobri que o meu antigo mundo estava lá, mas não mais. É difícil explicar o que é sentir-se estranho em sua casa. No Brasil, eu me sinto meio coreano, e na Coréia, eu me sinto meio brasileiro. Juntando as duas metades, eu sinto que o meu mundo está em algum lugar que não no Brasil e nem na Coréia. Eu imagino que é mais ou menos isso que cada vez mais pessoas no mundo sentem tendo que sair do seu lugar de origem para viver em culturas diferentes.

A reflexão de Marinucci (2014) nos ajuda a entender esse dilema de pertencer ao “nem lá, nem cá” e o sofrível dilema entre ficar no país de origem ou partir novamente. Quando se está num lugar que não existe mais, quando se volta para este lugar, mas ele não está mais configurado como era, quando se sente estranho em casa, o que fazer? Ficar ou reemigrar?

Marinucci (2018) evidência ainda que juntando duas partes, a do emigrante e do retornado, a conta não fecha, as duas metades não fazem um inteiro mas, como Pollock, Reken e Pollock (2017) argumentam, gera-se uma terceira cultura, oscilando entre identidades culturais: ora estrangeiro; ora imigrante oculto; ora adotado; ora espelho. Criando um cosmos inteiro dentro de um limbo cultural onde vivem aqueles que migraram e retornaram e que Baha (2007) chama de “entre lugares”.

Marinucci (2018, p.67) completa: “Eu imagino que é mais ou menos isso que cada vez mais pessoas no mundo sentem tendo que sair do seu lugar de origem para viver em culturas

diferentes.”. Como nossos participantes, os então jovens retornados da terceira cultura, agora adultos e vivenciando o retorno lidam com essas possibilidades?

Lily oscila entre o ficar e o reemigrar:

*Eu gosto bastante da minha cidade onde eu nasci. Eu não me imagino morando em outro lugar no Brasil. Assim, não vejo o lugar que estava como meu lar. Mas também se eu fosse analisar tudo o que eu preciso para ter uma de vida pode dar uma condição de vida para o meu filho. Talvez aqui eu procuraria um lugar melhor, mas se fosse pra escolher, eu tivesse as mesmas condições, eu continuaria aqui sabe. [...] Na verdade eu tenho o plano de terminar a minha faculdade e ir pra outro país e tem até uns planos com meu irmão (Lily).*

Lily aponta satisfação com o lugar onde está, mas diz que já tem planos de migrar e o irmão dela está nos planos, logo após o término da faculdade. Embora se esteja aqui se deseja estar lá por desejar melhores condições de vida para o filho.

Para Ian, é um plano de vida reemigrar: *“Eu penso em voltar pra Europa, mas através da minha empresa como gerente, Leroy-Merlyn hoje, França ou Portugal, pra isso tenho que aprender o francês.”* (Ian). Ian está construindo seu projeto de reemigração neste momento enquanto se estabelece e cresce na empresa multinacional onde trabalho hoje, mas com os olhos numa vaga em alguma filial desta empresa na Europa, embora essa decisão também dependa da vontade de sua esposa Lauren. Para Lauren (esposa de Ian) um dilema a ser resolvido se mostra:

*Penso que aqui também é bom porque tem a família, mas se a gente tiver oportunidade de voltar a gente vai voltar, mas se não tiver a gente vai fazer nossa vida aqui e tudo bem! (Lauren).*

Embora pese a questão de os familiares estarem perto e ela gostar de estar aqui, ela continua: *“sim, tenho bastante vontade de voltar para a Europa, para qualquer país, porque a qualidade de vida é muito superior. Principalmente pensando nos meus filhos na educação dos meus filhos.”* (Lauren).

Ela demonstra sua disposição de reemigrar motivada pela qualidade de vida e pelos filhos. Mas logo abaixo a crise entre ficar e partir se demonstra novamente:

*[...] porque eu prefiro de fora a infraestrutura, só que as pessoas lá conseguem ser mais frias que os curitibanos, é bem complicado e é bom ter de família perto de você, se eu pudesse juntar as duas coisas, mais não dá. [...] Penso que aqui também é bom porque tem a família, mas se a gente tiver oportunidade de voltar a gente vai voltar, mas se não tiver a gente vai fazer nossa vida aqui e tudo bem! (Lauren).*

Lauren, agora contrapõe o desejo de estar em sua terra natal ou em um espaço socio-geográfico que lhe melhores condições de vida e reafirma que o que pesa para sua avaliação é a questão do relacionamento familiar que ela está experimentando no país de origem.

O pertencimento aparece como desafio a estes migrantes retornados, uma vez que passaram um bom período fora do Brasil, adotaram aspectos culturais dessas nações para onde migraram, e nos arriscamos a dizer de aspectos multiculturais dependendo de onde moraram, visto que em geral, migrantes convivem com outros migrantes de uma forma ou outra.

Segundo Siqueira e Brandes (*apud* DIAS, 2014, p.91):

Mesmo que alguns esbocem a vontade de permanecer no país, a fala que toma força é a da vontade de migrar novamente para fora do Brasil para obter melhores condições de vida, leia-se condições de vida como qualidade de vida, estudos, segurança, e outras, mas não apenas ligadas a questões econômicas ou relativas ao poder de compra. As decepções no retorno são tamanhas que muitos optam por emigrar novamente por acreditar que lá encontrará os meios necessários para viver bem. O fato é aquele território não será mais o mesmo, e as expectativas passam a ser depositadas novamente no país de destino. Assim, o emigrante vive um ciclo de constantes mudanças e uma busca incansável por aquilo que lhe falta, sem mesmo saber o que lhe falta. Talvez esse seja o grande prejuízo com a emigração. Sujeitos em constante busca por algo que não conseguem nomear, apenas buscam enraizar-se, estando aqui ou lá.

Frustração, ou o não pertencimento, a não adaptação entre outros aspectos levam a pelo menos a ponderação de reemigração. O fato dos entrevistados se expressarem enquanto aos seus sentimentos de pertença entre o Brasil e o país onde viveram já nos dá uma ideia dessa aquisição de culturas e conseqüentemente de conforto e sentimento de pertencimento, não apenas geograficamente falando, mas de forma cultural e social.

Nos relatos dos entrevistados pode-se ver o esforço que eles têm feito para ficarem no Brasil e não reemigrarem. Mas apenas o esforço desses indivíduos pode não ser suficiente. Uma vez que o trabalho é um dos fatores que arraigam o retornado de volta ao país de origem,

faz com que os retornados sintam que pertencem a sociedade que um dia deixaram e que agora retornam. Mas o trabalho é um modo realização do retorno, há mais implicadores para se ficar ou reemigrar, suas carreiras profissionais é um dos aspectos que dão parte do sentido de permanecer.

Ian compartilha seus sonhos a respeito de sua vida profissional nos pós-retorno:

*Crescer, que quero ser gerente, vou ser gerente, quero ser gerente de uma empresa grande. E dormir e acordar com essa meta. Se você não tiver uma meta vai continuar batendo povo e voltando e nada mudando e sem sentido (Ian).*

Este sucesso profissional no país de retorno é um dos possíveis fatores para um processo de retorno e estabelecimento no Brasil e não de reemigração internacional. Ian compartilha seus objetivos e projeto de vida, argumenta que manter o foco e viver dentro dessa perspectiva, leva a uma construção do se quer realizar na vida profissional. Analisamos que pode ser uma reverberação do pertencer demonstrado no fator da profissão como argumentamos anteriormente.

Acerca dos esforços dos retornados poderiam formar um perfil que mostraria entre os esforços de nossos entrevistados temos em Lily, uma artista tatuadora e empreendedora e quase graduada; em Lauren uma professora de língua inglesa; e em Ian um supervisor de uma multinacional na área de vendas, com curso técnico em mecânica e quase graduado.

Não podemos deixar de mencionar que Lily e Lauren são mães guerreiras, com filhos em idade escolar e que estão finalizando seus estudos em nível superior, além de trabalharem fora de casa.

Haveria algo específico que se poderia fazer? como ações de suporte aos retornados para que o retorno se transformasse algo dado e completo e não apenas uma fase de transição?

Por experiência própria, ao trabalhador com retornados e pelos diversos estudos sobre migração e retorno que tive acesso, ressalto que a questão da reemigração, está presente em todos aqueles que migram e retornam, podendo ser de forma definitiva ou transitória, afinal para o migrante o ser é também o estar, o ser alguém aqui é também ser alguém lá. Quem vai refazer a vida aqui no Brasil e quem vai refazer as malas dos nossos entrevistados e outros tantos retornados, somente o tempo e boas pesquisas com retornados poderão nos dizer.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno da migração, além de sua importância e influência global, está cada vez mais perto de nós, independentemente da posição geográfica que ocupamos no globo. De pequenos municípios rurais no interior de países pobres a grandes metrópoles nos países desenvolvidos, encontramos pessoas com experiências migratórias pessoais ou vivida por parentes e amigos.

Neste processo, o retorno é uma experiência que, embora nem todos vivenciem empiricamente, é algo que está nos sonhos e nos planos do migrante. No presente estudo buscou-se compreender esta etapa do processo migratório, o retorno, a partir de um grupo que viveu a experiência migratória na juventude. Esses sujeitos nos apontaram elementos que ajudaram a compreender o fenômeno completo da migração internacional, desde a emigração ao retorno e, evidenciando como essas experiências de migrações juvenis que influenciaram o processo de retorno e a transição para a vida adulta.

O fato de os termos entrevistado, os voluntários participantes do estudo alguns anos depois do seu retorno nos mostrou como essa experiência reforça a tese de que a juventude não é uma etapa preparatória para a vida adulta, não se trata de um “vir a ser”. Eles tiveram experiências do realizar efetivo de vida naquele momento presente.

Tais experiências não eram um ensaio para a vida adulta, ao contrário, tiveram seus valores reais e profundos, objetivos e subjetivos para a construção de suas identidades, para a realização do ser jovem migrante e não apenas do “vir a ser”. Estes sujeitos vivenciaram e experimentaram a migração internacional em plena juventude e retornaram trazendo dentro de si as influências positivas e negativas dessa migração, ao chegar a seu país de origem, novas experiências foram construídas a partir daquelas que eles trouxeram consigo. Nesse processo, estes sujeitos realizaram suas vidas e fizeram suas escolhas que construíram e constroem os adultos retornados de hoje.

Desta experiência emergiu um elemento com o qual buscamos dialogar neste trabalho, que identificamos como terceira cultura, ou seja, uma identidade cultural construída a partir da vivência e do diálogo entre culturas, a do país de origem e do país de destino da migração. Este artefato cultural teve e, acreditamos, continua a ter, relevância no retorno, na transição para a vida adulta e na forma como se relacionam hoje com seu país e com as pessoas com quem convivem. A terceira cultura, nesta perspectiva, não é apenas uma ferramenta social,

mas é parte de quem estes jovens são e como interagem com o mundo a seu redor. Eles evidenciam que depois das experiências migratórias a sua cultura inicial recebe novos elementos, não anulando as referências culturais anteriores à partida, mas sinalizando, de maneira sutil, para elementos de uma terceira cultura.

No processo de retorno os participantes apontaram dificuldades, sobretudo relativas às políticas de acolhimento ao migrante retornado, mas, nestes casos, essa epopeia do retorno foi amenizada pelo auxílio recebido da ONG - Projeto Resgate Brasil que, por meio de parcerias com ONGs e organismos internacionais, promove condições de retorno e estabelecimento na pátria mãe. Esta ausência de políticas para retornados é preocupante, sobretudo quando se trata de retornados com fortes características da terceira cultura que, segundo pesquisas, apresentam dificuldades muito maiores de adaptação. No caso de jovens nos indagamos como poderão reconstruir suas vidas de forma digna se não há políticas públicas e ações específicas de acolhimento e incentivo à permanência aos que decidem (ou precisam) retornar? Ressaltamos, no entanto, que apenas um dos entrevistados fala diretamente sobre o trabalho da ONG, apesar de todos terem sido assistidos. Podemos inferir que o nome da organização não ficou marcado, talvez por não terem compreendido quem foi o real promotor desta iniciativa, uma vez que o contato inicial é feito com outra instituição, o parceiro da Resgate Brasil no país onde vivem os migrantes.

Um dos fatores que levou a decisão do retorno de nossos entrevistados foi o fato de estarem indocumentados e, portanto, não terem acesso a todos os direitos (como acesso a saúde e benefícios sociais), e aos programas que são oferecidos pelo país receptor aos que são documentados. Alguns retornados deixam transparecer que caso tivessem o apoio dessa rede de permanência, poderiam não ter retornado naquele momento. Observamos que as redes de parentes e familiares (que foram parciais ou ausentes na emigração dos sujeitos da pesquisa) são o ponto de apoio central da maioria dos migrantes, e também a falta de suporte de redes de manutenção da permanência (redes sociais que poderiam ajudar no período de gravidez e primeiros anos após o nascimento dos filhos dos entrevistados no sentido de ajudá-los a permanecer) no país receptor motivaram suas decisões de retorno.

No retorno dialogando ainda sobre redes sociais, os sujeitos apontam pelo menos 3 tipos de redes que atuam como auxiliadoras no processo de volta, a saber: suas famílias (como acolhimento inicial e de manutenção de permanência no país do retorno), a ONG e seus parceiros (como agentes de suporte ao retorno oferecendo diversos serviços) e as instituições educacionais (que os acolheram muito bem apesar de não saberem de suas histórias de

migração e retorno, inclusive os ajudando a buscarem uma recolocação no mercado de trabalho no Brasil).

Algo que percebemos é que existem alguns suportes que atenuam as complexidades do retorno, suportes estes cuja existência tem como intuito auxiliar e minorar os efeitos da migração de retorno e que foram pontuados pelos retornados, são eles: políticas específicas para retornados; programas de ONGs; ações de instituições e redes sociais, porém constatamos que nem todas podem estar à disposição dos retornados.

No concernente às políticas de acolhimento que deveriam ser ações práticas de ajuda aos sujeitos em seus processos de retorno, notamos que estas foram ausentes. Alguns dos retornados expressaram a frustração de não haver políticas e, portanto, muitas oportunidades para os jovens em geral no Brasil e ressaltou quanto mais para os jovens retornados, ou menos ainda para jovens retornados com características da terceira cultura, demonstrando as lacunas no acolhimento destes jovens e da falta de valoração também aos jovens de forma geral.

Os programas como suporte de retorno se mostraram atuantes através da ONG - Projeto Resgate Brasil e seus parceiros oferecendo desde aconselhamento na tomada de decisão, passando por suportes diversos, até o acampamento pós-retorno.

Quanto ao contexto escolar pode-se afirmar a partir da fala dos sujeitos participantes da pesquisa que foi este é um contexto de relevada importante para eles. Que houve um acolhimento, porém um acolhimento que qualquer estudante recebia, e não uma ação específica para um migrante de retorno. Isto parece ter ocorrido devido ao desconhecimento da situação de retornados por parte do grupo escolar. No entanto, eles compartilharam com seus colegas suas histórias de migração e retorno, com o passar do tempo e depois de se estabelecer vínculos com esses colegas.

A experiência de retorno apresenta nos retornados um estranhamento inicial ao regressarem e que parece mais complicado do que o estranhamento da emigração. Se para alguns dos entrevistados o estranhamento da emigração foi assustador, agora no retorno ele nem pode ser comparado, pois, o retorno se mostra ainda mais temerário do que a experiência anterior de emigração.

Observamos nas falas que os retornados podem sofrer um processo de luto pela perda de sua realidade de emigração. O luto pode ser percebido, dentre outros aspectos, quando tentam reestabelecer seu status social, quando buscam uma recolocação no mercado de trabalho e não conseguem pelo motivo de não corresponder às experiências que a sociedade do retorno demanda deles, na frustração em não conseguirem evoluir e/ou se estabelecer nesse status social e conseqüentemente quanto a frustração acerca de suas expectativas financeiras

em relação ao estabelecimento do retorno. Em casos extremos a Crise de Ulisses, defendida por Achotegui (2004), pode tomar lugar na vida do retornado.

A experiência do retorno traz consigo a dificuldade para adaptarem-se na sociedade para a qual retornaram, de recomeçarem tudo de novo. Mostram-se mais frequentemente nos anos iniciais do retorno, porém depois de algum tempo eles compartilharam que é possível se adaptarem e a partir de suas experiências de migração e construir um novo ambiente de pertença, de planejar e realizar objetivos, de lidarem com suas novas identidades culturais e com o relacionar-se com o outro no retorno, ou seja, há uma adaptação.

Quanto à identidade após o retorno, observamos uma crise que metaforicamente falando é como encaixar três faces em uma única moeda, que até então somente comportava duas faces: o ser emigrante (ausência no país de origem), imigrante (presença no país receptor) e que agora precisa comportar uma terceira face, a do retornado (emigrante/imigrante que chega e se reestabelece no país de origem).

Nesse contexto de regressar e lidar com a identidade, é onde e quando os valores dessa “moeda de migração” precisam passar pelas consequências do “câmbio” (culturas) para transformarem valores, antes natos, em novos valores no país de origem e fazer exercerem seus direitos. Em outras palavras embora o suporte de valor (a moeda) sejam os mesmos, os valores são novos. Uma síntese de quem se foi (emigrante e imigrante) e quem se é (retornado), por isso argumentamos que é um exercício de executar essa tarefa, aparentemente impossível, de fazer caber numa mesma moeda três faces distintas.

A partir dessa argumentação lembramos as características da terceira cultura como lugar de pertencimento e relacionamento com a cultura de retorno, a partir da construção de sua nova identidade começando com a decisão e posteriormente na efetivação do regresso a sociedade de origem.

Se há algo que podemos ressaltar com os teóricos da migração com quem dialogamos nesta pesquisa e conjuntamente com as falas dos entrevistados é que quando discutimos a respeito do retorno, podemos estar seguros de que é um processo migratório muito mais complexo, multifacetado e, portanto de difícil lidar do que a emigração. Se por um lado percebemos as tensões causadas pelos desafios do retorno, por outro lado foi possível perceber que ferramentas culturais ou/e que estratégias de adaptação criadas a partir de suas experiências migratórias os retornados se utilizaram para realizarem processo de retorno.

O estranhamento inicial, pode se converter em uma estratégia de adaptação no retorno, pois a partir desse estranhamento os sujeitos analisam os desafios que se apresentam no retorno e encontram maneiras de lidar com eles, justamente porque os experienciaram na

emigração. Estes rememoravam então, suas experiências de migração e comparavam com a realidade do retorno, nessa comparação encontraram motivação para não desistir, pois acreditavam que se conseguiram passar pelo estranhamento na emigração agora também lograriam passar pelo estranhamento no retorno.

Se na emigração o deixar a língua mãe e aprender a língua do país receptor foi um luto, mas posteriormente veio se tornar um meio para que melhores oportunidades de trabalho se dessem no país receptor. Agora no retorno o aspecto do aprendizado da língua estrangeira se mostra como estratégia de adaptação no retorno, pois este conhecimento pode ser usado como ponte para melhores colocações no mercado de trabalho. Os retornados pontuaram que esta foi uma ferramenta cultural que agregou bastante as suas vidas.

O fato de criar um plano de ação, ter um projeto, de ter objetivos claros no retorno, gera motivação para manter o foco na busca pelo que se almejou antes do regresso. Esta estratégia de adaptação pode se mostrar nas ações dos retornados em relação aos estudos e ao trabalho. Os sujeitos da pesquisa ressaltaram em momentos diferentes de suas falas como manter o foco e ter objetivos, os fizeram permanecer no ambiente escolar e a buscarem colocações no mercado de trabalho no país de origem.

Os retornados se utilizam das ferramentas de adaptação, como a invisibilidade: Ora se fazem invisíveis para se integrarem ao grupo de retorno, ora se fazem visíveis para que este mesmo grupo saiba de suas dificuldades e/ou capacidades construídas a partir de suas experiências de migração internacional. Alguns dos retornados em certas ocasiões fazem questão de contar a seus colegas sobre sua história de migração, no caso de nossos entrevistados eles fizeram isto, enquanto em outras oportunidades se camuflam para que sejam aceitos como parte da sociedade para onde retornaram, esta foi atitude dos sujeitos de nossa pesquisa em relação a suas instituições de ensino - tornarem-se invisíveis.

Diretrizes apontadas e recomendadas pelos entrevistados para futuros retornados, demonstram que a decisão de regressar precisa ser tomada depois de pensar bem, que entendam que o início do retorno é difícil, porém que não desanimem; que aprendam o máximo que podem em especial a língua no país para onde migraram; que voltar a estudar não é simples mas é muito importante; que procurem um grupo, como por exemplo a universidade, para se integrarem e que se socializem.

No que tange a reemigração, os três entrevistados declararam sua vontade de reemigrarem, embora ainda não saibam exatamente quando. Alguns pontuaram que esperam pelo término de suas faculdades outros por uma posição na empresa multinacional que

trabalham para reemigrar via empresa ou uma oportunidade que surja. Mas não há um momento marcado para que essa reemigração aconteça.

Em uma síntese da voz dos retornados nesta pesquisa, afirmamos que no momento de chegada há muitos desafios que se mostram, desde o estranhamento, passando pelo luto, as consequências psicológicas, a construção de um novo lugar de cultura entre culturas e de uma identidade no retorno, entre outros.

Conforme o tempo passa, a crise de se estar com a mente no país receptor, mas com o corpo no país de origem toma lugar, levando os retornados a tentarem lidar com suas realidades do regresso enquanto tentam resolver a equação interna do lá e do cá. Para este intento eles se valem das estratégias de adaptação que são criadas a partir das suas experiências de emigração, que são diversas e cujas origens e criações vêm a partir dos sujeitos da migração.

Finalmente, a reflexão que é inerente ao ser humano retornado é a da possibilidade de reemigrar, assim uma hora ou outra todos os retornados irão ter que decidir entre refazer a vida no país de origem e passarem pela adaptação e criarem um novo pertencimento ou refazerem as malas e colocarem em prática o seu projeto de reemigrar.

Ao fazermos o exercício de compreender como se constitui a experiência de migração de retorno, quais os desafios enfrentados pelos entrevistados e como lidaram com eles na sua experiência de migração na juventude, bem como no retorno, percebemos o quão complexo e desafiador é este processo, mas, ao mesmo tempo, percebemos que há ainda muito a ser compreendido.

Terminamos esta dissertação com algumas respostas, mas também com muitas perguntas. Apesar da compreensão das experiências culturais de que se valeram no processo do retorno com a finalidade de obter respostas para os questionamentos levantados nesse trabalho, chegamos às constatações que foram compartilhadas anteriormente por nós nas considerações desta seção.

## REFERÊNCIAS

ACHOTEGUI, J. Migración y Crisis: El Síndrome del Inmigrante con Estrés Crónico y Múltiple (Síndrome de Ulises). **Advances in Relational Mental Health**, Madrid, v. 7, n. 1, p.58-63, jan. 2008.

ACNUR. “**Refugiados**” e “**Migrantes**”: Perguntas Frequentes. 2018. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/2016/03/22/refugiados-e-migrantes-perguntas-frequentes/>>. Acesso em: 15 outubro 2018.

ALVES, M. Z. **Ser alguém na vida: condição juvenil e projetos de vida de jovens moradores de um município rural da microrregião de Governador Valadares-MG**. 2013. 213f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

ASSUMPÇÃO, G.; GONÇALVES, M. “Transtornos somatoformes são aqueles em que há a presença de sintomas físicos que sugerem uma situação médica geral, mas sem base médica constatável, pelos efeitos diretos. **Psychiatry online Brasil**, Brasil, v.16, n.7, nov. p.1 – 1 2011. Disponível em: <<http://www.polbr.med.br/ano11/prat0711.php>>. Acesso em: 15 outubro 2018.

AUGUSTO, M. H. O. Retomada de um legado: Marialice Foracchi e a sociologia da juventude. **Tempo Soc**, São Paulo, v.17, n.2, p. 11-33, nov. 2005.

BAPTISTA, E. A.; CAMPOS, J.; RIGOTTI, J. I. R. Migração de retorno ao Brasil. **Mercator**, Fortaleza, v.16, n.1, p.160-2010, jan, 2017.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. 22p.

BENJAMIN, W. Erfahrung. In: \_\_\_\_\_. **La Metafísica de la Juventud**. Barcelona: Ediciones Paidós, 1993, p.93-97.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2007. 441p.

BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev Bras. Educ**, Rio de Janeiro, v.1, n.19, p.20-28, jun. 2002.

BRANDÃO, C. R. **Educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1985. 61p.

BRANDES, L. A. **Migração internacional**: Implicações psicológicas do retorno do emigrante internacional ao seu lugar de origem. Universidade do Vale do Rio Doce. Governador Valadares. 2014.

BRASIL. **Constituição da República federativa do Brasil de 1988**. 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em 30 novembro 2019.

BRASIL. **Deportação e Repatriação**. 2014. Disponível em: <<https://www.justica.gov.br/seus-direitos/migracoes/medidas-compulsorias/deportacao-e-repatriacao>>. Acesso em 30 novembro 2019.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 406, de 4 de maio de 1938**. 1938. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-406-4-maio-1938-348724-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 30 novembro 2019.

BRASIL. **Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980**. 1980. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L6815.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6815.htm)>. Acesso em: 28 nov. 2019.

BRASIL. **Decreto nº 86.715, de 10 de dezembro de 1981**. 1981. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/Antigos/D86715.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/Antigos/D86715.htm)>. Acesso em: 28 nov. 2019.

BRASIL. **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013**. 2013. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm)>. Acesso em: 28 nov. 2019.

BRASIL. **Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017**. 2017. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/13445.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/13445.htm)>. Acesso em: 28 nov. 2019.

CELESTINE, A. **Perspectiva da proteção jurídica aos migrantes forçados**. 2F. Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídico-Políticas, Menção em Direito Internacional Público e Europeu): Universidade de Coimbra, Coimbra, 2018.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991. 120p.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Rev Bras Educ**, Rio de Janeiro, v.1, n. 24, p.40-52, Dec. 2003.

DEBIAGGI, S. D. Homens e mulheres mudando em novos espaços: famílias brasileiras retornam dos EUA para o Brasil. In. DEBIAGGI, S.; PAIVA, D. G. J. **Psicologia, E/imigração e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p.135-164.

DEWEY, J. **Experiência e educação**. 2 ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1976. 121p.

DICKSON, A. **Exclusive: Brightest and best migrants will continue to come to East Anglia, says Prime Minister**. 2017. Disponível em:< <https://www.ipswichstar.co.uk/news/exclusive-brightest-and-best-migrants-will-continue-to-come-to-east-anglia-says-prime-minister-1-4858545>>. Acesso em: 31 nov. 2019.

DIMITRI, F. Análise de redes sociais e migração dois aspectos fundamentais do “retorno”. **RBCS**, São Paulo, v.25, n.72, p.8-100, fev. 2010.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educ Rev**, Curitiba, v.1, n. 24, p.213-225, dez. 2004.

DUBET, F. **Sociologia da experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994. 164p.

FAZITO, D. **Reflexões sobre os sistemas de migração internacional**: proposta para uma análise estrutural dos mecanismos intermediários. 204f. Tese (Doutorado em Planejamento Regional): Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

FERNANDES, D.; CASTRO, M. C. G. Migração e crise: o retorno dos imigrantes brasileiros em Portugal. **REMHU**, Brasília, v.21, n. 41, p 99-116, jul./dez. 2013.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo**. 3 ed. Brasília: Líber Livro, 2008. 120p.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989. 64p.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997. 72p.

GREEN, D. **New immigration policy favours the wealthy, say critics**. 2012. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/uk/2012/feb/02/selective-immigration-policy-wealthy>>. Acesso em: 31 nov 2019.

HALL, S. Pensando a diáspora. Reflexões sobre a terra no exterior. In: HALL, S. **Da diáspora**. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: 2003. 25-50p.

HEIDEGGER, M. **La esencia del habla**. In de camino al habla. Barcelona: Edicionaes del Serbal. 1987, 80p.

IOM. International Organization for Migration. **More than numbers**: How migration data can deliver real-life benefits for migrants and governments. New York: IOM, 2018. 124p.

KÄSER, L. **Diferentes culturas** – uma introdução à etnologia. Londrina: Editora Descoberta, 2004. 85p.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. 20 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

LARROSA, J. Tecnologia do Eu e Educação. In: SILVA, T.T. **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1999. 245p.

LAROSSA, J. **Linguagem e Educação depois de Babel**. 2004, 157p.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. 97p.

MANDELLI, M. T. Correndo atrás de seu projeto de vida: um estudo com participantes do programa jovem aprendiz. 143f. Dissertação (Mestrado em filosofia): Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

MARINUCCI, C. L. R. **Migrações, refúgio e comunidade cristã Reflexões pastorais para a formação de agentes**. São Paulo: PAULUS, 2018. 172 p

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac e Naify, 1978. 721p.

MAYAN, M. J. **Essentials of Qualitative Inquiry**. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2009. 12p.

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Rev Bras Educ**, Rio de Janeiro, v. 5, n.6, p.5-15, maio/dez. 1997.

MENDES, G. A. Migração internacional: uma relação histórica com implicações sociais e econômicas entre México e Estados Unidos. **C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA**, Ilhéus, v.1, n. 2, p.46 – 54, nov. 2013.

OIM. Organização Internacional para as Migrações. **Direito Internacional da Migração: Glossário sobre Migrações**. Genebra: Organização Internacional para as Migrações, 2010. 42p.

OLIVEIRA, A. T. R. Nova lei brasileira de migração: avanços, desafios e ameaças. *Rev bras estud popul*, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 171-179, abr. 2017.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Estudo da ONU aponta aumento da população de migrantes internacionais**. 2019. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/estudo-da-onu-aponta-aumento-da-populacao-de-migrantes-internacionais/>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

PATARRA, N. L. Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas. **São Paulo Perspec.**, São Paulo, v.19, n.3, p.23-33, set. 2005.

PATARRA, N. L. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. **Estud Av**, São Paulo, v. 20, n. 57, p.7-24, Aug. 2006.

PEREIRA, S.; SIQUEIRA, S. Migração, retorno e circularidade: Evidência da Europa e Estados Unidos. **REMHu**, São Paulo, v.21, n.41, p.117-138, jun. 2013.

PIORE, J. **Michaelbirds of passage: migrant labour and insudtrial societies**. Cambridge: University Press, Cambridge, 1979. 229p.

POLLOCK, D. C.; REKEN, R. E. V.; POLLOCK, M.V. **Third Culture Kids: The experience of growing up among worlds**. 2ed. Yarmouth: Intercultural Press, 2017. 320p.

ROMANELLI, G. A entrevista antropológica: troca e alteridade. In: ROMANELLI, G.; ALVES, Z. M. M. B. **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa**. Ribeirão Preto: Ed. Legis Summa Ltda, 1998, p. 119-133.

SAHLINS, M. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte I). **Mana**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 41-73, abr. 1997.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp. 1998, 299p.

SAYAD, A. O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. **Travessia**, São Paulo, v.13, n.1, p.7-32, jan. 2000.

SIQUEIRA, S.; BRANDES, L. A. “Migração e Retorno: Implicações Psicológicas da Experiência Migratória”. In: DIAS, L. A. **Migrações Internacionais e Políticas Públicas: Goianos(as) no Mundo**. Goiânia: UFG, 2015, p. 173-90.

SIQUEIRA, S. **Migrantes e empreendimentos na microrregião de Governador Valadares: sonhos e frustrações no retorno**. 201f. Tese (Doutorado em Sociologia e Política): Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2006.

SIQUEIRA, S. **Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno**. Brasil/Estados Unidos. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

SOUSA, L. G. **Redes Sociais, Mercado e Cultura Migratória** – Um estudo sobre fatores associados à mobilidade populacional na Microrregião de Governador Valadares no Século XXI. 126f. Tese (Doutorado em Demografia): Universidade Federal de Minas Geras, Belo Horizonte, 2016.

TEIXEIRA, P. E.; BRAGA, A. M. C.; BAENINGER, R. Migrações: implicações passadas, presentes e futuras. Marília: Oficina Universitária, 2012. 368 p.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Declaração universal dos direitos humanos**. 1948. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2019.

VALENTE, A. L. E. F. A educação no campo e a sua realidade: a esquizofrenia teórica em xeque. **Retratos de assentamentos**, Araraquara, v.1, n. 11, p. 261-281. jul. 2008.

WALTEROS, J. A. G. La migración internacional: teorías y enfoques, una mirada actual. **Semest Econ**, Medellín, v. 13, n. 26, p. 81-99, jan. 2010.

WIKIPÉDIA. A Enciclopédia Livre. **Caseworker (social work)**. 2019. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Caseworker\\_\(social\\_work\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Caseworker_(social_work))>. Acesso em: 01 nov.2019.